FON-FON
XXIII — N.º 39
de Setembro de 1929
Preço: 1$000

MOÇOS E VELHOS RHEUMATICOS

Tambem os moços estão sujeitos a ataques rheumaticos, sobretudo quando se expõem, por muito tempo, ao frio e á humidade. Os velhos, porém, são muito mais achacados, dada a tendencia que apresentam de reter os uratos nas articulações.

Para combater esses ataques existem muitos medicamentos de applicação local. O mais indicado, ultimamente, pelos medicos que acompanham os aperfeiçoamentos chimicos allemães — é a Fricção Bayer de Espirosal, cujo effeito é admiravel, sem, entretanto, apresentar o inconveniente de certos preparados de cheiro intoleravel.

Estamos informados de que esta utilissima fricção, de varias outras indicações contra dôres, já se encontra nas bôas pharmacias de todo o paiz.

AMEAÇA CONSTANTE

Um dente cariado representa verdadeira ameaça á saude e mesmo á vida, porque constitue um perigoso deposito de germes pathogenicos. Para se defender deste perigo e para evitar novas caries, ha toda conveniencia de manter rigoroso asseio da bocca, escovando os dentes depois das refeições e, sobretudo á noite, com agua, sabão ou, melhor, com a solução feita com os glóbulos de Ortizon Bayer. Estes glóbulos, dissolvidos em agua, formam uma especie de agua ozonizada perfumada, excellente para a remoção dos detritos que se depositam entre os dentes e para a desinfecção geral da bocca. E' indispensavel remover estes detritos, que se putrefazem, determinando as caries, o mau halito e as dores de dentes. Para este fim nada melhor que o Ortizon.

O conto brasileiro

LUCIOLA

por DANTE COSTA

ATÉ' hoje não comprehendi como foi aquillo.

Já se passou algum tempo. Estava eu nos meus dezoito annos bem nutridos, com um corpo que diziam robusto e uma responsabilidade muito grande sobre as costas: ser advogado.

Morava numa pensão barata, lá para os lados de Santa Thereza, onde recebia tres vezes ao anno a visita de meu pae, o respeitavel fazendeiro Fabricio dos Santos, que vinha ver de perto os meus progressos criminalistas: os progressos do Lombroso de Minas — como elle dizia orgulhoso...

E' preciso dizer que eu era de um irritante bom comportamento. Quasi não sahia á noite, a não ser para algum namorico infantil e innocente. Por isso, nunca deixei de ser o senhor Eustorgio Dias dos Santos, terceiro annista de direito.

A minha fama de rapaz bem comportado já corria mundo, e, além disso, a qualidade de "bom partido", que a futura herança me emprestava, fazia com que as moças da pensão me distinguissem com toda a sorte de gentilezas.

Assim, correspondendo á delicadeza de uma dellas, é que fui á festa daquelle collegio de Laranjeiras. Festa de encerramento de aulas, parece.

Nessa festa estava Octavio. Tinha dez annos, muita intelligencia e muito desembaraço.

O meu retrahimento habitual não me impediu de dançar algumas vezes; mas a verdade manda que se diga, que a maior parte da tarde eu a passei conversando com Octavio.

Agradava-me a vivacidade das suas attitudes, a alegria dos seus gestos.

Já á tardinha, quando me preparava para sahir, chegou na salinha esse "caso" que foi Luciola...

A' primeira vista, pensei que fosse irmã de Octavio; mas o meu espanto foi enorme:

— Mme. Machado, minha mãe..

E eu que já havia pensado em mais uma conquista familiar e sem consequencias, transformei por completo as minhas attitudes: enchi-me de respeito e cerimonias.

Sim, porque na familia de Fabricio dos Santos, de Itamhaé, não se admittia o menor deslise conjugal.

Era uma coisa que estava entranhada no meu cerebro e delle não sahia nem a cacete.

Mas, como chovesse muito e no bolso ainda restassem uns cincoenta mil réis da ultima mesada, num gesto de cortezia (eu sempre fui cortez) tomamos um taxi.

No automovel, Luciola, sentada entre o filho e eu, espalhava um aroma forte de carne moça e ardente; era, toda ella, uma provocação que eu nem siquer notava, na minha confiança na intangibilidade dos lares... Eu estava saturado das theorias honestissimas de Itamhaé...

Fomos até á sua casa. Não entrei, "para descançar um pouquinho", apezar da insistencia do convite; e depois de uma troca amavel de cartões, nos despedimos com um burguez — "Excellentissima, ás ordens" — que eu, respeitoso, curvo e ridiculo, espectorei na tarde chuvosa.

Naquella noite voltei para Santa Thereza sem a menor lembrança de Luciola, que eu esperava nunca mais encontrar. Mas, logo pela manhã, ás nove horas, fui acordado por Maria das Dores, uma portuguezinha empregada da pensão:

— "Lhe estão chamando ao apparelho..."

Era Luciola. Queria convidar-me para uma recepção dois dias depois. Infelizmente, eu não podia ir. Mas isso não impedia que conversassemos uma bôa meia-hora, o que encheu de raiva a dona Carminda, uma hospede rabujenta que não admittia se occupasse o telephone por mais de cinco minutos.

Logo nesse primeiro contacto, vi o estranho temperamento de mulher que era ella, pela conversa cheia de paradoxos, de theorias absurdas, agradavel por isso mesmo.

Depois dessa vez, quasi sempre ella me telephonava, ora de dia, ora á noite, sempre mantendo eu uma attitude cerimoniosa, que foi desapparecendo com a intimidade que ella tomava.

Comecei, então, a perceber que alguma coisa lhe havia impressionado. O que, não sei. Só sei que puz de lado a timidez e a cerimonia e passei ao olhal-a como

(Conclue na pag. 76)

O COMMENTARIO

A palavra do sr. Borges de Medeiros, chefe incontestado do Rio Grande do Sul, através dum vespertino de grande circulação como a "A Noite", calou profundamente no espirito da nação. Com a sua alta responsabilidade e o seu profundo senso das coisas, o eminente gaucho condemnou formalmente como leviandades as ameaças de revolução e de separatismo que borbulharam por ahi. As jovens e ardentes cabeças de alguns riograndenses exaltados devem curvar-se agora ante a palavra serena e prudente daquelle que os guia no scenario da politica nacional. E a nós, que estamos de fóra dos pleitos travados, como á opinião publica do Brasil somente resta indagar como n'aquelles versos de Homero:

"Que fim levaram as fanfarronadas com que alguns apregoavam ser os mais valentes dos mortos?"

Uma Alma Anciosa

(CHATEAUBRIAND)

Melchior de Vogüé

FOI em Combourg que, pela unica força de seu desejo, elle creou do nada a sylphyde, a amante de sua vida. Riram-se muitos desta invenção, quizeram vêr em tal cousa uma phantasia, um exercicio de estylo. Como era mal conhecido o poeta! Sua primeira chimera foi mais viva, mais real, que todas as creaturas de carne e osso que exaltou em seguida, ou antes; ella se continha todas, e as creaturas não foram senão suas pallidas incarnações. E' talvez a unica que o possuiu. Só se sente Chateaubriand vendo-o nas charnecas, ao cahir dos dias outomnaes, com sua feiticeira, "envolta em seus cabellos e em seus véos", cruel e deliciosamente possuido pelo sêr sempre presente. Ninguem o comprehende se não encontrar nesse episodio a chave de toda a sua existencia; e é com muita razão que intitulou esse capitulo das *Memorias*: "Revelação do mysterio de minha vida". Admiro-me que um furão de physiologia como Saint-Beuve não tivesse percebido todo o que ali havia para elle.

Até o dia em que Chateaubriand veiu repousar em Grand-Bé, as diversas e furiosas agitações de sua vida não tiveram senão um fim: extinguir a sylphide. Ella se chamará alternativamente a mulher, tal ou tal mulher, o poder, tal ministerio, ou tal embaixada, a gloria, os paizes que a imaginação vê numa miragem, o poema fluctuante no espirito; e receio bem que a religião praticada pelo escriptor, seja ainda ella. Apenas nascida, ella é já tudo isto:

"Por um divertimento de sua imaginação, essa Phrynéa que me enlaçava nos seus braços era tambem para mim a gloria e sobretudo a honra." Através de suas metamorphoses personificará o proprio sonho; é o alimento do proprio desejo. E durante os minutos em que acreditar extinguir a sylphide, não experimentará senão cansaço e tristeza, porque o desejo muito violento gozou-o antecipadamente, na imaginação; porque no momento de dar-se, ella põe em seu logar uma realidade grosseira, e é a sylphide que elle ama. E em seguida e durante muito tempo, procura-a na mulher. Desde os annos de Combourg, sabe-se o perigoso equivoco de que o seu coração escapou de ser victima; ninguem saberá nunca o que introduziu de recordação ou ajuntou de imaginação á ficção de *René*. "Eu crescia ao pé de minha irmã Lucilia, nossa amizade era toda a nossa vida." Depois então, desde Charlotte Yves até mme. Récamier, parece-me bem que a sylphide tomou successivamente a figura de todas as nobres sombras que passam nas *Memorias*. E' quasi toda a sociedade feminina do Imperio e da Restauração, excepto um unico nome, talvez, o de mme. Chateaubriand. Quando a idade veiu condemnar sem extinguir essa forma do desejo, elle se revolta com uma angustia tragica: envelhecer era a unica desgraça que o abatia de todo e que supportava sem resignação. Conhecida é a anecdota contada por Saint-Beuve:

"— Parece-me muito triste hoje, dizia-lhe uma manhã mme. de Pastoret, ao encontral-o sozinho numa aléa do parque de Champlatreux.

— Ah! senhora, confessar-lh'o-ei! — respondeu — uma grande infelicidade me está acontecendo hoje.

— Qual?

— E' que faço hoje quarenta annos. Estes quarenta annos bem poderiam chegar mais tarde do que manda a natureza.

E como apezar de tudo, elle se conservasse rebelde a essa advertencia da idade, seus admiradores recearam que os affligisse com uma velhice sem dignidade. Foi grande o perigo, adivinhamol-o lendo *Enchantements de Prudence*. Seu orgulho, freio perpetuo de seu desejo, preservou-o; o orgulho e a bôa fortuna que teve de cahir, nos annos de decadencia, sob a fria dominação de uma pessôa devotada, mas tambem de grande reflexão, ciosa de dirigir uma gloria que fizera sua, e que tolheu os seus passos ás loucuras.

Como Luis XIV, esse rei de espirito tão pouco senhor de si mesmo, teve a felicidade de encontrar em mme. Récamier sua mme. Maintenon, mais bella, mais poetica, bem experimentada para bem emmoldurar um nobre occaso para defendel-o contra as baixas miserias por onde resvalam os Luis XV. E' a apotheose de Abbaye-aux-Bois que o nome de Chateaubriand evoca logo para nossas imaginações, tanto se esforçaram todos em persuadir-nos de que essa ultima união fôra sua grande *questão* intima. Mas para conhecer o segredo da força que lhe deu o dominio intellectual, para encontrar esse segredo no illimitado do desejo, é preciso ir buscar o homem nos seus annos triumphaes de 1800 a 1810, annos de que elle guardou sempre amarga recordação. Nelle, sempre o consulado valeu mais do que o imperio.

Graças ás numerosas publicações que precisaram as confissões das *Memorias*, graças, sobretudo, aos amaveis livros de mr. Bardoux, póde-se restabelecer para cada um desses annos o registro inconstante de suas preoccupações minimas, e, por vezes, o registro tinha de ser feito em partidas dobradas. Entretanto, elle escrevia, isto é, ia colher ramalhetes de sonhos e de gloria para depositar aos pés da divindade do momento. Não o disse elle mesmo ao partir para a sua peregrinação da Terra Santa? "Eu ia á procura de imagens... — e ajunta mais tarde, — e da gloria para me fazer amar".

Para fazer-se amar em Alhambra, que era o alvo secreto e verdadeiro da viagem. O que Bonaparte fez para seduzir a França, voltando para ella com o prestigio do Oriente submettido a suas armas, Chateaubriand imagina levar a effeito para seduzir uma mulher, trazendo-lhe o Oriente submettido á sua penna. Trabalha para e por suas inspiradoras; vae ler-lhes, cheio de enthusiasmo, o capitulo ou o artigo politico que acaba de compôr; muitas vezes recebe-o de suas suggestões ou o modifica a seu capricho, como seu rival Benjamin Constant.

Em 1801, escreve a melhor parte do *Genie du Christianisme* sob os olhos de mme. de Beaumont, nesse retiro de Savigny onde partilhava do ninho da pobre "andorinha", onde "ella copiava as citações do livro". Ella morreu, como mme. Custine; elle lhes pagou sua divida com duas phrases sumptuosas sobre o esquife.

Ignorando-se mesmo esses detalhes biographicos, bastaria ler com attenção os livros de Cha-

"Bom tom..."

e bom gosto

Tomar chá depois do theatro é de "bom tom". Tomal-o com biscoitos AYMORÉ é indiscutivelmente de bom gosto. Bom gosto, repetimos, pela excellencia do sabor e pela apparencia appetitosa que têm esses biscoitos.

Não se esqueça pois, de recommendar ao seu creado que o chá seja servido com os saborozos...

BISCOITOS AYMORÉ

MOINHO INGLEZ • RUA DA QUITANDA, 108 • RIO

SECC. PROP. MOINHO INGLEZ J.P.

teaubriand — escolher os mais graves — para nelles sentir em cada pagina que o pensamento e o estylo não são senão uma offerenda perpetua, uma transposição do amor. Qualquer canto do Universo cujo quadro descreva, e até scenas religiosas, paysagens e ceremonias, são pretextos por detraz dos quaes lateja o desejo de encontrar o idolo.

Confessa ingenuamente, voltando ás *Memorias*, na sua bella descripção da oração no mar: "Afigurava-se-me que ella palpitava por detraz do véo do Universo que a occultava a meus olhos."

Se insiste sobre esta feição do homem, é que ella explica a meus olhos todo o escriptor, seu modo de agir, seu valor particular, o dominio universalmente soffrido. Saint-Beuve percebeu-a bem, a "essa chamma profana e muito cara que elle levará, que conservará em toda a parte, até em meio das scenas e dos assumptos mais capazes de conduzir a uma austeridade simples, que rescenderá como um perfume de laranjeira velada."

Mas a critica a diminue e avilta quando elle não vê na mesma "senão um elemento muito positivo, elemento profano e pagão, o homem vivendo pelo desejo, um epicurista." Não: essa chamma é a propria alma de Chateaubriand; é a essencia do seu genio, unica nas manifestações celestes e terrestras; ella é o Desejo, creador de tdas as cousas, no sentido do mytho antigo; a lembrança do céo perdido e a expectativa do ineffavel, no parecer christão. Saint-Beuve enganna-se, sobretudo, quando assignala como causa de inferioridade litteraria o que chama "o desaccordo entre a inspiração verdadeira e o resultado apparente, a falta de harmonia e de verdade no seio das mais bellas obras". Atacando nesse resumo a obra de arte do *Genie du Christianisme* "elle servia-se de seus dentes" como lhe disse mr. Brunetiére. O poder litterario de nosso grande poeta vem precisamente dessa contradicção entre os assumptos que trata e o sentimento que nelles depõe.

Sua sensibilidade destinava-o naturalmente á litteratura apaixonada. Supponhamos que surgisse cincoenta annos antes, na liberdade do seculo XVIII; teria feito versos galantes. Imaginemol-o cincoenta annos mais tarde, na decadencia das lettras contemporaneas; teria feito romances altisonantes, onde todo o seu ardor se teria expandido. Nos dois casos, póde-se affirmar com segurança, seu dominio sobre espiritos e corações teria sido menor, sua posição litteraria menos eminente. Teve o tormento e a felicidade

UMA ALMA ANCIOSA

(Conclusão)

que se deve desejar a todo escriptor: ser perpetuamente contrariado em sua inclinação. Aqui ainda, serviu-lhe bastante o orgulho, se, como podemos presumir, o respeito que sentia por sua condição social o tenha mantido nos assumptos serios e no estylo moderado. Deveu tambem á necessidade de acção, mais forte nelle do que o gosto de escrever, a direcção tomada pelo talento contra a natureza; quiz manejar grandes idéas para influir sobre seus contemporaneos.

Desse desaccordo intimo, que offuscava Saint-Beuve, nasceu essa vibração musical das idéas severas, esse estylo unico, forte e persuasivo como paixão refreada, semelhante aos cimos vulcanicos onde o solo estremece sob a ebulição das lavas, onde o fogo irrompendo subitamente pelas menores fendas, funde as neves hybernaes, queima os pés junto ás geleiras. Todo o mundo se deve lembrar do que dizia mme. de Beaumont: "O estylo de mr. de Chateaubriand me faz experimentar uma especie de fremito de amor, é como se estivesse a tocar cravo sobre todas as minhas fibras."

Mesmo quando pensa na mulher, mesmo não escrevendo nunca senão sob o impulso do desejo, essa vibração continua persiste em sua phrase. Se é o desejo do poder, suas brochuras, seus artigos politicos palpitam de ambição, de colera, de ironia vingadora. As descripções historicas ou puramente pittorescas foram buscar vida e brilho no mesmo principio. Chateaubriand e todos os verdadeiros romanticos que lhe succederam, não olham as scenas da historia ou os aspectos do mundo com a serenidade estudiosa dum Goethe.

Deante do mundo e do passado o primeiro movimento do eu de todos elles, do eu usurpador, é assimilar *os motivos superiores*; porque ninguem póde supportar cousa alguma fóra do eu; porque tudo o que se admira é materia que se deseja. A paixão da côr local, do exotismo, é ainda uma tentativa para attingir o desconhecido, para possuir a sylphide. O romantico não vae para o mundo, attrae o mundo para si. E não existe senão um meio para realizar esta assimilação: aprisionar os seculos mortos ou as paysagens longinquas nas palavras que são cousa nossa. Quanto mais intenso é o desejo, maior a força do escriptor, maior a vontade de abraçar o universo inteiro num só de seus periodos.

Chateaubriand, tendo desejado mais do que os outros, a todos dominou. Lança sua phrase palpitante sobre esse universo, doura-a com os primeiros raios do dia sobre o Taygète ou o Thabor, embebe-a nas aguas do Meschacébé, do Nilo e do Jordão, fal-a passeiar longamente sobre a extensão triste dos mares, adormece-a durante noites nas savanas da Florida e nos desertos da Syria; retarda-a para recolher os cantos dos passaros e os murmurios dos ventos; eleva-a ao mesmo tempo, a Deus, para que o Todo Poderoso nella deixe alguma cousa de sua grandeza e de sua eternidade; e como ella não traz tudo em si, esse *todo* que não satisfaria mesmo o seu desejo, recolhe-a, torna a mergulhal-a dolorosamente no coração; a menos que, cansado e presa de desgostos, elle não a retenha de repente, "remuda e exaltada."

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

Director:
SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso.
Thesoureiro: Cyro Machado.

Direcção, Redacção e Officinas: 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)

Telephones — Director: C. 0177 Administração: C. 4186 — Endereço Teleg.: «Fon-Fon»

— Caixa Postal 17 —

RIO DE JANEIRO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000
Semestre .... 26$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo:
EMPRESA AMERICANA DE PUBLICIDADE, LTDA.

Praça do Patriarcha, 3 - sob.
Caixa do correio, 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C., 9, Rua Tronchet, Paris. — 19, 21, 23, Ludgaate

URODONAL

evita a arterio-esclerose

Aconselhado pelo Professor Lancereaux, ex-Presidente da Academia de Medicina (França)

O signal da temporal indica o inicio da arterio-esclerose.

« A indicação principal no tratamento da arterio-esclerose consiste, antes de tudo, em impedir a formação e o desenvolvimento das lesões arteriaes. No periodo de pre-esclerose, o acido urico que é o unico factor de hypertensão, faz que se deva luctar energicamente e frequentemente contra a sua retenção no organismo, empregando-se o Urodonal. »

Professor Faivre.

Professor de Pathologia Interna da Universidade de Poitiers, França

Estabelecimentos CHATELAIN,

12 Grandes Premios

Fornecedores dos Hospitaes de Paris

2, rua de Valenciennes, em Paris e em todas as Pharmacias.

Tem-se a idade das suas arterias; conservem-se as arterias jovens com o URODONAL; evita-se d'este modo a arterio-esclerose que endurece as paredes dos vasos, tornando-os friaveis e rigidos.

Approvado pelo Departamento Nacional de Saúde Publica do Rio de Janeiro — N.º 53 16 de Janeiro de 1920

«Depositario exclusivo para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

Pedrinho

O grande "atelier" brilha numa profusão de luzes. Sobre as paredes e nos cavalletes os quadros projetam sombras alegres. O pintor Pierre Lascarille, de pé, deante de uma mesa, cheia de coisas diversas, consulta uma lista e reflecte sobre cada titulo que a compõe. Tudo parece estar muito bem: o catalogo de suas obras, expostas na galeria Gustavo Grand é eloquente. Dez télas du Berry, dez télas de la Creuse, cinco de Paris — pois é mistér que um pintor pague o seu tributo á capital — e cinco retratos de Pedrinho.

E eis uma coisa que o emociona: convocar o publico de amadores e indifferentes a admirar o garotinho encantador que, mais que a sua arte, o prende á vida.

— Com o prefacio de Jean Baslot, uma reproducção sobre a eupa, este catalogo estará um encanto. Vamos!

Depressa! Levemol-o á typographia. Tudo deve estar prompto na proxima semana.

O pintor toma o chapéo, que está sobre o canapé e grita com alegria:

— Até á volta, Pedrinho.

Do alto, do balcão decorado de tapetes raros, uma voz jovem, responde:

— Até logo, papae.

A porta se fecha. O grande "atelier" parece invadido por um impressionante silencio. Mas eis que, lá no alto, sobre um tapete persa, uma cabeça loura apparece. E' Pedrinho, que observa e diz a si mesmo:

— Elle partiu.

Até elle chega o cheiro do fumo côr de ouro; e mesmo, dentro do cinzeiro, sobre o guéridon, ainda fumaça uma ponta de cigarro.

— Elle partiu, reforma Pedrinho.

No emtanto, parece que um pouco delle mesmo ainda está presente.

Elle fica pensativo.

Essa presença invisivel, elle a adivinha, porque a sente planar na atmosphera; tudo ali parece ter retido fragmentos da sua personalidade. Tudo: o quadro collocado por elle, um pouco atravessado; aquella penna que está pousada á borda do tinteiro de marmore; tudo!

Mas, sobretudo, essa luva esquecida, que, sobre a velha encadernação de um livro, simula, perfeitamente, o repouso de uma fina e fidalga mão.

Lentamente, Pedrinho desceu. Cada degráo vencido correspondia a uma hesitação. Elle tem um papel na mão. Uma folha larga, sobre a qual as linhas regulares de uma calligraphia muito apoiada, estava traçada.

Pedrinho não podia destacar os olhos della. E mesmo quando a collocou sobre a encadernação de letras douradas, ainda a releu mais uma vez, porque as palavras muito pesadas, perderam, naquelle minuto decisivo, o seu exacto valor; todas aquellas hastes e curvas, onde a sua applicação se desesperou, não tinham mais significação; nada mais valia para elle senão as palavras, no alto da sua carta; essas o seu coração as sentia e absorvia. Só ellas acordavam um éco, o que éco! no fundo de sua alma.

Diversas vezes, elle as murmura, essas duas palavras que são um appello, uma caricia, uma prece, um laço forte: "Meu papae"!

Nos seus olhos brilham duas lagrimas. Com uma voz triste, elle parece ler cem esforço. Excepto o suave appello.

"Meu papae, eu li o *Petits Robinsons*. E' um livro lindo. Quero como elles, viver sob as grandes arvores das florestas. Parto. Não chore. Voltarei quando fôr grande. Levo a tua "gibeciére" de soldado. Tu m'a deste como presente de festas, não me censurarás por esse motivo. Não na estragarei. Escrever-te-ei quando tiver morto o meu primeiro urso. Vão commigo o teu retrato e o de mamãe. Beijo-te muito, papae".

Uma graphia mais applicada num paragrapho desageitado, traça — "Pedrinho".

Pedrinho hesita bastante. Mas passou tanto tempo a fazer a sua carta, ainda conserva tão viva a memoria de Henry e de Lucienne na floresta, elle já tem pensado tanto na sua partida que não ousa dizer: "Não tinha razão, vou ficar."

Será assim que se parte para as

Um conto de

PAUL - LUIS HERVIER

descobertas, com soluços abafados, que estrangulam a garganta. A mão de luva, atirada ali á espera, parece, sobre o tapete laminado de prata, se crispar em um gesto de mudo soffrimento.

Uma porta que se fecha, é Pedrinho deixou o "atelier".

* * *

Escutae, vós que tendes na calma da felicidade o tempo de imaginar todas as coisas, escutae essa porta que se fecha, o ruido que sobe no espaço vivo, mas deserto, não é como um dobre, não tem elle qualquer coisa de exquisito no silencio que vela? Escutae agora a porta que range para se abrir, não é um riso de appello que ella solta, para cantar depois: "Pedrinho, meu Pedrinho!"

Imaginae a nota feliz que vem resoar no silencio triste e hostil. Notastes bem que ha um choque, que a resonancia não é aquella de um som que penetra o espaço, feliz de se deixar conquistar?

Não! Vós não adivinhastes nada. Mas um coração de pae não se engana, e o sr. Lascarille, bem antes de ter notado, sobre a mesa, a carta de adeus, teve o presentimento de uma tenebrosa desgraça. Todos os quadros que escalavam o alto da parede, todos os objectos familiares que povoam as mesas e os "[illegible]", não têm as mesmas colorações alegres. Não! Não é porque o sol volteou e agora a luz entra de modo diverso no "atelier": é porque a atmosphera não tem mais a mesma força, não tem mais a mesma santa alegria.

Entre os olhos do pintor e o décor de todos os dias, ha o bro-[illegible] terno, mas real de apprehensão, como nas camaras de dôr; ha a penumbra cruel de inutil saudade.

— Pedrinho! Meu Pedrinho, onde estás tu?

Ninguem responde.

— Pedrinho! Meu Pedrinho!

O pintor sobe, dois a dois, os degráos da estreita escada, que ascende até ao balcão. Os degráos gritam e gemem lamentavelmente. Elles haviam emmudecido quando Pedrinho os desceu, ainda ha pouco tempo.

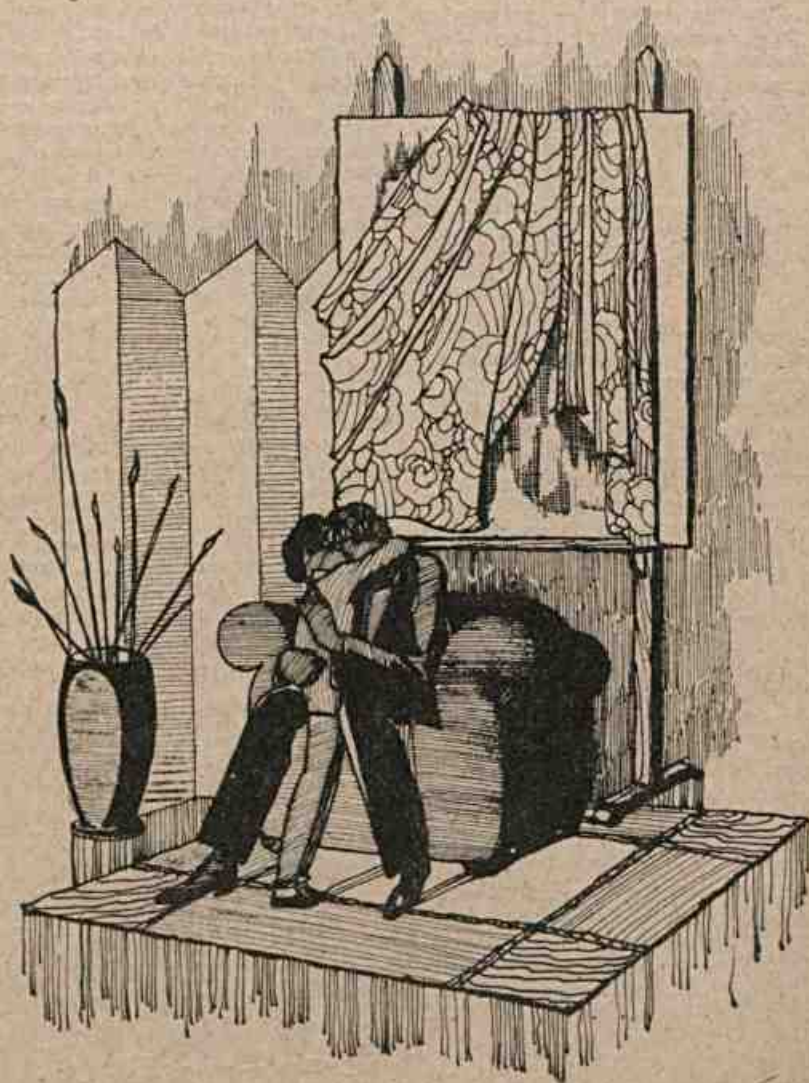
Perto do balcão, nada. Mas desse observatorio, o pintor distingue, sobre a mesa, a grande folha de papel branco. "E' preciso descer, parece ella dizer, conheço todo o segredo do mysterio..."

O pintor corre para conhecer o seu destino: "Petits Robinsons... Parto... a tua gibecière de soldato... tu não me censurarás... quando eu matar o meu primeiro urso... o retrato de mamãe... Beijo-te muito, meu papae".

Conjuncção de palavras e sentimentos, sensibilidades telepathicas, soluços que se respondem, que com os seus brincos e os seus risos. Os tapetes enigmaticos, sobre o balcão, têm, tocados por uma reverberação, manchados de tintas fanadas, o grande retrato, deante do qual elle acabava de fazer uma prece muda, repetindo: "Minha mamãe". Subitamente elle se sente invadido por uma melancolia infinita.

O pintor gemeu ainda:

— Pedrinho, meu Pedrinho!

Elle não ouviu a porta, sobre a qual deixou a chave por esquecimento, abrir-se, lentamente, e, num

se completam, o pintor cáe sobre o divan, entre os coxins, e chora, chora: antes de tudo, elle o faz chorar.

Tudo parece chorar com elle no "atelier" que Pedrinho animou ranger ardente, lhe dizer: "Pedrinho está ahi!" Esse mesmo Pedrinho que, alvoroçado, lhe murmura:

— Meu papae! Meu papae! Eu não pude partir!

Carnet de Marfim

Por

Henrique Mendes Calçada

Do ponto de vista da Vida, quem nasce não é mais do que uma bella esperança. Do ponto de vista do Nada, quem morre é já uma esplendida realidade. E, logicamente, assim como os vivos choram aos que morrem, assim tambem choram os mortos aos que nascem.

* * *

Elegante, engenhoso, mesquinho, discorria como discorrem as pessoas endinheiradas quando têm intelligencia e sentia como sentem as pessoas pobres quando não na têm.

* * *

Não sei por que se escreve com letra maiuscula os nomes dos paizes pequenos.

* * *

— E's um corruptor de consciencias, todo mundo o sabe — disse ao ouro uma repugnante velha suja e desdentada.

— Mentes, asquerosa bruxa! — respondeu o Ouro. — Jamais corrompi ninguem. Eu não faço mais do que proporcionar um pallido consolo ás almas daquelles que entristeceste para sempre!

Aquella velha fazia-se passar pela Moral, mas bem se via que era a Miseria.

* * *

Tinha tanta graça aquelle homem e tinha um espirito tão rapido, tão fino e tão brilhante, que, depois de escutal-o durante uma hora, todo o mundo ficava mortalmente triste.

* * *

Exceptuando o proprio idioma, desconhecia todas as linguas vivas, mas dominava com perfeição varias linguas mortas. Era, espiritualmente, um homem mais morto do que vivo.

* * *

Até o momento em que escrevo estas palavras, não sou marido nem cathedratico. Mas penso, mão grado minha falta de experiencia pessoal, que deve acontecer, com os maridos de hoje, o mesmo que occorre com os cathedraticos e com os mestres, isto é: exercem uma autoridade mais illusoria que real, por ausencia de sancções effectivas. Um professor não póde, hoje, como poderia oitenta annos atraz, infligir a seus alumnos, desapplicados ou vadios, castigos cuja só ameaça constituia já um correctivo efficaz. E deve ir, gradualmente, habituando-se á idéa de que o alumno que estuda é porque tem quéda para o estudo. Elle, por seu lado, nada póde fazer para levar ao bom caminho o menino que, decididamente, prefere o máo, o que não deixa de constituir um direito como qualquer outro. Emfim, tem que fechar os olhos deante de faltas que em bôa lei não deveriam ficar impunes, tem que fechar os ouvidos aos disparates mais garrafaes. Que um examinando attribue a Calderon de la Barca a paternidade de *D. Quijote*? Bem. Que se ha de fazer? O pobre menino não tem culpa que lhe não hajam ensinado melhor. Por outro lado, si vae ser veterinario, encadernador ou autor theatral, para que diabo necessita de uma grande cultura literaria? O examinador resolve, então, mostrar-se indulgente, pela simples razão de que não lhe resta outro recurso, salvo si estiver decidido a approvar em massa os examinandos. Não será identica a situação em que se encontram muitos maridos para os quaes têm a sociedade um sorriso de piedade? Está claro que o seu caso é infinitamente mais triste.

* * *

Para expressar os conceitos de *engenho* e *espirito*, empregam os francezes uma unica palavra: *esprit*. Estou longe de pensar que o facto represente a natural economia idiomatica daquelle povo,, e creio que essa apparente pobreza de lingua traduz uma profunda logica. E' difficil que uma pessoa de muito engenho não seja uma pessoa de muito espirito.

O passado de uma mulher a quem se ama, deve acceitar-se em massa.

Como a historia da Patria: com todas as suas glorias e tambem com todas as suas possiveis ignominias. Mas é indiscutivel que para uma e outra se requer consideravelmente dóse de enthusiasmo apaixonado e ingenua bondade. Talvez se deva a isso que aquelles individuos, em quem o sentido critico alcança o grão de hypertrophia, sejam, quasi sempre, patriotas frios e, do ponto de vista conjugal, candidatos exigentes.

* * *

Respeitoso de todas as opiniões desde que sejam honradas e sinceras, inclino-me ante a de quem renega os systemas democraticos de governo e se manifesta partidario decidido dos regimens absolutos. Vou ainda mais longe: penso que para uso exclusivo desse novo povo de Israel, para essa nação sem territorio que formam as modernas victimas da Revolução Franceza, se deve organizar, sem perda de tempo, em alguma parte do planeta, um pequeno estado neutro, sem exercito nem marinha de guerra — luxos muito onerosos, mas com seu rei absoluto, ao estylo de Henrique VIII, da Inglaterra, de Pedro, o Cruel, de Luis XI ou de Ivan o Terrivel. Um estado com suas prisões, seus patibulos e seus verdugos correspondentes. Com uma Inquisição modesta, mas o sufficientemente bem organizada para offerecer ao povo, de quando em quando, o espectaculo saudavel de uma bôa fogueira humana. Emfim, com todos os progressos da Edade Média. A organização desse estado — bem comprehendido — não seria muito facil, porque talvez se desse o caso de que todos os que preconizam as excellencias dessa especie de regimen quizessem ser chamados a constituir o governo. Em virtude de tal circumstancia, a projectada monarchia absoluta correria o risco de fracassar por falta de subditos, como os projectados autos de fé fracassariam por falta de materia prima. A solução, no emtanto, existe e é simples: não era preciso mais do que engastar nos paizes que se debatem sob a tyrannia democratica contingentes de vassallos voluntarios, afim de a flamante monarchia contivesse algo mais que estadistas. E, pergunto eu, qual seria o homem de espirito verdadeiramente liberal que se negaria a prestar esse pequeno serviço?

MISS ATLANTICO (Capital) — Ahi está! Posso dizer que já encontrei na minha vida uma consulente de espirito... mas sem alma...

Para que os leitores conheçam melhor o espirito de "Miss Atlantico" — com todas as suas ondas, a sua fauna, as suas tempestades e bonanças — aqui vae a cartinha que V. Ex. me dirigiu:

Yves. — *Poderá responder-me:*

1ª. — *Quando se dirige uma carta a uma pessôa, e ella não responde, deve-se insistir até obrigal-a a responder?*

Resposta — Depende. Si a carta é desinteressante, incoherente, frivola ou aggressiva, descortez, o mais logico é não exigir a resposta.

Si uma pessôa me pisa um callo e me pede desculpas, para que eu, soffrendo a dôr, ainda lhe responda: "Está desculpado", o melhor é que ella se vá embora, como si nada tivesse acontecido.

E' o caso da carta.

Agora, si esta é das que encantam o destinatario, o missivista está no direito de fazer lembrar a resposta. Apezar de que não creio que se deixe de responder uma carta gentil que nos encante.

2ª. — *Quando se lê uns versos dirigidos...*

Resposta — Quando isso se dá, a concorrencia se impõe. Toda mulher sabe muito bem de que modo poderá concorrer com outra, e vencel-a, muitas vezes. E' só agir.

3ª. — *Qual foi a mulher que, mentiu tanto que te fez vêr em todas as mulheres umas grandes mentirosas?*

Resposta — Foram todas as mulheres, umas grandes mentirosas que me fizeram vêr que uma certa mulher me mentiu tanto...

4ª. — *Haverá alguma lei, no FON-FON, que obrigue os seus cronistas a, cada um, escolher uma côr de olhos para adorar?*

Resposta — Ha uma lei, sim: — a do coração. E nós, moços e bons sonhadores, não desejamos infringil-a.

5ª. — *Quem escreve*, etc.

Resposta — Quem escreve aquelles commentarios? E' um chronista de coração vulcanico. — O se... é a alma do negocio... das letras.

NUAGE ROSE (Minas) — Aqui vae a sua missiva. Quero que se veja por ella que V. Ex. me pediu o estudo da sua letra. Eil-a:

"*Yves.* — Venho recorrer ao seu saber e á sua delicadeza para pedir-lhe um favor... Com certeza já está prevendo o que, não, Yves?.. Pois, acertou; é isso mesmo... Graphologia.

Sei que, muitas vezes, — pois, sou leitora assidua do "Saibam todos" — costuma você não attender a essa especie de pedidos, mas ha contudo certos felizardos que alcançam de você esse favor. Terei eu a felicidade de entrar nesse numero?

Queira Deus que sim, pois, desejo immenso saber o que revela minha letra.

De uma cousa previno-o: póde ser franco commigo, mostrando-me meus defeitos, e eu não querer-lhe-ei mal por isso. Nem por sombra... Sei que não sou nenhuma perfeição e estou muito longe de ser um prodigio. Mas, vou ser um pouqui nho optimista e pensar que, junto a uma fila de defeitos, póde haver tambem alguma qualidadezinha bôa...

Ha, Yves? Dou-lhe meu nome verdadeiro que é: Fico-lhe infinitamente reconhecida, Yves, e peço-lhe o favor de responder para o pseudonymo de — "*Nuage Rose*".

A sua graphia me põe deante de uma pessôa indolente, tranquilla, serena, vagarosa. Os seus nervos vibram surdamente, mas fazem de V. Ex. uma criatura enfermiça, muitas vezes mal humorada. Apparentemente, é gentil, delicada, um tanto ingenua. Retrogrado, é incapaz de contrariar aquillo que chama os "seus principios", os seus "pontos de vista", os "preconceitos sociaes", etc. E' docil e sabe conquistar sympathias com as suas maneiras captivantes. E é por isso que a dizem "bôazinha".

Idéas claras e syntheticas.

E' recta na sua vida.

Não é uma criatura alegre. Ao contrario, é uma criatura melancolica que se esforça por demonstrar alegria. Sentimental, é capaz de um affecto sincero. Mas não muito dedicada. Simplicidade. Vontade fraca, quasi nulla. Espirito vulgar.

JOÃO RAMOS (Capital) — Meu caro poeta, defeitos graves, no seu soneto, não ha; a não ser aquelle co'o céo do 1º. quartetto, que tanto o afeia. Mas o diabo é que o *Antes um cadaver* é tão chato, vulgar, pelo seu motivo e os seus logares communs que a sua publicação o recommendaria como o mais notavel discipulo do Conselheiro Acacio.

Imagine que o sr. tem a coragem de escrever:

... o misero que dorme, no seu esquife, para sempre, morto...

O sr. já viu alguem não morrer para sempre? Morrer a prestações? E o seu 1º. terceto? Pode-se pensar e graphar mais perfeitas tolices em tres versos decasyllabos? O sr. conquistou o 1º. premio da vulgaridade poetica. Não ha duvida.

Como o sr. póde zangar-se e dizer que é exaggero, dou aqui na integra o seu soneto. Leiamol-o.

Eil-o a dormir, inteiriçado e frio,
No seu esquife, o somno derradeiro:
Sonha talvez, co'o Céo, que fugidio
Sorriso anima o seu perfil trigueiro.

Em torno á eça, num silencio enorme,
Buscando ao pranto, pallido conforto,
Alguem lastima o misero que dorme
No seu esquife, para sempre, morto.

E eu vou pensando que, por certo, um dia,
Minha materia, innanimada e fria,
Repousará tambem nalgum caixão;

E é bem possivel que um dilecto amigo,
Vendo-me morto, tenha lá comsigo,
Igual a mim, a mesma reflexão!

João Ramos.

Não meu caro poeta, de outra vez, e com melhores versos, o sr. entrará no FON-FON. Mas com esse soneto macabro, que cheira a necroterio e tem lividez de defunto, o sr. só poderá entrar mesmo no cemiterio... da cesta.

Queira acceitar os meus pezames e essa corôa de lirios roxos que lhe envio. Chorar é que não posso.

MARCHISIO LAGOS (Pernambuco) — Caro conterraneo. Quizera, poder ficar a seu lado, no caso da poesia de estylo modernista. Não fico porque me desagrada o estylo. Ha novos, mesmo ahi no Recife, que se têm revelado poetas de pensamento alto e de sensibilidade vibrante interpretando, dentro dos canones da nova arte, o modo de vêr e sentir a vida e as coisas segundo a escola a que se filiam.

PACKARD, o carro de linhas distinctas, o automovel fidalgo, orgulha-se de ser o eleito da mais alta aristocracia.

Reis, nobres de sangue azul, magnatas do mundo financeiro, a "elite" social, emfim, proclama alto e de fórma insophismavel a sua preferencia absoluta pelos carros PACKARD. Tal enthusiasmo não se limita a expressões de elogio, merecidissimas, aliás; a aristocracia que, com razão, exige um carro fino, de funccionamento impeccavel, de linhas de rara distincção e belleza, adquire os automoveis PACKARD, preferindo-o a todos os outros.

PERGUNTE A QUEM TEM UM

PACKARD

Distribuidores:

Companhia Commercial e Maritima

AUTO GERAL

Rua Benedictinos, 1 a 7
Rio de Janeiro

Não lhe bato palmas porque, tendo o sr. capacidade para realizar versos mais perfeitos que do poema presente, se deixa levar por influencias condemnaveis, oriundas dos excessos e da libertação de idéas e imagens que os modernistas se permittem.

O poema que me enviou (seu titulo) demonstra que o sr. tem talento e possue brilhantes qualidades de poeta. Não ha duvida. Mas seja por espirito de "blague", por displicencia, indecóro literario ou desprezo pelas normas classicas e os modelos consagrados, o sr. desprezando a grandiosidade do seu thema — de fundo mystico-philosophico — fecha a sua producção com um verso que parece humoristico:

Christo! Por que fizeste o Mundo?

Essa apostrophe constitue, a meu vêr, um disparate, no conjuncto harmonioso da sua poesia, toda ella de equilibrio philosophico, excelsitude mystica e elevação moral.

Comprehende-se a ironica revolta do seu espirito, pela miseria humana, deante da majestade angusta do Redemptor, cujos braços se abrem como a sua propria cruz e, ao mesmo tempo, num gesto largo de perdão, que é tambem a sua benção redemptora.

Mas a intempestividade e a concisão abrupta da apostrophe é chocante e produz um desequilibrio deploravel entre a grandeza de uma coisa e o plebeismo de outra.

Como vê, a sua poesia me impressionou. Mas não lhe posso dar os meus applausos, emquanto o sr. não restituir as coisas aos seus devidos logares.

CARIOCA (Capital) — Uma cartinha azul, perfumada, etc. Que belleza! Mas agora vamos vêr si o resto tambem será uma belleza. .

Leiamos a sua missiva:

"Illmo. Snr. Yves. — Sou ha bastante tempo assidua leitora do FON-FON e, a secção "Saibam-todos", onde, o sr. collabora com sua alta intelligencia e fino espirito, me merece uma especial attenção, pois encontro sempre nas suas respostas, não poucas vezes ironicas, muito interesse.

E, desta maneira tenho notado que o sr. não costuma attender aos seus consulentes quando estes lhe fazem pedidos referentes á graphologia. Costuma responder: Não sou graphologo. Mas, apezar de tudo, animei-me a escrever-lhe para pedir-lhe o grande favor de dizer-me o que revela a minha letra aliás, tão feia e desigual, pelo que ficaria muitissimo contente.

Aproveito a opportunidade para dizer-lhe que, apezar de não ter tido ainda o prazer de conhecel-o tenho pelo sr. muita sympathia e admiração. Li ha pouco tempo o "Suave enlevo" que bem revela o seu talento e valor intellectual, e fiquei encantada pelo seu livro.

Reconheço a minha mediocridade, mas isto não impede que saiba apreciar os bons livros e as cousas bellas.

Sou muito amiga das artes, principalmente da musica e da poesia. A' primeira, dedico-me com muito enthusiasmo. Porém para a ultima reconheço que não possuo os dotes necessarios. E o sr., que diz da musica, esta arte tão bella e sublime?

Vou terminar, pois estou certa de que, me estou tornando muito inopportuna.

Queira perdoar-me si por acaso estraguei-lhe o bom humor para o resto do dia.

Dou abaixo o meu nome verdadeiro, porém si o sr. quizer ter a solicitude de attender ao meu pedido, queira responder para — *Carioca*.

Esperando merecer um pouquinho da sua preciosa attenção, cumprimenta-lhe."

Muito bem. Toda ella é uma belezinha. Agradeço-lhe os seus elogios.

Fico contente de saber que leu o meu livro, etc. e tal. Tudo isso está direito. Infelizmente o que está *torto* é a sua graphologia.

Tenha paciencia: não a farei.

E até sabbado, sim?

GILDA (Bahia) — Ora, mlle. (Eu sempre julgo que todas as minhas consulentes são jovens, lindas e "jeunes filles"... Quer dizer — dezeseis a dezesete annos E' uma doce maneira de illudir-me e de estabelecer um padrão uniforme para as moças que escrevem ao encarregado desta pagina).

Fechado esse parenthesis, continúo o meu commentario, affirmando que tenho grande admiração pelas bahianas, e á terra de Ruy e do vatapá (Que nome bonito: vatá-pá!)

Ora, D. Gilda, não suppuz que julgasse ironica a minha resposta. Então dizer que um gato é um gato é faltar á verdade, ou fazer ironia?

Affirmei que V. Ex. era uma criatura romantica, sentimental e platonica.

Diz que a sua missiva era uma lamuria e que eu não podia rebatel-a. Acrescentei que não podia ser "seu amiguinho", visto como não tinha o prazer de conhecel-a.

Agora, declara que fiz perfidias com V. Ex., e revela-se queixosa ao redactor desta pagina, como si eu tivesse *queixo grande* e lhe pegasse... *queixume*... afim de que V. Ex. se considerasse *queixuda* e formulasse essa *queixa*... do tamanho de uma *queixada* de... D. Quixote...

Acceite os meus pezames, por isso. E diga ahi á Bahia que ella é bôa terra...

HELIOTROPE (S. Paulo) — O seu soneto não serve para o FON-FON. Está muito defeituoso.

MADAME (S. Paulo) — Como V. Ex. me pede a sua graphologia com tão grande interesse, vou fazer o estudo de sua letra.

Indica esta que V. Ex. é uma criatura de temperamento accommodaticio, frio indolente, desencorajado. Não tem forças para luta. Desanima deante do primeiro impecilho, cedendo á docilidade do seu espirito. Deve ser doente: respiração difficil, fadiga, desordem interior, etc. A sua vontade não é ardente, impetuosa, mas é continuada: é a vontade da formiga paciente.

Tranquilla, calma, sabe dominar as proprias emoções, uma vez que é muito emotiva. E discreta, reservada e matreira. Prodiga, sob o ponto de vista material. Não gosta de economias nem sabe fazer sovinices. (Parabens.)

Não sabe bem o que deseja. Vive em luta com os proprios sentimentos. E' fatua e simples ao mesmo tempo. E' amavel e quando ama é de carinhos extremos.

Ai, ai! Cai num poço!

ALTAMIRO (S. Paulo) — Sim senhor. Ahi mesmo em S. Paulo encontrará os livros que deseja na filial da Livraria Alves. A casa matriz é aqui á rua do Ouvidor, 166. Faça os seus pedidos e elles lhe serão enviados pelo correio.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone Central 4136.

FON-FON — 28-9-929

Nome do consultante ....

....

Data da consulta ....

UMA CASINHA PARA DOIS

De P. Morton Howard

— Por signal que terá um lindo tecto de telhas, não é verdade?

— Sim. Um desses horriveis tectos avermelhados, grosseiros, que se divisam de uma legoa da distancia — exclamou Joyce Hilton, fazendo um gesto de desapontamento.

— Oh! Mas eu odeio esses espantosos apartamentos estreitos da cidade.

— Eu tambem não gosto delles — disse ella.

— Então...

— Mas é que desejo menos: desejo morar em uma casa em pleno campo — insistiu.

Lorrimer, do alto do quebra-mar onde os dois se achavam sentados, atirou algumas pedras ao mar.

— Sempre disseste que tinhas vontade de possuir uma cazinha de campo — lembrou elle.

— Sim; sempre tinha vontade de possuil-a. Mas não para viver sempre nella.

— Uma infinidade de vezes affirmaste que, quando nos casassemos, quererias viver em uma casa em pleno campo, a muitas legoas de distancia de todos...

— Comprehendo que não tinha uma idéa pratica quando assim pensava — exclamou ella, com toda calma. — Mudei de modo de pensar desde então, e agora desejo um lindo "bungalow" em plena cidade.

— Em plena cidade! repetiu elle, com desalento.

— Bem. Pelo menos, não nos suburbios. Com seu telephone, seu jardim, sua garage... Porque teremos automovel...

— Automovel tam-bem? Ha tanto de aluguel!

— A' tarde, quando não sahirmos, eu me entreterei em tocar piano... ou victrola, ou radio... Iremos ao theatro, aos bailes, jantar num restaurante distincto... Tu irás ao club...

— Mas, si eu não desejo de modo algum morar na cidade por todas essas cousas!...

Houve uma pausa. Joyce ficou olhando como desapparecia o sol no horizonte, e Lorrimer continuou a atirar pedras á agua.

— Mas, por que essa obstinação? — perguntou elle. — Sempre pensámos em viver no campo...

— Insistes nisso?

— Sim! — respondeu elle, com firmeza.

— Nesse caso, acho que seremos mais felizes si proseguirmos nossa vida cada um por seu lado. E' inutil discutir mais...

— Mas, querida: sê um pouco razoavel!...

— Ridiculo!... Obstinado!... Vae-te de perto de mim! Não quero ver-te mais!...

— Mas...

— Disse que não quero ver-te mais!...

Com as mãos nos bolsos, a cabeça baixa e mal se dominando, Lorrimer desceu até a praia e começou a caminhar para o mar.

Miss Hilton viu-o afastar-se com ansiedade. Que ia fazer elle?

Mas Lorrimer não fez demonstrações dramaticas de suas emoções.

— Obstinado! Obstinado! — repetiu ella, em voz baixa.

Lorrimer, que se sentára na areia, sentiu, de repente, que pousava sobre seu hombro uma branca e pequenina mão. Voltou-se.

— Oh! — exclamou um menino que trazia uma pá e um balde de brinquedo. — Não tem ninguem com quem falar? — perguntou.

Lorrimer lançou um olhar para o quebra-mar.

— Não — respondeu.

— Nem eu! — disse o menino. — Deixaram-me só.

— Só? Que idade tens?

— Seis annos. Mas nem sempre estou só quando venho brincar na praia. Venho com a ama-se. Mas ella tem um amigo que fuma muito e que me dá as figurinhas que tira dos cigarros. Depois, vão os dois tomar um sorvete ao lado e me deixam aqui. E me dizem que não me aproxime da agua. Mas hoje elles estão demorando muito em voltar.

— E em que te entretens quando tua ama não está?

— Fazendo montes com areia. Mas, que tens? Eu lhe falo e o senhor não me olha siquer! Está triste?

— Eu? Não. Absolutamente. Como te chamas?

— Reginaldo João Humfray Carrington. Que tem?

— Acho um nome muito grande para um homem tão pequeno...

— Chame-me Buster... Chamam-me assim em casa. E tu, como te chamas?

— Lourrimer... Mas pódes chamar-me Teddy.

E os dois começaram a trabalhar, amontoando a terra e batendo-a com as mãos. De repente, Teddy exclamou:

— Mas eu não vou viver aqui sempre só!...

O pequeno Carrington ficou pensativo.

— E' claro que é preciso pensar nisso... Deves viver aqui com sua esposa.

— Mas, eu não tenho esposa, Buster.

— E' uma pena... Realmente, é uma pena dispor de um "chalet" tão lindo só para você. Si pudessemos encontrar uma esposa para você!...

Buster olhou em torno de si, e, ao distinguir Joyce, a pouca distancia, exclamou, ao tempo que deitava a correr em direcção da joven:

— Espere um pouco.

O pequeno chegou até onde estava Joyce, e, approximando-se della, lhe perguntou:

— Está sózinha?

Ella fez um gesto de confirmação.

— Bem. Então póde vir brincar commosco. Eu e meu amigo estamos tambem sózinhos. Mas, si você vier brincar comnosco, nos alegraremos muito.

— Mas si eu... — protestou Joyce.

Mas o menino a segurou pela mão e a levou até a praia.

— E' ainda melhor brincarmos os tres!... Venha. Você será a esposa de Teddy.

— A esposa de Teddy?

— Sim. Fizemos um lindo "chalet"... com jardim e garage e colmeia, e uma vacca e uma cabra... Você tem que brincar commosco para ser a esposa de Teddy e viver com elle no "chalet."

— Não. Si eu não... — protestou novamente a moça.

Mas sua resistencia era tão limitada, que o menino a conduziu até onde se achava seu amigo.

— Teddy — exclamou o pequeno, — aqui tem sua esposa... Esta será a senhora Teddy.

— Receio muito que não lhe interesse a brincadeira.. Construimos apenas num "chalet" no campo — disse amargamente Teddy.

— Mas parece muito bonito... — insinuou Joyce.

— Talvez a senhorita prefira um "bungalow" na cidade...

— Não. Certamente que não... Ella não ha de preferir isso — disse Buster.

— Exactamente.

— Mas, você não tinha dito que...?

— E' que agora pensei que não devia preferir o campo e afastal-o de seus amigos, do club...

— Era por isso? — exclamou Lorrimer. — Que obstinação a minha!... Eu suppunha que o fazia por egoismo.

— Um momento! Assim não brinco. Não se póde falar tanto sem que eu fale tambem — interrompeu o menino.

— Bem. Agora vamos brincar seriamente — prometteu, radiante, Lorrimer. — Eu e a senhora Lorrimer vamos viver no campo, em um lindo "chalet..."

— E vamos ser muito felizes, muito felizes... — affirmou Joyce. — Olha!...

E, saltando ao pescoço de Lorrimer, lhe offereceu os labios...

O pequeno Carrington olhou-os surprehendido, e exclamou:

— Muito bem! Vocês estão brincando muito bem... Mas não se esqueçam de que eu tambem brinco... Ouviram?...

M. C.

A bôa recordação

De PAUL GINISTY

FAZENDO-SE necessaria uma pequena reparação no auto de Montgerol, este e sua mulher detiveram-se um dia em Avellão. Dirigiam-se para o Meio-Dia, afim de resolver a construcção de uma villa. O comediante, que estava perto, agora, de ser sexagenario, mas que não pensava de nenhum modo em jubilar-se, não tinha gosto determinado para construir. Pensava apenas que devia seguir o exemplo dado por outra gente de theatro de fama, a quem esse luxo parecia uma obrigação. Sua vaidade o inclinava, frequentemente, a fazer o que pessoalmente não houvesse desejado.

Sua estréa fôra pouco brilhante, e elle andára de theatro em theatro, de provincia, até o momento em que uma feliz casualidade lhe havia permittido fazer seu primeiro contracto em Paris. A sorte o favorecera então. A sorte e a astucia que o caracterizára. Conseguira fazer apparecerem como grandes qualidades dons naturaes, dos quaes usava com muita segurança. Uma creação em que puzera mais instincto que arte reflexiva, o havia elevado.

Discutia-se seu talento, que não tinha profundeza. Succedia tambem que notaram que elle não aprofundára seus papeis com grande intelligencia, mas soubera impôr-se.

— Não me sinto absolutamente desgostoso — disse Montgerol — de rever esta boa cidade de Avellão.

Acostumara-se, em seu egoismo, a não falar, ainda quando estivesse acompanhado, a não falar sinão a seu ponto de vista, e não levar em conta sinão sua satisfação pessoal. Parecia-lhe muito natural que partilhasse de suas idéas.

Depois do almoço no hotel, foi, acompanhado da senhora Montgerol, installar-se no terraço de um café da praça, — sempre muito animada e frequentada — onde termina a longa rua da Republica. Sem consultar sua senhora, pediu ao garçon o que desejava, o que agradava a elle devia tambem agradar aos outros. Fazia calor. Nesse momento a *jactanciosa* Avellão não maldizia a Petrarca. Em sua cadeira de vime, o senhor Montgerol adormeceu insensivelmente.

A senhora Montgerol pensava. Recordava. Suas evocações levavam-na a vinte annos atraz. Aquella cidade de Avellão era della, porque fôra ali onde nascera e onde resolvera seu destino. Era della, a despeito de nada prendel-a ali, agora. Então, ella era bonita. Conservava ainda lindas feições, muito regulares sob seus cabellos encanecidos. Quem haveria de reconhecer, no emtanto, com esse ar de resignação que tinha no semblante, a viva e graciosa moça que fôra?

Meditava. Revia toda a sua vida sem felicidade, obrigada ao dever que tivera de acceitar como castigo de uma hora de irreflexão. Em seus tempos de outr'ora, havia amado apaixonadamente Montgerol. Bello rapaz, avantajado e com muita facilidade de palavra, não lhe custára grande trabalho conquistar seu carinho. Havia admirado ingenuamente esse comediante que fazia parte da companhia do theatro e que morava em frente mesmo da casa de seus paes. Montgerol entabolára com ella um pequeno romance, dulcificado pela attenção que lhe déra essa menina pertencente a um mundo diverso daquelle em que elle habitualmente fazia as suas conquistas. Com phrases certamente tiradas de seu repertorio, elle demonstrou-lhe um amor vehemente, e ella cahiu em seus braços.

Bem depressa o casamento aborreceu e pesou a Montgerol. A senhora Montgerol, depois de um doloroso rompimento com os seus, acabou se convencendo da mediocridade moral do homem que sua imaginação, ingenua e muito complacente, havia transfigurado. Para ella foi uma serie de profundas desillusões. Mas ella possuia uma lealdade que não lhe deixava entrever a idéa de retractar-se. Esforçou-se em demonstrar uma paciente igualdade de humor e uma ternura constante.

Um dia, Montgerol lhe dissera que, si ella tivesse tendencia para o theatro, poderia leval-a em *tournée*. Trabalhou secretamente e sentiu-se capaz de apresentar-se em scena. Seu exito o surprehendeu e, apezar de sua opinião de superioridade, bem depressa sentiu ciumes. A senhora Montgerol, afim de evitar-lhe uma ferida de amor proprio, renunciou á carreira que se abria para ella.

Desde então, fôra tyrannizada, humilhada e tratada desdenhosamente como uma especie de governante. Vira-se reduzida a apagar-se do lado do companheiro. Si elle a tinha levado nessa viagem não fôra para consultal-a. Montgerol levára-a apenas para que ella tratasse delle, si preciso fosse, porque elle, apesar de robusto, se julgava de saúde fragil.

Que existencia fôra a sua quando comprehendeu a inutilidade de seus esforços para suscitar no presumpçoso comediante um pouco de piedade! Não encontrára nelle sinão um orgulho, no qual não pudéra deixar de ver o ridiculo, o brusco e a malevolencia. E as reprovações que lhe fizéra porque envelhecia e porque já não podia occultar algumas rugas! Expiára dolorosamente esse erro que outr'ora a impellira para elle! Não se lembrava, apesar de sua costumada submissão, de um periodo de felicidade.

Essas magoas de sua triste vida reappareciam deante della ao encontrar-se na cidade de onde partira muito confiada e bem cêdo desillidida. Pelo dom que della mesma fizera, não encontrára sinão amarguras, sem esperanças de que alguma transformação se produzisse...

....

Montgerol despertou-se, apesar de ter sustentado que não fechou os olhos. Necessitou um momento, percorrendo a praça com os olhos, para recuperar sua lucidez.

— Avellão! — exclamou. — E' aqui, no emtanto, que se encontra uma de minhas mais lindas recordações...

Sorria. Seu semblante se havia alegrado emquanto se dirigia a sua esposa.

A senhora Montgerol, por mais habituada que estivesse a ser maltratada, ainda teve um allusão, e emocionada com a recordação que attribuia a seu marido, esteve um instante quasi esquecendo tudo o que soffrêra. Tornou a ver-se no longinquo dia em que acreditára ingenuamente nos sentimentos pathéticos de Mongerol e em que fôra enfeitiçada por elle... Emocionou-se ante sua attenção de fazer reviver o passado. Parecia-lhe que elle resgatava essa crueldade ou essa indifferença que a tinha attingido no mais profundo de sua sensibilidade.

— Sim — proseguiu Montgerol. — Uma bôa recordação! Foi no theatro desta cidade que obtive meu primeiro e verdadeiro successo, em uma antiga obra, por certo, as *Duas Orphans*.

— Ah! — disse a senhora Montgerol, baixando a cabeça. — E' tudo o que recordas?...

M. O.

Novos Modelos Indians
Indian Prince
(Series 201)
Indian Scout 45
(Series 101)
Indian Motocycle Co.
A Soberana das Motos
Indian Big Chief with
Princess Sidecar
(Series 301)
Indian 4
(Series 401)
Unicos distribuidores
AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S.A.
AV. RIO BRANCO, 247

CÉO E INFERNO

De LEOPOLDO D. AMARAL

QUE o leitor amavel me acompanhe a Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul.

Corria o anno de 1910.

Em noite de vigoroso inverno, dois jovens conversavam.

Ouçamol-os.

— Por que não te casas? — pergunta o Absalão Gomes do seu amigo Octavio Silveira.

— Porque ainda não encontrei uma joven que correspondesse ao meu ideal.

— Qual é o teu ideal?

O que exiges da mulher com quem te convinha unir?

— Pouca cousa: amenidade, educação esmerada, ter um physico o quanto baste para bem impressionar-me a alma, e não ter mãe.

— E quanto aos bens de fortuna, não exiges a riqueza?

— Não; póde ser pobre como Job. O que meus paes me deixaram dá de sobra para viver.

— Sei que és rico, mas, em geral, os rapazes de fortuna procuram esposas entre as moças ricas. Constitues uma honrosa excepção e eu te felicito por isso.

Absalão e Octavio, este estudante de engenharia e aquelle de medicina, conversavam no café Patria, em Porto Alegre, que habitualmente frequentavam á noite.

Após a formatura, em 1913, se separaram, indo o medico para o norte e o engenheiro para o Estado Oriental do Uruguay.

Decorridos dez annos, encontraram-se na Avenida Central, no Rio.

O dr. Absalão havia constituido familia e vivia feliz.

O engenheiro Octavio Silveira, que inda se conservava solteiro, diz ao amigo:

— Tenho uma noticia a communicar-te. Já estou noivo.

— Meus parabens.

— Obrigado.

— Encontraste, afinal, uma joven com todos os requisitos que exigias de uma bôa esposa?

— Sim; encontrei.

— Sem mãe tambem?

— Perdeu a mãe ha muitos annos.

— Pois, meu amigo, não te felicito por isso; acho que a sogra é indispensavel á felicidade do lar.

— Pelo que vejo, vives bem com a tua?

— Sim; muito bem. E' uma segunda mãe que eu tenho.

* * *

MARGARIDA Flôr do Prado já estava beirando os 30 e não se casava. Era rica e não lhe apparecia um marido.

Prendas não lhe faltavam e quanto aos dotes physicos, já havia sido proclamado rainha num concurso de belleza.

Não se casava a coitadinha e a causa unica era a sua progenitora.

Impossivel imaginar-se mulher de genio mais violento que d. Angelica, mãe de Margarida; martyrizava o marido, apesar de sua inalteravel mansidão; quebrava tudo em casa, quando se zangava, e alter cava com as creadas, que não tardavam em deixar o emprego.

Assim viviam em São Paulo.

Por isso a joven separou-se da familia e veio para a companhia dos padrinhos, no Rio, onde nada lhe faltava e havia paz.

Frequentava a moça a sociedade e, pensando muito no futuro, procurava um futuro.

A progenitora era um empecilho á sua felicidade; por isso dizia-se orphã de mãe.

Via-se cercada de pretendentes, o que lhe causava alguma indecisão na escolha.

D'entre os que mais aspiravam a sua mão, encontrava-se o engenheiro Octavio Silveira, moço riquissimo, o mesmo a quem me referi no começo d'esta veridica e breve historia.

Não tardou a Margarida casar-se com este.

Depois, ainda em plena lua de mel, a filha foi buscar a mãe...

E o infeliz genro, ao medir toda a extensão de sua desgraça, e ao sentir-se sem forças para lutar com a sogra, lamenta a mentira que o fez um grande desgraçado, a leviandade de sua mulherzinha, a quem diz com todas as veras de su'alma:

— "Que não tinhas mãe, disseste.
Era o céo entre nós dois...
Mas veio o inferno depois:
A velha viva trouxeste!"

ERA um desses yankess voluntariosos, energicos, cheios de orgulho e de milhões de dollars, que adquirem um castello como qualquer de nós compra uma caixa de phosphoros, e alugam um trem como nós um taxi.

Chamava-se Tom Hattphar... Occorreu-me, uma noite, por não sei que motivo, o ser convidado a juntar em sua casa. Eramos uns trinta convidados, e uma vez terminado o jantar, passamos ao *fumoir*, para tomar café. Repartidos pelo amplo salão em pequenos grupos, conversavamos a meia voz, quando Tom Hattphar, andando de um lado para outro, gritou, com um tom que mais tinha de ordem que de rogo:

— Um pouco de silencio, senhores. Vou contar-vos algo interessante.

As conversações ficaram interrompidas e todos nós agrupámos em torno delle.

— Minha historia será um pouco longa. Mas preciso não ser interrompido. Nada me incommóda tanto como uma interrupção.

Todos nos compromettemos a permanecer mudos, e Tom Hattphar começou:

— A historia, realmente muito divertida, que vou narrar, occorreu ha alguns annos, na cidade de Chicago. Todos os que nella tomaram parte são hoje mortos, especialmente James Paddock, um antigo jockey, cujas loucuras foram innumeraveis. Esse James Paddock...

— Perdão! — interrompeu alguem.

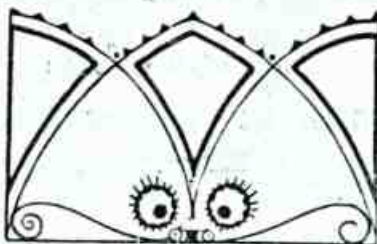
Tom Hattphar voltou-se, furioso, para o atrevido:

— Não me côrte a palavra... Já disse que é cousa que não posso tolerar... Cale-se, eu lhe peço, e deixe-me continuar.

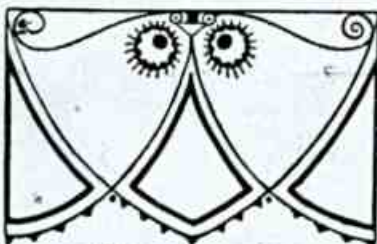
Mas o interruptor insistiu. Era outro americano chamado Johnston.

— Si me permitto interrompel-o, amigo Tom, é só porque quero rectificar um erro que você commette.

— Eu não me engano nunca!

— Engana-se, sim, dizendo que Paddock morreu.

YANKEE INFALLIVEL

De

JOÃO BONOT

— Não, senhor. Estou bem informado, e affirmo que James Paddock, o antigo jockey, está completamente morto.

Johnston replicou:

— Está tão morto, que justamente esta manhã o vi aqui nesta rua onde estamos.

Tom ficou perplexo.

— Está certo de têl-o visto?

— Como o digo, Tom.

Este, livido de raiva, não soube que responder, e, passado um instante, disse, dirigindo-se a todos nós:

— Senhores, lamento este incidente. Mas, depois do occorrido não poderei continuar minha historia com calma. Fal-o-ei amanhã, si me querem dar a honra de vir á minha casa ás seis e meia em ponto. Conto com você, Mr. Johnston?...

E sahiu dali visivelmente contrariado.

*

NO dia seguinte, muito intrigados, voltámos á casa do orgulhoso americano.

Que surpresa nos aguardava! Que vingança ia tomar elle contra o imprudente que o havia humilhado publicamente, na noite anterior?

Nossa espera não foi longa. Logo que nos installámos no salão, em torno de Tom Hattphar, este falou assim:

— A historia que vou narrar-vos occorreu ha poucos annos, na cidade de Chicago. Todos os que tomaram parte nella já morreram, como eu disse hontem, especialmente, James Paddock, um antigo jockey...

— Isso tambem é demais! — interrompeu Johnston. — Você é um individuo teimoso... Repito que James Paddock ainda é vivo.

— Já morreu!

— Pois eu affirmo que não. Digo mais uma vez que hontem me encontrei com Paddock nesta rua. Portanto, elle existe!

— Pois está você enganado. James Paddock morreu. Morreu, porque esta manhã lhe metti seis balas na cabeça!...

Depois, satisfeito de ter razão, Tom Hattphar terminou sua historia, e seguiu para a delegacia, afim de apresentar-se á prisão...

EXIJA-OS NO SEU CALÇADO

Pelo estylo, elegancia e conforto os Saltos de Borracha Goodyear Wingfoot são preferidos por milhões de pessoas.

Fabricados com borracha viva, acolchoam e tornam prasenteiro o andar.

LIVROS E AUTORES

A Escalada — Romance de Chermont de Britto. O joven escriptor é um dos mais interessantes prosadores da nova geração e o exito de suas obras bem mostra como é favorecido pela opinião dos seus leitores. Sua imaginação é brilhante e seus dotes de prosador inegaveis. Ha capitulos que de verdade prendem o leitor da primeira a ultima pagina. Como um perfume subtil a ironia transparece aqui e alli, flôr do scepticismo de nossos dias. Chermont de Britto é tambem um feliz observador da vida e procura retratar a existencia contemporanea do Rio de Janeiro com seus soffrimentos, suas amarguras e suas alegrias, com seu luxo falso, sua avidez de dinheiro e sua actividade febril.

Francisco Mangabeira — Francisco Mangabeira foi um poeta bahiano que a critica de Almachio Diniz acaba de tirar do esquecimento produzido pelos annos e por ter elle vivido na provincia, longe das rodas consagradoras do Rio de Janeiro. O autor procurou dar-nos sob uma feição nova a vida e a obra do artista. Contou-nos de sua existencia e de seus trabalhos, pintou-nos o seu meio e a sua psyché, analysou suas tendencias e aprofundou os motivos de sua arte. O estudo critico de Almachio Diniz sobre o poeta bahiano é um dos trabalhos litterarios mais conscienciosos e brilhantes dos ultimos tempos.

Relicario — De José Cangussú. Versos. Livro sentido e escripto, como disse Alberto Deodato, em carta, a duzentas leguas do littoral. Tem sentimento e os seus defeitos são talvez producto da distancia em que se acha o seu autor dos fócos de civilização. Do Rio a Espinosa, onde elle reside, são dois mezes de viagem, diz o mesmo Alberto Deodato...

Missão, e não profissão!... — O titulo mostra que o livro é uma these de combate. These justa aliás. Baseado em solida argumentação, agitando idéeas novas e dispondo de optimos recursos de logica, o autor quer demonstrar que o magisterio é uma missão e não uma profissão. Tem toda razão. E' missão espinhosa e mal comprehendida, elevada e de alta responsabilidade. Felizes os povos que a comprehendem e estimulam, que a ajudam e favorecem. Infelizmente, não é esse o nosso caso e o professor Raul Gomes, distincto autor do livro cujo titulo epigrapha estas linhas, cumpre um sagrado dever na sua campanha, sendo por isso merecedor dos applausos de todos os patriotas.

Paraiso Verde — Columbo Ferreira assigna estas chronicas e fantasias leves e risonhas, perfumadas de ironia, cuja diversidade segundo suas proprias palavras nada mais é do que o retrato fiel delle, proprio, oriundo dum meio heterogeneo e filho dum seculo vertiginoso, que sente toda a ganancia das emoções...

Um suicidio original

QUADRO PRIMEIRO

O morto fala

Gabinete do famoso detective Lufock-Holmes.

O visitante. — Venho submetter a seu genial talento deductivo minha inexplicavel e mysteriosa situação. Exerço ha muitos annos, a profissão de verdugo de sardinhas...

Lufock-Holmes. — Verdugo de sardinhas?...

O visitante. — Quero dizer que sou empregado em uma fabrica de conservas e que sou eu o encarregado de decapital-as antes de serem ellas introduzidas nas latas. A repetição constante dessa tarefa chegou a produzir-me tal neurasthenia, que resolvi suicidar-me... Mas, antes de continuar minha narrativa, permitta-me uma pergunta: sou visita á simples vista?

Lufock-Holmes. — Que diz o senhor?...

O visitante. — Digo que esta manhã, levando a effeito, por fim, meu projecto de suicidar-me, me enforquei na sala de jantar de minha casa, á rua Tal, numero tantos.

Lufock-Holmes. — Isso não é possivel, pois o senhor está aqui.

O visitante. — No emtanto, é verdade. Neste momento, estou falando com o senhor e estou pendurado em uma corda na sala de jantar de minha casa.

Lufock-Holmes. — E' estranho! Em todo caso, vou transportar-me a sua residencia afim de verificar si é verdade si o senhor está pendurado numa corda. Não obstante, deduzo que soffre o senhor de uma allucinação. Espere-me aqui. Volto immediatamente.

QUADRO SEGUNDO

O suicida distrahido

Lufock-Holmes. — Acabo de realizar a inspecção occular em sua casa e verifiquei que não mentiu. Seu corpo está pendurado no tecto da sala de jantar.

O visitante (enlouquecido). — Então... Quem sou eu?... Que sou eu?...

Lufock-Holmes. — Tranquillize-se. Pelo caminho fiz deducções. O senhor é o espirito do corpo pendurado na sala de jantar de sua casa. Esse espirito — visivelmente rotineiro — tomou, para se apresentar deante de mim, a encarnação, a figura, o traje e o gesto do corpo onde esteve alojado, á excepção de uma cousa...

O visitante. — Que cousa?

Lufock-Holmes. — Uma que me choca profundamente: os sapatos do espirito. Isto é, os do senhor são pretos, emquanto que os do corpo pendurado na sala de jantar são amarellos.

O visitante. — Amarellos! O senhor disse amarellos?!

Lufock-Holmes. — Sim, amarellos. E dahi deduzo que...

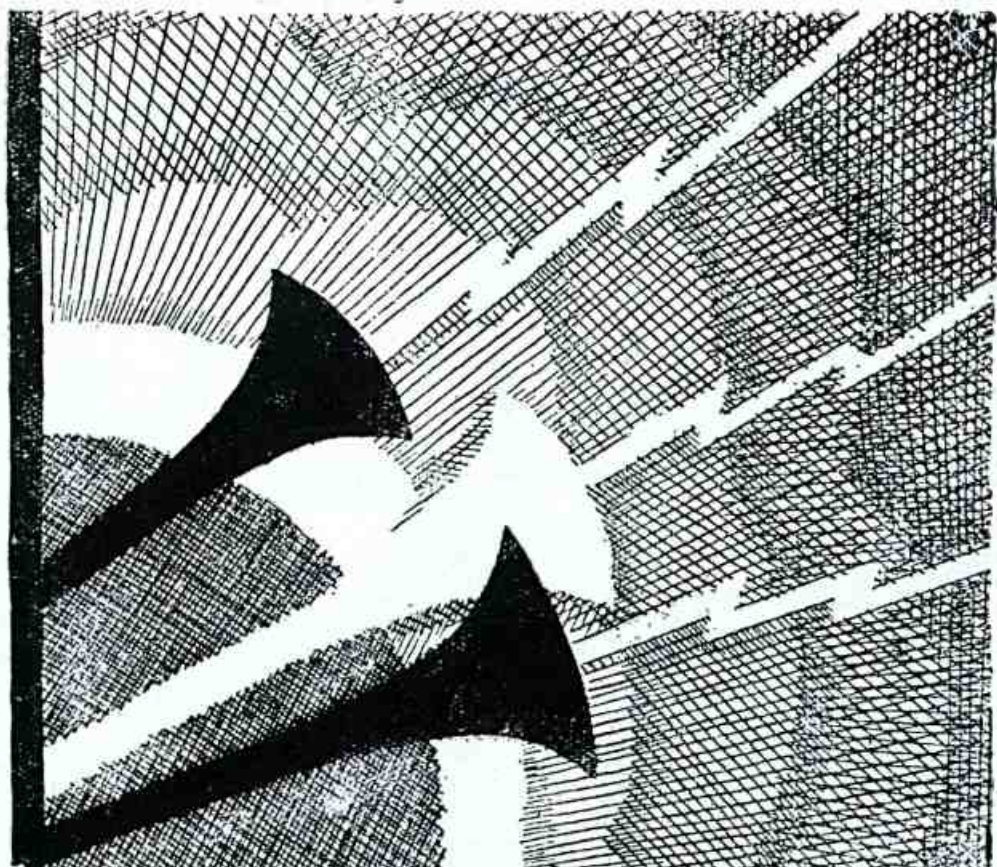
O visitante. — Vá para o diabo com suas deducções! Agora comprehendo tudo!... Sou um assassino!...

Lufock-Holmes. — Um assassino?!...

O visitante. — Sim, um assassino. Eu morava com meu irmão gemeo. Eramos tão parecidos, que, com excepção dos sapatos, não nos differenciavamos em nada... O resto se explica facilmente... Em vez de passar a corda em meu pescoço, me confundi e...

Lufock-Holmes. — Passou-a no pescoço de seu irmão...

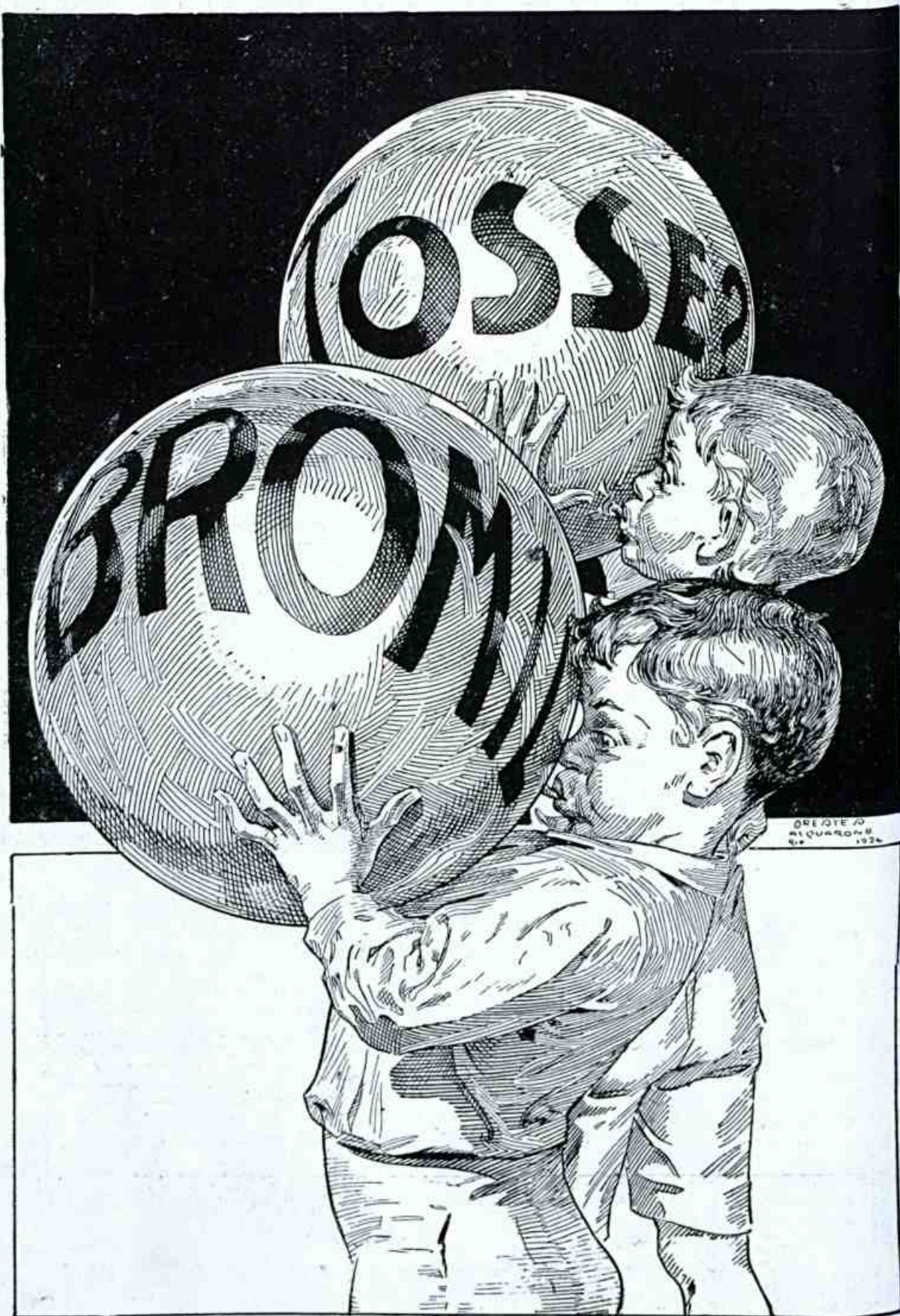
O visitante. — Exactamente! Enganei-me, e, julgando enforcar-me a mim proprio, enforquei meu irmão. Que distracção, a minha!

PANNO.

Columbia
A MARCA DE MAIOR FAMA
PHONOGRAPHO, é o nome de toda machina fallante. Para se obter, no entanto, o que ha de mais perfeito em apparelhos modernos é necessario possuir um modelo
COLUMBIA VIVA-TONAL
"COMO A PROPRIA VIDA"
Nos modelos «Columbia Viva - Tonal», estão irmanados os novos principios da reproducção e amplificação harmonica dos sons, adoptados com osmeolhres resultados pela
"COLUMBIA"
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

TOSSE?
BROM

ANNO XXIII

FON-FON

NUMERO 39

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 28 de Setembro de 1929

O QUE PENSO DO "SÓ"

MARIO POPPE

ANTONIO NOBRE, ao escrever o *Só*, declarou, solenne: *é o missal de um torturado, o livro mais triste que ha em Portugal.*

Num paiz de amantes da hysteria literaria, não havia melhor cartaz para um livro de versos.

Assim o homem que só amava a sua Dôr, o seu Tédio, se fez poeta, trepando ao pedestal da gloria literaria, apezar do seu vocabulario relativamente pobre, das suas imagens paupérrimas, demonstrativas da sua impotencia inventiva, creadora, que são sempre as mesmas de mil maneiras apresentadas, como notou um agudo espirito de critico lusitano.

Doente, rico, fantasiou um *processo* literario para se fazer celebre.

Concebeu o *sósinho* e fel-o exhibir para uma sociedade de torturados do coração...

Ganhou fama, vencendo a partida.

Porque Antonio Nobre, além de tuberculoso, era um doente psychico, como acertadamente o classifica Forjaz.

Realmente, *no "Só" ha mil confissões, mil estados de alma mais que pathologicos,* como não podia deixar de ser.

Raramente um doente faz literatura que não seja pathologica, escreve Forjaz, e Antonio Nobre não fugiu á regra.

De pleno accordo.

E, numa sociedade de doentes que se alimentam de literatura pathológica, Antonio Nobre tinha de vencer, embora armado de talento pouco acima da craveira commum.

O *Só* não ficou, entretanto, como sendo o missal das meninas de olheiras de violeta, das terras de Portugal.

Atravessou o mar, veiu ao Brasil, e quasi fez escola entre nós.

Repellido como *processo* literario, porque estavamos fatigados das Elviras, e da poesia enfermiça de Casemiro de Abreu, nem por isso deixou Antonio Nobre de arranjar um logar á nossa estante.

Eu, por exemplo, tomei-o como um curioso typo para a minha galeria literaria.

E, depois que li o *Só*, desejei conhecer o que se dizia a respeito do livro e do poeta.

Encontrei em Anthero de Figueiredo referencias amaveis ao cantor do *Rio Doce*, paginas evocativas da sua passagem por Leça da Palmeira.

Espantaram-me estes conceitos de Julio Dantas: "Nobre não foi apenas o autor d'um dos mais bellos poemas que tem produzido a alma lyrica moderna; é a figura que mais profundamente encarnou a grande tristeza nacional, expressão resignada e dolorosa de todas as fadigas da raça. Nenhum livro foi tão fortemente sentido pela mocidade portugueza, como o *Só*. Nenhum livro foi, por conseguinte, tão commovidamente amado. E por que? Porque, nos seus desalentos profundos, nas suas renuncias doentias, nas suas agonias formidaveis, estamos todos nós. São os nossos estigmas. E' o nosso retrato. A minha geração reconheceu-se, inteira, nas paginas confrangedoras d'esses *Luziadas* da decadencia. A geração novissima parece — ai d'ella e de nós! — reconhecer-se tambem."

Ora essa...

Emfim, taes coisas foram ditas por um portuguez, e ai de nós si aflorassem á nossa penna!

Deu-me ganas, tambem, de lêr um livro que, a respeito de Antonio Nobre, escreveu o visconde de Villa Moura, um senhor xaroposo que tem vontade de passar como homem de letras, e de quem havia lido um *engraçado* volume sobre Fialho.

Não fôra a linguagem compungida do senhor visconde, e muito me teria divertido...

Por fim, me veiu cahir nas mãos um estudo de Forjaz de Sampaio, que subscreveria com prazer.

Nem penso outra coisa, da musa de Anto...

Si Antonio Nobre exerceu e exerce uma acção deleteria, dissolvente, *a essa acção necessario é contrapôr livros sadios, poetas encorajantes, porque a vida e a literatura são a acção, a luta e nunca o desejo mórbido de morrer ou a confissão deprimente, o exhibitivo ostentoso de miserias organicas e tristezas lamechas.*

Para nós, brasileiros, o *Só* é apenas um livro curioso, nada mais.

E faço justiça acreditando que a geração novissima de Portugal não se reconheceu, inteira, nas paginas de Antonio Nobre, como quer Julio Dantas, porque essa mocidade sonha, ama, vive.

TEUS OLHOS

Fita-me! Que suave e profundo mysterio ha nos teus lindos olhos! E' um mysterio dolente, que faz sonhar, que faz sorrir, que faz soffrer, que faz peccar...

Vem! Deixa que essas pupillas de veludo em chammas se infiltrem mansamente no cálido veludo dos meus olhos! Que saudade, meu amor, que dolorosa saudade do mysterio nostálgico e doce dos teus olhos queridos! Que saúdade dos fugazes momentos em que, entretanto, (sublime paradoxo!) parecias morar nas pallidas estrellas dos meus olhos os sóes deslumbrantes de merencorea e doce luz dos teus olhos!... Que saúdade sem fim!...

A Sociedade Sul Rio Grandense commemorou a data gaúcha de 20 de setembro com um baile que se realizou nos salões do Club Germania, á praia do Flamengo, e foi uma nota de grande esplendor mundano.

LAMPEJOS

Sahi, hoje, de casa, com a noite no coração.

A manhã de setembro, sonorizada de gorgeios e banhada de sol, não conseguiu afastar da minha alma as sombras que desde hontem a envolvem. A natureza ria de mim na grande alegria luminosa do seu esplendor matinal. Eu estava triste. Nebulosamente triste. Pensava em você. Pensava nos seus olhos côr de ouro. Pensava no destino do nosso amor.

Vejo deante de mim, neste deserto infinito que a minha illusão creou, apenas a miragem da felicidade. Dessa felicidade que já me desenganei de alcançar, porque meu passo incerto não tem a resistencia do meu desejo. Você é a miragem que vae fugindo de mim. Você é a linda miragem que os meus olhos vislumbram dentro do Sahara do impossivel. E eu vou acompanhando o seu doce vulto no caminho da vida. Da minha pobre vida que, sem você, — estrella da manhã dos meus sonhos — ha de ser, sempre, a noite desolada e escura da solidão e da tristeza...

CANTIGA

Hontem, senti como
Um guizo,
Meu coração tilintar,
Por causa do teu sorriso,
Por causa do teu olhar.

Hoje, a sós, me martyrizo,
Muito tristonho, a chorar,
Saudoso do teu sorriso,
Saudoso do teu olhar...

J. V. Martins.

O sr. embaixador do Chile e exma. senhora Alfredo Irarrazaval Zañartu, offereceram, quarta-feira penultima, no palacete da embaixada, uma festiva recepção para commemorar o 118.° anniversario da independencia de seu paiz. Além do mundo official e diplomatico, compareceram á embaixada do Chile as figuras mais representativas da alta sociedade carioca. De passagem pelo Rio, tambem alli esteve uma grande figura chilena: o sr. Conrado Rios Gallardo, ex-ministro do Exterior do Chile.

Romance de um luar no Bosphoro

E' o palacio pagão de um Pachá da Turquia.
Nubios eunuchos nús, nos angulos postados,
põem profundos tons de estranha bizarria
no ottomano salão de porticos doirados.
A Favorita dança... O chão é uma alcatifa.
Resôam tamboris. Volutas sobem no ar.
E como si as ferisse o punhal de um kalifa
as rosas, no jardim, desfolham-se ao Luar!

E a Favorita dança... Uma escrava judia
de redondos quadris e seios pendurados,
asperge-a, quando a quando, emquanto rodopia
com uma essencia subtil de myrthos esmagados.
Silencioso, o Pachá nos dedos espatifa
um cravo do Ceylão, a dançarina a olhar...
E em seu cinto o punhal que lhe dera um kalifa
brilha a um raio furtivo, a um osculo do Luar!

O bailado veloz, a dança que arrepia,
que arrepia de gozo os servos e os soldados
termina sem rumor. Segue-se a phantasia
o devaneio azul dos fumos opiados.
E a Favorita espreita... O salão se hieroglypha
com as visões da ebriez. E ella, ao vêr se quedar
inerte a mão que move o punhal do kalifa,
escapa-se do harem para os braços do Luar...

Epilogo:

De luz, lá fóra o parque inteiro se borrifa...
Duas boccas... Um beijo... E imprevisto, pelo ar,
fuzila, traiçoeiro, o punhal do kalifa...
Abrem rosas de sangue... E esconde-se o Luar!...

Oswaldo Santiago.

E VANIDADE...

UMA MULHER QUE PASSOU...

COMO foi que a conheci?

Diz ella que o nosso conhecimento foi o resultado de uma sympathia lenta, que se lhe infiltrava, dia a dia, no coração... Mas têm as mulheres coração?

— Não sei. Lembro-me bem de que, uma tarde, o telephone me chama.

— Allô? E' o Y...?

— Sim. Sou eu mesmo.

— Quem lhe fala é uma paulista.

Quando alguém me fala em paulista, o coração me bate mais apressado, mais inquieto. Por que? "Le coeur a des raisons qui la raison ne connait pas".

Trocámos algumas impressões e, á noite, algumas horas mais tarde, ella me abria a porta do seu apartamento.

Só então foi que a pude conhecer e admirar a graça da sua silhueta.

Uma linda garota. Simples e elegante. Um chapéo de feltro enfiado sobre uma cabeça loura, um cabello de ouro fôsco, dois olhos claros e rasgados como os de certas odaliscas — daquellas que vivem nas paginas de Lotis — uma bocca de sangue novo, quente, viva, cheirando a mocidade e a Caron.

Eil-a que vem ao meu encontro. Ha no seu andar um rythmo ondulante e macio.

Vendo-a dentro do manteau de seda negra, com a sua golla de arminho (Pitigrilli diria: "il collo di [illegible] bianco sembrava un condor"...) as luvas por serem calçadas e um sorriso nervoso, perguntei-lhe se me esperava ou pretendia sahir.

— Não! Estava á minha espera, foi a sua resposta.

Atirou o chapéo para um lado; as luvas para o outro. E fez-me sentar junto a si. Deu uma volta á luz geral do aposento e surgiu do fundo de um pequeno abat-jour uma penumbra levemente rosada, como a sombra de uma melancolia feita de amargura e de sangue...

O' desejo! Como comprehendo agora que se possa amar alguem num segundo! Mas é por ti, desejo, que commettemos todos os erros e todos os acertos! E' por ti que podemos ser ridiculos e admiraveis! Podemos ser Werther e Othelo. Amoroso como Romeu e todos os typos de ficção, e indifferente como um Chamilly, cruel e real, aos olhos de uma Soror Marianna! "O desir, quand tu troubles notre sang..."

Não nos é possivel conter a torrente de fogo dos nossos beijos, os excessos de palavras emocionaes, a loucura dos gestos desordenados. Os beijos! Os beijos que se não contam, na ansia de prender as azas de ouro do amor, — mas que se perdem quando a bocca nos foge...

* * *

Por fim, ella annunciou:

— Sabes? Partirei amanhã.

— Amanhã?

— Sim.

— Para onde?

— Para a minha terra.

— A cidade das glycinias e das garôas?

— Sim... — affirmou.

E quando descia no elevador, trazia commigo o compromisso formal de leval-a até á gare da estação. Mas, no dia seguinte, á hora em que o trem partia, a minha mão nervosa traçava este começo de carta:

"Véra, não fui ao teu embarque. E não fui porque pensei que seria banal, banal para ambos, essa despedida de duas creaturas que se encontraram tarde na vida... Imagina: tu, a sorrir, e agitar-me a sêda azul do teu lencinho de rendas. E' eu, ridiculamente anniquillado, a esforçar-me por conter a caudal de soluços mal refreados no fundo da garganta.

E para que? Para que, si tenho a certeza de que serás como as que te precederam? — Jeanne, Colie, Ada, Mary, Dóra e tantas outras? Si eu sei que vães cahir entre outros braços! Si eu sei que o amor, começando por um gesto firme de violenta recusa (e que não seja de pura coquetteria), é amor que brilha apenas como um fogo-fatuo... Ah, Vera, é inutil forçar as portas de um coração que se fecha, aos nossos olhos, sem que lhe conheçamos o "Abre-te, Sésamo!"

Não, eu não iria vêr-te partir para sempre, na alegre illusão de que ainda algum dia..."

Fiquei ahi. Rasguei o que escrevera. Comprehendi a inutilidade das palavras e das cartas de saudade, em face do irremediavel. "Ha mulheres que se tomam de assalto, ou pela cintura" — affirma Bataille. O difficil é saber qual a que prefere esta ou aquella attitude...

UMA PIANISTA BRASILEIRA

MLLE. Innocencia da Rocha é a joven, mas já consagrada pianista brasileira, que acaba de regressar da Europa, cuja critica enalteceu a sua arte de «élite». Falando sobre a nossa illustre patricia, um jornal de Paris accentuou ser ella uma «virtuose concertiste de l'actualité». Innocencia da Rocha, ou simplesmente — Innocencia, como é conhecida nos circulos de arte, offerecerá á platéa carioca, brevemente, um recital, que será, ao mesmo tempo, uma galante homenagem aos seus patricios, de quem se achava afastada havia alguns annos.

De volta da missa, «ella» parece dizer: «Estou certa de que o Senhor me ouviu».

CLARO-ESCURO — Domingo... Ah, meus senhores, eis-me de novo a braços com um outro domingo! Sim, porque eu tenho a habilidade de evitar os domingos. Escrevo nos dias uteis. Os domingos, dias estupidamente burguezes, eu os reservo para as minhas blagues, nas rodas familiares, no doce remanso desta vida de pensão...

Hoje, porém, sou forçado a escrever. E hoje, meus senhores, é um domingo, um lindo domingo, cheio de sol, mas que parece, a meus olhos, com aquelles de Bruges, que vivem na musica triste dos versos de Rodenbach ou nos de Emilio Carrère...

Es domingo. Los viejos e los convalecientes
Sonrien beatificos al sol primaveral...

O domingo de hoje é, para mim, um dia cheio de melancolia e de brumas. Porque as coisas e as pessôas variam de forma, de attitudes e de espirito, segundo o nosso estado de alma...

Ora, eu hoje estou, mais do que nunca, achando este domingo imbecil. Não só porque ali estão aquellas melindrosas, supinamente ôcas e ridiculas, como bonecas de fatuidade... Não só porque ellas me olharam com uma superioridade de formiga de azas, que fitasse um triste corvo, um corvo triste como o de Poe, mas em todo caso uma ave que vôa alto. Não, meus senhores, descomponho este setimo dia da semana, este dia de que os judeus "s'en fichent", porque elle me convida ás meditações longas e sombrias. E quando menos espero, brota da tréva da minha tristeza a rosa fresca de luz do teu sorriso...

E sabes quanto me faz soffrer esse sorriso? Ah, sim... Tu não imaginas a minha dôr silenciosa. Porque, si ha sorrisos que são uma forma alegre de ser triste, o teu é uma fôrma triste de ser alegre...

Sei que és feliz!

Neste momento, alguem que povôa o teu coração — esse coração que tantas vezes palpitou sobre o meu — nas frias noites da tua terra nevoenta — alguem deve ter as tuas mãos entre as suas... As tuas mãos que lembram as do poema de Evaristo Carriego:

Las manos enigmáticas, las manos
Com vagos exotismos de misterio...

Sim, alguem, nesta hora pallida, nesta hora em que o céo parece uma vertigem lilaz, malva, ouro, rosa... sei lá! — alguem apertava, voluptuosamente, as tuas mãos, num macerado desejo de amor.

E eu imagino a flamma dourada dos teus olhos!... O degrelir secco da tua gorja... O offegar do teu coração accelerado... E o frisson que se te derrama pelos nervos...

Ah, como eu te invejo e como te reclamo no silencio meditativo da minha dôr!

Comprehendes porque é que odeio este domingo cheio de sol, cantante como si a luz sonorizasse o proprio ether? E' porque soffro, porque sou pequenissimo no meu ciume e flammejo no desespero platonico de soffrer... De soffrer irremediavelmente...

Mas não! Eu adoro este domingo — só porque elle me faz soffrer. Si eu não soffresse por ti, não te amaria, como te amo. E, cada dia que passa, em vez de te amar um pouco mais, eu te esqueceria, eu te seria indifferente — eu te olharia com um sorriso ainda mais frio do que este com que fito este jarro transbordante de violetas... Este jarro que é o meu companheiro unico nesta sala...

Bemdito seja este domingo que adoro e odeio!

CHARLA — De Yves — E' sabido que não ha mulher capaz de revelar a sua idade verdadeira. E' natural. E' a sua defesa: ella sabe que a velhice é triste. E si é certo que a nossa idade é a que parecemos ter, as creaturas de saias estão convencidas de que nunca passarão dos dezesete.

Pudéra! Si ellas dispõem da chimica do *rouge*, do pó de arroz, dos crêmes e de toda sorte de ingredientes... De resto, o vestido curto, os cabellos acima da nuca e os institutos de belleza ahi estão para assegurar o triumpho completo.

Que querem? Com isso ellas se adextram na arte de se renovar olhos luzidios de brilhantina e os cilios espessos de *Rimel*. Toda ella não é uma boneca, uma figurinha de mocidade e elegancia? Quem se atreverá a duvidar dos seus dezesete annos?

Quando se dá uma idade approximada da real, ella finge que proferiu um absurdo.

Diz, por exemplo:

MINHA VIDA É VOCÊ...

De Lucio de Moraes.

Minha vida é você:
São seus olhos magoados,
— seus olhos côr de ouro, —
que illuminam
Todo o meu ser inquieto...
E' sua voz suavissima,
que canta
Na minha alma de triste,
Na minha de sceptico,
Uma sonata de felicidade...

Minha vida é você:
é sua angustia disfarçada...
E' sua melancolia dolorosa...
E' seu silencio mystico,
que tem tanto do meu silencio amargo...
E' seu sorriso luminoso e triste,
que enche meu coração
De ternura e de amor...

Quando você derrama nos meus olhos
A luz do seu olhar,
Esqueço as minhas horas de amargura,
— Esqueço tudo —
Para sentir, nesse lampejo,
A delicia infinita de ser homem...

Si estou perto de você,
Si a tenho junto a mim,
Com toda a sua esplendida belleza,
Acho o mundo ineffavel,
E bemdigo o destino, que me deu
a ventura de amal-a,
O conforto de vel-a...

E si você, querida,
Está longe de mim,
Dos meus olhos cansados,
Não fico triste,
Nem choro de saudade,
Porque tenho o consolo
De saber que você
Está pensando em mim...

Minha vida é você...

e que Paul Géraldy exalta em *Toi et Moi.*

De modo que uma dama de trinta e picos poderá responder sem pestanejar: "Tenho dezesete annos!"

E si o interlocutor não fôr de facto psychologo, acreditará mesmo em semelhante absurdo.

Pois não está ali a sorrir-nos com o seu sorriso artificial e os

— Tenho quarenta annos.

Ora, como ella acha inconcebivel alguem acreditar em semelhante revelação, fica segura de que ninguem dará credito ás suas palavras. E espera mesmo que se proteste:

— Que horror! Não diga tal. A senhora (ou a senhorita?) parece ter apenas quinze.

Ella sabe que é puro galanteio. Mas a mulher nunca admitte que se lhe possa fazer um galanteio ironico, uma phrase de que não seja merecedora.

Ella ri. Ri, e responde:

— Estou brincando. Tenho dezeseis...

E o cavalheiro:

— Pois ainda acho demais...

* * *

E' assim a mulher: tem o pudor da sua idade, verdadeira — quando passa dos dezesete. Que fazer? Acaso poderia acontecer de modo diverso?

Foi Madame Roland quem escreveu:

"A juventude é presumpçosa e a velhice é timida. Uma quer viver; a outra sabe que já viveu..."

Mas eu lhes ensino um meio pratico de apanhal-as em flagrante: é annotar o dia, a hora, o anno e o local em que ella declara, pela primeira vez, os seus dezesete annos.

Façam como eu. Tenho um *carnet* onde figuram senhoritas das minhas relações que ha vinte annos tinham dezesete...

Bem. Até sabbado.

Pensativa... Em que?

A humanidade deve á dôr todas as magnificencias do seu supremo patrimonio. Realizadora portentosa, *Mater Inviolata* da belleza, ella é a geradora de todas as grandezas.

Visão autoritaria e hostil que não se compadece de soluços nem de gemidos, esse fantasma cruel que anda a espreitar os incautos numa vingativa conquista, é a expressão maxima de todas as creações.

Esculpindo em magoas o coração do homem, gottejando sangue de todos os póros humanos, a dôr constróe monumentos de arte, poemas celsos, tragedias que immortalizam o genio universal.

E a dôr é a niveladora dos destinos. Sob o seu imperio a potestade e a humildade fraternizam docemente. Não ha hierarchia que lhe resista aos golpes. Não ha organismo invulneravel ás suas investidas.

Possúe todos os corações. Entra todas as portas. Os palacios e as mansardas vivem dominados pelo seu poder. E' triumphadora indomita que gera a bondade e a compaixão em toda a esphera dos seus dominios.

O seu dever sagrado é o alevantamento da alma pelas origens da provação. A vida está irremediavelmente presa á dôr.

Riqueza da alma, fonte das lagrimas, todos os seus arrebatamentos são a coalescencia das desgraças que affligem os mortaes.

O coração feminino é o relicario perpetuo da dôr. A sua intuição emocional lhe dá a faculdade voluptuosa de penetrar os arcanos do soffrimento.

E os grandes espirituaes tambem são escravos humildes da dôr.

Si fizessemos uma revisão nos poemas e nas obras de arte que enriquecem o patrimonio da humanidade, teriamos que encontrar em inspiração de dôr todos os grandes monumentos intellectuaes e artisticos que contribuem para a collecção preciosa do mundo inteiro.

Nas paginas de lyrismo, de emoção, de dramaticidade — Camões, Dante, Shakespeare, todos viveram dentro nos clarões da dôr, illuminados pelas chammas do genio.

Em todos os tempos a dôr foi autocrata sem rival.

A obra vultosa que enche os museus e as bibliothecas adveio da dôr. Foram as grandes dôres genesicas que geraram as creações estranhas. A bondade paradoxal de Quasimodo — o sineiro famoso — fôra o reflexo de uma dôr profunda exteriozada em pungencias delicadas.

A figura lyrial de Henriqueta, do *Lyrio do Valle*, de Balzac, viveu numa monographia estreita a dôr commovida e nobre de um raro coração. E todas as figuras lendarias que recordamos com sympathia commovida esflorararam a sua alma em soluços de dôr.

Sensação indefinida, pungencia terrifica, a dôr não supporta mascaras, não se sujeita a disfarces.

Estertora, grita, escabuja quando os seus tendões se pungem nas consequencias inevitaveis do destino.

A dôr é reveladora incomparavel.

O seu poder define-se nas suas manifestações proteiformes.

Ha dôres ironicas, dôres convulsivas, dôres passivas, dôres ambiguas.

E todas as dôres são etapas legadas a Dôr verdadeira que se expressa em movimentos á perfeição, abrindo estradas de luz ao ideal sonhado que não se realiza nunca...

A MULHER CHIC — Essa linda creatura, que parece dizer: «Não me toques!», é apenas um «modelo vivo» de Jean Patou, ostentando um «ensemble» de «mono» negro e georgette branco.

(Photo Scaioni — Paris — Especial para FON-FON).

LANTERNAS DE PAPEL

SAUDADE

A tarde violeta cáe deante do mar. O ultimo grito do dia se traduz numa rajada de sangue ampliado. Morrem os cadenciados rumores da cidade, ao longe. E uma saudade me immobiliza no crepusculo dolente.

Envolvem-se em sombras os jardins silenciosos. Na tranquillidade das primeiras horas da noite que chega, um afflato subtil da brisa do mar balbucia nas folhagens como um bater de asas de mariposa. Nos valles distantes afundam-se as rugas das ravinas como as olheiras que a saudade põe na minha face.

Sinto que, de longe, através do tempo e do espaço, estranhamente fixos, teus olhos côr de violeta murcha, como disse o poeta:

muerden mi carne, como [serpientes...

E si eu te tivera, neste momento, junto de mim, emquanto a noite vae tecendo os véos negros das trevas, somente contaria a escuridade e o silencio, o isochrono bater dos nossos corações.

O vento nocturno passa pelos ramos com sua voz de séda. Vagos sussurros tremem na treva como vagos lumes começam a arder no céo. E a saudade me immobiliza na escuridão.

TUS OJOS

Do poeta venezuelano Perez Bonalde:

Entre mi vida de enojos
y tus clarísimos ojos
hay una gran relación:
pues son en su semejanza,
grandes como mi espe- [ranza,
negros como mi aflición.

TEUS OLHOS

Entre o meu viver tristo- [nho
e teus dois olhos de [sonho
ha uma grande relação:
pois são na sua seme- [lhança
tão grandes como a espe- [rança
e negros como a afflicção.

A SABEDORIA E O DESTINO

A estatua do destino projecta enorme sombra sobre o valle que parece inundar de trevas; porém essa sombra tem contornos muito definidos para os que a contemplam do cume da montanha. Nascemos nella, é verdade; mas a muitos homens della é permittido sair; e, si nossos males nos amarram até a morte ás regiões sombrias, já é alguma coisa afastar-se dellas pelo desejo e com o pensamento. E' possivel que o destino reine mais vigorosamente sobre um ou outro dentre nós, em virtude de outras leis talvez mais inexoraveis, mais profundas e mais ignotas. Entretanto, mesmo que nos abata o peso de desgraças immerecidas e assombrosas; mesmo que nos obrigue a fazer o que nunca teriamos feito, si não nos houvesse constrangido a isso, uma vez acontecida a desdita, occorrido o facto, depende de nós que não tenha influencia alguma sobre o que se vae passar em nossa alma. Não póde impedir, quando fira a um coração cheio de bôa vontade, que a desgraça soffrida ou o erro reconhecido abram nesse coração uma fonte de claridade. Não póde impedir que uma alma transforme cada uma de suas provocações em pensamentos, sentimentos e bens inviolaveis. Por maior que seja seu poder externo sempre se detem quando encontra no humbral um dos guardas silenciosos da vida interior.... E, si então se lhe permitte a entrada na occulta morada, nella não póde penetrar sinão como hospede bemfeitor, para purificar a athmosphera viciada, renovar a paz, augmentar a luz, alastrar a serenidade e illuminar o horizonte.

(De Maeterlinch)

CLAUDIO FRANÇA

OS LIVROS QUE FICAM...

A physionomia intellectual de Berilo Neves é dessas que se não confundem e marcam, em accentuado relevo, no meio em que exercem sua fecunda e brilhante actividade, assim os meritos como as victorias do escriptor. O exito alcançado, no nosso mercado literario, pela «A Costella de Adão», a primeira obra desse fino e elegante «conteur», «doublé» de psychologo subtil e um tanto irreverente e humorista desconcertante, naquelle feitio delicado meio sceptico, de um Sterne, de um Thackeray, de um Machado de Assis, acaba de assignalar verdadeiro successo de livraria, tendo-se esgotado, em menos de tres mezes, a primeira edição. Annunciada, agora, a 2.ª edição, a ser exposta nas nossas livrarias, em principio do mez vindouro, os que trabalham no FON-FON, cujas paginas a penna de Berilo Neves honra e illumina, de vez em vez, — como sua grata amizade honra e illumina os espiritos e os corações que, aqui, tanto se habituaram a estimal-o e admiral-o — se sentem bem em registar o successo obtido pelo seu livro de estréa — uma estréa rumorosa, magnifica e consagradora.

OS ultimos dias da Missão Economica Britannica no Rio de Janeiro foram assignalados pelas duas grandes homenagens prestadas a lord D'Abernon e seus illustres companheiros: o banquete offerecido pelo sr. ministro da Agricultura, e a recepção na Associação Commercial do Rio de Janeiro.

♣ ♣

FILIGRANAS

O governo de La Paz decretou a prohibição da entrada do ex-presidente da Republica, Bautista Saavedra, no territorio boliviano.

Eis ahi um exemplo que, si fôsse seguido no Brasil, em relação a certos ex: ministros, senadores, deputados, presidentes, etc., seria de grande resultado para a vida e o progresso da nação. Ficariamos, assim, livres de uns tantos e quantos camaradas que somente servem para embaraçar o nosso desenvolvimento. Então, si a medida pudesse ser extendida a determinados realejos oratorios asneirentos e demagogicos que nos envenenam, seria, como diz o povo, um pão com dois pedaços...

A Festa da Arvore

A ARVORE

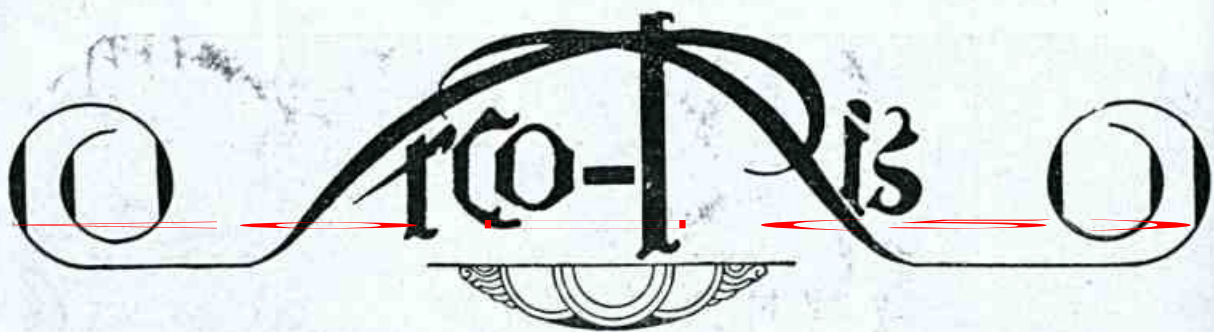
"Senhores — A arvore — disse De Gubernatis — é o symbolo da vida universal e da immortalidade. Eis porque a encontramos na primeira pagina de todas as theogonias e de todas as cosmogonias. Eis porque, outróra, nella residiam as divindades. E porque, no recuado fundo dos mysterios do Oriente, surge com alma, com intelligencia e até com o poder de falar. A primeira arvore, segundo o "Agania Sutra", a arvore Polo, nasceu do sol e da lua para dar alimento aos homens. Outros poemas da India antiga perguntam de que arvore sairam o céo e a terra, e respondem que da arvore Brahma, o proprio Deus Creador, cujos galhos são os outros deuses. E no Mahábaratta se fala da arvore que cresce no meio do mar e que, quando murcha, o universo está ameaçado de perecer. Os deuses que moravam no carvalho famoso de Dôdona e no planalto oracular de Gortyna respondiam pela voz das folhas e da casca rugosa ás perguntas ansiosas dos gregos. As tradições byzantinas falam de uma arvore de ferro, cuja raiz é a força de Deus, cuja cópa sustenta os tres mundos: o céo, a terra e o inferno. E, assim, a arvore é divina e cosmogonica.

No paraizo biblico, resume-se em uma arvore e toda a sciencia do bem e do mal, a universidade do conhecimento e a immortalidade: "Vós sereis como os deuses". Nos versiculos do "Bundedesch", duas arvores á margem do lago Vourukascha, erguem sua coma verde para o céo: uma produz o succo da immortalidade e a outra produz a semente de todas as cousas. E ainda o pão da immortalidade que a deusa egypcia Háthor semeia, nos baixos relevos dos templos do Nilo, dos galhos da arvore do sol, que é côr de cobre. Em Thebas, a arvore Anti é a moradia da felicidade. E nos hymnos vedicos, a arvore é o retrato do Tempo — nos galhos da celebre Gippala, um passaro devora seus frutos — é a noite; o outro canta e brilha como se fosse de diamantes — é o dia.

PROMOVIDA pelo Serviço Florestal, realizou-se, sabbado ultimo, no Horto da Gavea, a tradicional Festa da Arvore, que teve o brilho e a belleza de sempre. Centenas de crianças das nossas escolas deram a essa reunião ao ar livre a nota da sua vivacidade. A solennidade teve inicio com a palavra do nosso illustre companheiro Gustavo Barroso, que proferiu um discurso luminoso e erudito sobre o culto da arvore. Esta pagina fixa alguns dos mais interessantes aspectos da Festa da Arvore.

GUSTAVO BARROSO pronunciando o seu discurso na Festa da Arvore, e plantando a arvore com o dr. Campos Porto, representante do ministro da Agricultura.

Em todos os tempos, bem como em todos os paizes, houve sempre os malvados, os inconscientes ou os néscios e aproveitadores, que devastaram os arvoredos. Parallelamente a elles, porém, a opinião esclarecida e responsável condemnou o malefício. E o culto da arvore veiu até nós, despido dos symbolicos attributos com que antanho se costumava vestil-o; entretanto, tão puro na sua simplicidade quanto identico no seu espirito, apezar dos millenios decorridos. E' elle que praticamos religiosamente nesta suave manhã carioca, entre as galas duma natureza pujante, que é o nosso orgulho, nós, filhos do paiz das arvores colossaes, em cujas sapopembas resôam noite além as pancadas protectoras da ivirapeme lendária do Curupira.

Gustavo Barroso — (Discurso na Festa da Arvore).

MUSA DE MARIO PEDERNEIRAS

Salão-nobre, 2º. andar das *Bellas-Artes*.
Calor, na sala como em toda *parte*.
Calor, nas almas, *quasi* todas, cheias
da emoção de escutar *Rodrigo Octavio Filho*,
que vae falar
(*á hora em que a tarde bruxoleia*
e a Avenida arde em seus primeiros brilhos),
do *poeta singular*
amante-enamorado da cidade,
poeta dos seus, *poeta* do lar,
poeta das cousas simples, da bondade
e da simplicidade,
poeta da ingenuidade e da ternura,
cuja musa espalhou a semeadura
da mais *perfeita* originalidade
e naturalidade.

Rodrigo Octavio Filho esteve á altura
do *poeta* interpretado:
foi todo simples, todo *familiar*,
conversando, *feliz*, desataviado,
desaffectado, *porque* affectuoso
á memoria
do *poeta* harmonioso,
cuja serena e verdadeira gloria
elle, *poeta* tambem, vinha cantar.

Tarde cheia. Hora de "*elite*."
Politicos. Artistas. Escriptores.
Diplomatas,
gente "*chic*" e importante. Grãos-senhores,
a couve-flôr espiritual, a nata
do momento.
E as almas todas cheias,
leitorazinha amavel, acredite,
cheias, na tarde cheia
de excessivo calor e brilho *flavio*,
cheias, naquelle esplendido momento,
do inesquecivel enternecimento
de ouvir Rodrigo Octavio.

GUERRA DE... ROSAS

Naquelle estylo simples e conciso
de *quem* sabe crear (elle é o creador
da original "*Terra* de sol")
e *que*, *por* isso mesmo, si é *preciso*
animar velha lenda, e *fabular*
thema historico, *faz* com tal vigor
que parece estar creando, elle, o Gustavo,
acaba de compôr um novo *favo*
á "*colmeia* marcial", *que* anda compondo,
marcial, *porque* são *guerras*,
e colmeia *floral porque* essas *guerras*
que abrem clarão sem *provocar* estrondo,
são a "*guerra* do Flôres"
e a "*guerra* do Rosas"
em *que* o *principe* actual dos escriptores
do Ceará,
fazendo adaptações maravilhosas
da Phantasia com a realidade,
faz, com vivacidade
e naturalidade,
(*qual* a auriflorea "*guerra*" *que* virá?),
a exacta evocação
daquelles tempos em *que* D. Solano,
o *ferrabraz* heroico e deshumano,
mas *que*, a seu modo, tinha coração,
Madame Lynch & Companhia,
e D. Rosas, e "*seu*" *general* Flôres,
fazia cada *qual* o *que queria*
como bons dictadores
(*ai!* ai!)
transformando um *pombal* de bôas *gentes*,
a Argentina, o Uruguay,
Brasil e Paraguay,
num verdadeiro ninho de serpentes.

Pois o Gustavo,
escriptor nacional e regional,
fez dessa nova "*guerra*", um novo *favo*
dessa colmeia rosi-flôr-marcial.

A Federação Academica do Rio de Janeiro promoveu, na penultima sexta-feira, no salão nobre da Escola de Bellas Artes, uma solennidade para dar posse ao «Comité Nacional Pró-Casa do Estudante» e receber as mensagens dos universitarios do norte que o bacharelando Paschoal Carlos Magno trouxe dos Estados que ultimamente percorreu.

A NOVA FEIÇÃO DE "SELECTA"

Para corresponder á gentileza dos leitores que nos honram com seu generoso apoio, resolveu a Empresa FON-FON e SELECTA S. A. modificar inteiramente essa querida revista, tanto no formato quanto na essencia, dando-lhe feição mais moderna, variada e attrahente.

Embora continue a estampar sua valiosa, interessante e util parte cinematographica, SELECTA apresentar-se-á com vasta e fina collaboração literaria, na qual têm especial relevo os nomes mais consagrados nas letras femininas do paiz.

SELECTA primará pela sua feição genuinamente feminina e, por isso mesmo, todas as suas secções obedecerão a um delicado criterio esthetico, especialmente dedicadas ás artes e coisas que agradam á mulher.

Assim, SELECTA, semanalmente, publicará trabalhos firmados por nomes já consagrados, sobre assumptos de arte, literatura, etc., certa, que está, a Empresa, de que, assim agindo, vae ao encontro dos desejos de seus numerosos amigos desta capital e de todo o Brasil.

SELECTA continuará a ser vendida ao mesmo preço, e seu primeiro numero, posto em circulação, quarta-feira ultima, constituiu um verdadeiro acontecimento no nosso meio jornalistico.

Um aspecto da assistencia que enchia o salão da Escola de Bellas Artes, durante a festa da Federação Academica do Rio de Janeiro.

Como Suzon perdeu cinco contos

SUZON, a linda francêzinha que enchia de alegria o bar do Palace-Hotel á hora violeta do apperitivo e era a melhor attracção da revista *O Nú Artistico*, do Tró-ló-ló, entrou apressadissima na lobrega sala do judeu Elrich, á rua do Hospicio. Respirava offegantemente por ter subido de pancada as escadas de dois andares. Atirou-se numa cadeira e começou a abanar-se com força.

Elrich rodou na poltrona de molas o corpanzil, tirou do nariz grosso os oculos de oiro, coçou os braços peludos, que as mangas arregaçadas da camisa deixava á vista, e grunhio em portuguez ferro:

— *Enton*, Suzon, que resolveu o teu coronel?

Ella replicou:

— Elle é teimoso como toda a gente de Minas, conforme me dizem. Não quer dar mais de vinte contos pelo collar. Amarrou-se nisso...

— E eu não *póde* dar o collar por menos de vinte e cinco. E' preço de amigo, quasi o custo... São *perolas orientaes*. o que ha de mais fino!

— Em vista disso foi que vim aqui, Elrich. Trouxe-lhe cinco contos meus. Entrego-lhe este dinheiro por conta dos vinte e cinco

contos do collar e vou mandar de novo o velhote cá. Você diga-lhe que está disposto a ceder o collar pelos vinte contos e elle o levará. Não é um bom negocio ainda para mim, Elrich?

— Esplendido! tornou o judeu, guardando o dinheiro.

* * *

NO dia seguinte, em plena rua do Ouvidor, o coronel Felicio José de Souza, regressando de casa do judeu Elrich, encontrou de sopetão o seu compadre Salim Jorge, que tinha a melhor casa de negocios em São Gonçalo da Ponte. Abraçaram-se effusivamente e foram tomar uma coalhada na proxima leiteria.

Alli o syrio estranhou que, tendo vindo receber um dinheiro no Rio, o coronel estivesse demorando tanto. Toda a gente em S. Gonçalo estava admirada, sobretudo delle nem ao menos escrever á familia havia dois mezes. E, com a confiança da velha amizade, exprobou-lhe o procedimento.

O coronel Felicio deixou pender os braços, baixou os olhos e murmurou sumidamente:

— E' por causa da Suzon!...

E, logo após, desabafou com o compadre. Estava *enrabichado* pelo demonio da mulher. Ella fazia delle o que queria. Dava-lhe muito dinheiro e não pensava noutra coisa. Agora mesmo vinha da casa de Elrich, onde adquirira para a rapariga um collar de perolas por vinte contos.

Salim Jorge arregalou os olhos: Então, não tinha, o coronel vergonha de delapidar sua fortuna com uma estrangeira exploradora, esquecendo seus deveres e sua familia. Aquillo não podia continuar.

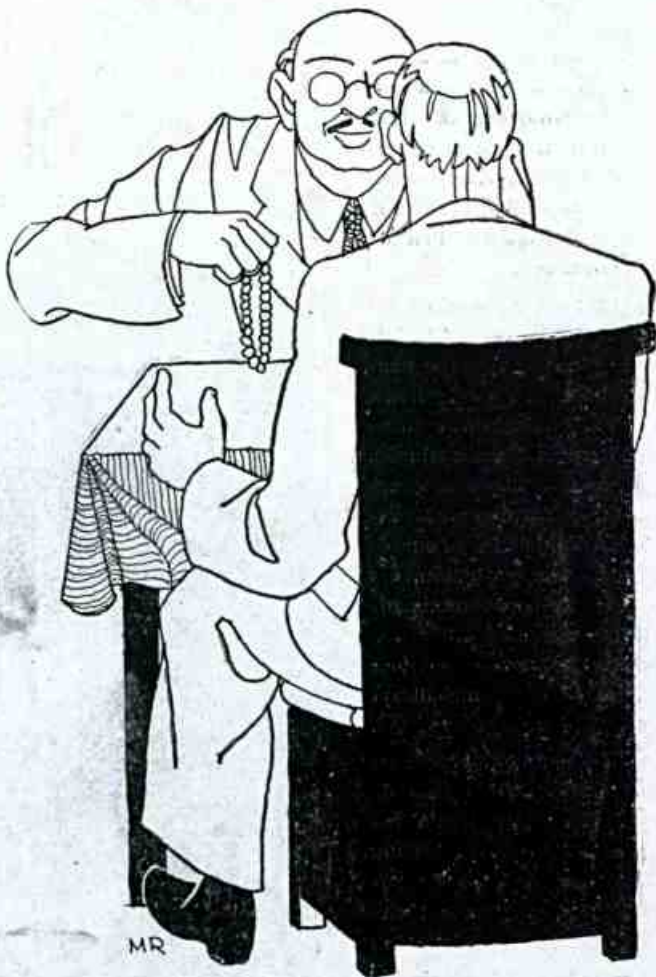
O mineiro rendeu-se á evidencia dos factos e acabou dizendo:

— Compadre, eu preciso fugir da tentação!

O *turco* esperava por isso e aconselhou-o, aproveitando aquelle momento de fraqueza:

— Sigo hoje para S. Gonçalo pelo trem das seis horas. Vou com o compadre ao seu hotel, ajudo-o a arrumar a mala; depois, passamos pelo Cruzeiro, apanho a minha, pegamos o trem e amanhã estamos em casa. A francezinha que fique á espera...

Ambos riram ruidosamente, ao pensar nessa bôa peça. E, dominado pelo outro, o coronel seguiu-lhe os passos.

Quando Suzon já se impacientava, esperando o velho para jantar na pensão da Lapa onde morava, o nocturno mineiro apitava em Cascadura. Os dois compadres punham-se á mesa no carro restaurante e atacavam a sôpa.

No meio da refeição, o velho Felicio lembrou-se do collar. Metteu a mão no bolso e tirou a caixinha de veludo, toda envolta em papeis de sêda com um atilho doirado. Desembrulhou-a e passou-a ao syrio:

— Olha, compadre, o que eu ia dar ao diabo da francêza. Vinte contos!

Salim Jorge examinou as perolas e gabou-as, concluindo:

— Foi bôa compra, compadre. Vale mais. No minimo, vinte e cinco contos.

— Era quanto o demonio do judeu queria, mas eu me amarrei em vinte e elle acabou entregando os queixos...

Uma duvida assaltou-o:

— Compadre Salim, que é que vou fazer desta joia? Que historia vou contar em casa, á velha, para explicar...

O syrio reflectiu um instante e respondeu:

— A sua filha Carmelia não vae casar com o meu filho Nagib, no dia dez do mez que vem?... Pois, então, esse é o presente de casamento, compadre, que você comprou no Rio para ella...

GUSTAVO BARROSO

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

PINA MONACO

Como um raio loiro de sol nesse penumbrismo hibernal da arte em nossa terra, vem-nos essa invulgar cantora, nascida nos pampas sulinos e educadas nas "estufas" de Toscanini, na p a t r i a legitima do "bel-canto".

Pina Monaco, dotadissima para a scena lyrica, nos cinco annos que passou na Europa adquiriu a robustez que a sua vocação exigia. Essa evolução, que a fortaleceu de um modo geral na intelligencia e no orgão phonatorio, fez-se sentir tambem nas suas cordas mais intimas, quando a alma, recem-desperta, freme ante as caricias que melodizam os afhôres.

Ella não se apercebe do tirocinio que lhe veiu de uma serie de trinta representações de *Rigoleto*, *Lucia* e *Barbeiro de Sevilha*, nos melhores theatros da Italia, ao lado das maiores figuras mundiaes do lyrico; não sente que se engrandeceu nesse sonho magnifico, realizado como uma prophecia dos genios invisiveis da Arte; não se modificou na infantilidade do coração, crente de que todos são bons, de que a vida é e será eternamente as manhãs incomparaveis de Caxias ou Bento Gonçalves; ouve na terra inteira a harmoniosa canção crystallina das cachoeiras brancas do Rio Grande do Sul, quando a passarinhada dos valles emmudece para escutar as poeticas endeixas das fontes e cascatas...

Pina Monaco se transmuda em canto: a maciez de sua garganta fórra, como um veludo, as notas que seriam estridentes noutras larynges; os medios perfeitos e os graves plenos e sonoros...

Demais a sensibilidade da artista é inultrapassavel... Dicção, colorido, volume de voz, timbre, pronuncia do phraseado lyrico... tudo corre em parallelo com a tendencia innata de sua arte.

O unico defeito de Pina Monaco é ser brasileira e não possuir fortuna como certos vencedores nacionaes.

Si Pina Monaco fosse italiana ou rica, já o seu nome estaria nimbado de glorias, em relevo nos carteis dos melhores elencos...

Os empresarios não querem artistas brasileiros...

Falam, explicam, retrucam e a gente não os entende. A's vezes, pensa-se que estejam visando questões de ciumes, que os cantores estrangeiros se melindrem com o exagero de ovações aos de casa; depois trazem á baila Zola Amaro. Ahi a gente torna a não os entender! Com Zola Amaro foi justamente o contrario o que se observou!

Quanto a questão de premios de aperfeiçoamento, só são dignas do auxilio official as mediocridades dos institutos, escolas e conservatorios que avançaram alguma cousa sob a tutella dos grandes mestres da "terra do pistolão".

O valor intrinseco das individualidades não póde existir sob o regime do filhotismo ou sob a pressão dos magnatas.

Pina Monaco, que se iria fazer ouvir em audição aos criticos cariocas, segunda-feira penultima, por uma subita indisposição, transferiu essa hora de canto, que talvez tenha logar no Theatro Municipal.

Provavelmente, serão entre outros, cantados os seguintes trechos:

Verdi — "Rigoletto", *Caro Nome*; Donnizzetti — "Lucia" (Rondó), *Scena della Pazzia*; Rossini — "Barbieri di Siviglia", *Cavatina di Rosina*; Alvarez — "Romanza", *La partida*; Giannini Lucceri — "Marken", *Notte di Primavera*; Carlos Gomes "Lo Schiavo", *Aria di Ilara*; Verdi — "Traviata", *Recitativo e Aria*; N. L o p e z — "Romanza", *Canción Mexicana*.

Logo após esta audição a grande cantora far-se-á ouvir em concerto previamente annunciado. Um pouco de Arte!

HERNANI DE IRAJÁ

Bazar de Bonecas

Feira de Vaidade e de Elegancia

BALCÃO FLORIDO

O fim supremo da sabedoria é encontrar o ponto fixo da felicidade na vida — escreveu um dos mais illuminados e predilectos dos escriptores, cujo convivio fazem ainda o melhor encanto da minha vida de sceptico, de *blasé*, de homem deste seculo de vertigem e de "pontos falsos" na humanidade e nas coisas.

Não estou, porém, de accordo com a formula em que elle expressou, paradoxalmente, o conceito maximo da felicidade, conforme a sabedoria, porque mesmo quando a felicidade chega a existir, realizando esse magnifico milagre da *harmonia interior*, ainda assim seu "ponto fixo", sua linha de equilibrio, é uma linha em constante fluctuação, a oscillar, na vida do homem, como uma pendula invisivel entre os anseios do espirito e os do coração.

Além disso, aberra mesmo do verdadeiro e unico senso da felicidade, todo caracter de estabilidade, de fixidez, que se queira emprestar á coisa mais contingente, mais instavel, mais fallaz e feitiça da vida, e que raros, bem raros mortaes têem conseguido "fixar" por um momento, nos lampejos de um olhar, na curva illuminada de um sorriso, na caricia tremula de umas mãos amadas, na delicia fluente de um beijo... Porque a felicidade ha de ser sempre contingente como a propria humanidade, e a ella, apenas permittida em pequenas doses, ás gottas, que muitos não sabem sorver — uma felicidade a prestações, que amanhece a sorrir para a gente, para logo encher de desillusão a nossa, momentanea ventura.

A parte fixa e estavel de toda felicidade é a que nos deixa, na alma, a sua recordação: a lembrança do beijo que se deu ou recebeu, do instante de ventura que passou para não mais voltar... Um vulto de mulher, encheu, por um momento, toda a nossa emotividade, fazendo vibrar todos os rythmos de nosso coração, e se foi, um dia, deixando-nos a sua saudade, o suave perfume da sua recordação... Na saudade desse sonho que passou, no perfume de folha secca com que sua alma impregnou nossa propria alma, é que ficou a parte fixa, estavel, da felicidade que ella nos proporcionou. Porque é da essencia mesma da felicidade que ella só seja comprehendida e avaliada quando perdida..

«MISS FORTALEZA»

A graciosa senhorita Berenice Moraes, filha do illustre casal dr. Tancredo de Moraes, eleita, recentemente, «Miss Fortaleza». Expressão da beileza feminina cearense, a joven patricia de Alencar, no concurso dos bairros daquella capital nordestina, foi escolhida «Miss Praia de Iracema» e na eleição geral da cidade obteve a faixa de «Miss Fortaleza». A sua consagração realizou-se no Theatro José de Alencar, em presença de escolhida, brilhante e numerosa assistência.

ESTRELLAS CADENTES

Esta manhã-cinza a derramar, a diffundir sobre a cidade o crepusculo matinal de sua tristeza, da immensa e silenciosa tristeza que ella mal disfarça no velario sombrio do tempo, instilla-me tambem no coração a estranha e incomprehendida amargura que domina a alma mysteriosa e infinita do espaço.

E não sei porque fico tão triste e angustiado, como se, dentro de mim, a alma inquieta das coisas, subitamente tomadas de melancolia, tivesse penetrado, timida e supplicante, a pedir-me agazalho, a solicitar-me um pouco de conforto e de consolação.

E, no mundo de sombras e de soffrimento que desceu sobre mim, a voz da minha inquietude interior era como um éco, doloroso e aflicto, da voz pro-

funda e intensamente dolorosa que cantava, no velario-cinza do crepusculo matinal, a angustia e a nostalgia das coisas

Por que?...

Porque deixar-me invadir por toda a incomprehendida e mysteriosa inquietação que vae lá fóra, nas dobras do velario-cinza da manhã, côr de teus olhos *gris-perle*, que desce sobre a cidade?

Eu proprio, neste momento, não saberia dizer-te porque. Para isso, seria preciso que já houvesse comprehendido todos os reflexos dubios, vacillantes, indecisos de tua alma, de constante velada sob os cilios sombrios de teus olhos côr de cinza...

Porque, meu amor, tu és a manhã-cinza de meu coração, o crepusculo matinal de minha alma Nunca terás para mim o illuminado deslumbramento das manhãs claras, tontas de sol, que penetram o intimo da gente com a alegria fresca e cantante de um riso de criança, despreoccupada e feliz.

Teus olhos côr de cinza, velam, no *abat-jour* de teus cilios, longos e sombrios, o mysterio de tua alma e de teu coração de mulher-esphynge, a quem, e mvão, busco comprehender.

Tout comprendre, c'est tout mépriser — disse, porém, um philosopho. E eu já prefiro não te comprehender, tanto me affiz ao ambiente de sombra e de tristeza da manhã crepuscular que teus olhos côr de cinza difundiram dentro de mim...

ROSAS DE SANTA THEREZINHA

Meu principe e meu... senhor — Um novo rythmo, um rythmo profundo e largo, intenso e dominador — rythmo para mim desconhecido, até bem pouco ainda — enche minha alma de uma nova musica, ora violenta e sensual, com trepidações de jazz-band e exaltação pagã de sangue sadio e moço a dansar, dentro das veias, o bailado quente da vida; ora suave e fresca como uma caricia de azas ou um beijo de gota de agua pura e crystallina nos meus labios em febre!

Meu corpo virgem, de... santa, pela sua pureza, e de peccadora, já, pelo sabor agro-doce de peccado, que o meu, o seu, o nosso amor, nelle inoculou, estúa, palpitante, aos caprichos do desconhecido e mysterioso rythmo que dá a meu sêr um continuo movimento de canções ardentes e de cordas de violão tremulas de anseios castos...

Escute: as rosas, não as alvas e immaculadas de sua Santa Therezinha, mas as vermelhas, rubras do meu pudor, tomado de panico, ardem-me nas faces. Não sei bem como lhe explicar o que estou sentindo, a metamorphose que se opera em mim, de certo tempo para cá, desde que você começou a me fazer adivinhar a suave delicia de um beijo de amor...

Não; não posso, não devo continuar. Talvez me comprehendas muito melhor, sem eu nada te dizer. Crê, porém, no que, de coração, e com o coração, te vou dizer, agora, ao ouvido: amo-te! amo-te muito!, e no beijo que me canta, agora, nos labios, envio-te, (estou a te *tutoier* tambem) inquieta e feliz, toda minha alma de mulher e tambem a da... santa, se o quizeres.

Até breve — Tua *Maria do Céo.*

SORRINDO...

Sorrisos, lindas illuminuras, traços de bistre, labios sangrando... "rouge", uma ronda alegre, de bonecas, *maquillées* e *la diable*, a fazerem o encanto, a delicia, o regalo senão o espanto e o escandalo dos olhos da gente — eis, em meias tintas, o *croquis* futurista da Avenida, nas horas de *dolce farniente*, a que se entregam, ahi, nos dias de *great-parade*, de delicioso *footing*, a elegancia, o snobismo, o melindrismo e o almofadismo cariocas. A lista em ismo iria mais longe ainda, se as tintas a usar aqui não fossem tão só as necessarias para o debuxo de um simples motivo de pintura modernista...

As meias tintas, no esboço arco-írico (com licença do neologismo) dos quadros e das scenas ao vivo, da sociedade futurista de hoje, têm a virtude salutar de deixar tudo por acabar, in completo, com uma pincellada aqui, outra ali, sendo mistér apenas variar o colorido, num contraste em que o berrante, o gritante sempre predomine.

Aliás, tudo isso é bem melhor, por mais simples e mais pratico: qualquer troca-tintas, travestido de poeta, pinta cada coisa sobre os encantos artificiaes, ferozmente *maquillées*, de sua boneca, que dá vontade, a quem quer que se não tenha accommodado ao espirito do século, de morrer de desgosto.

Eu, não, que acho lindo e encantador tudo isso. Amo, adoro a mulher arco-iris de hoje, muito embora tenha uma vasta, profunda saudade da que se foi, da que encheu de romantismo e de illusão, de mysticismo e de fé, de pura exaltação e grande e nobre amor, o coração sentimental, e bom, e leal dos homens de outras éras.

Sob a compressão do cimento armado e do peso da massa bruta dos arranha-céos, o espirito do homem de hoje ou se adapta ás condições novas do ambiente social novo ou acabará por ser confiado ás mãos habeis de um especialista em casos de anormalidades mentaes.

Eu, com franqueza, custei mas me adaptei, embora de vez em seja ainda ameaçado, especialmente pelas mulheres . . . excessivement *vouveau jeu* e pelos seus poetas e artistas predilectos — os ditos futuristas — de ser mettido em camisa de força para bem poder comprehender a umas e a outros.

E, fatalmente, acabarei perdendo o pouco do equilibrado e sadio bom senso á antiga, que ainda me resta, para entoar com "ellas", aos rythmos doidos dos versos "del-

SENHORINHA Tina Vitta, conhecida soprano, discipula do maestro commendador G. Geannetti, e que na noite de 30 do corrente realizará um recital de canto no Instituto Nacional de Musica.

ARABESCOS

A melancolia de um domingo triste traz-me a saudade de outros domingos felizes.

Naquelle tempo, esse dia santificado era teu. E meu altar eram os teus dois olhos meigos que pareciam sorrir entre as franjas negras dos cilios. A minha crença era o teu amôr. E o teu beijo innocente era a minha eucharistia.

Não era a ti que eu adorava. Era a tua alma bôa como uma oração votiva. Era o teu coração delicado e puro e simples como o perdão.

Meu coração batia apressurado como um silo de egreja em repique de festa.

E havia na communhão das nossas duas almas felizes um perfume de enlevo que hoje procuro no aroma fugitivo da flôr emmurchecida da saudade.

E hoje tenho um domingo tristonho, amargurado, infeliz.

Como poderia rezar si me falta o altar dos teus olhos?...

Que resta da minha crença, que era o teu amôr?

Que resta do meu sonho côr de rosa tecido com carinho em filigranas de amôr?

Só tu deves sabel-o. Tu, que talvez nunca leias o que escrevo...

No emtanto, és tu que me inspiras estas linhas e é unicamente para serem lidas por ti que as escrevo...

MARCOS ALÉM.

O dr. Rodrigo Octavio Filho, nome tão conhecido em nossos circulos intellectuaes, evocou, numa palestra que realizou, sexta-feira penultima, no salão nobre da Escola de Bellas Artes, a figura singular do nosso grande poeta Mario Pederneiras.

ESPERANÇA...

E renasceu essa Esperança linda!

Que alegria, que volupia, que gozo, saber que tu não amas ainda... a ninguem!

Que o teu coração está silencioso e só como um ninho vazio...

Que os teus olhos não poisam noutros olhos apaixonadamente...

Que a tua voz não envolve outra voz enternecidamente...

Que tu não amas ainda...

Que tu não soffres ainda...

Amor, deixa-me soffrer sozinha... já que me não queres trazer o sublime martyrio do teu amor!...

Vamos vivendo assim... A vida, tu bem sabes, amor, eu já te disse... é uma grande esperança insatisfeita.

A Esperança nasce, cresce e morre com a creatura; nunca a abandona, mas tambem nunca a satisfaz...

BARONEZA DE BRANCCION.

OS admiradores do dr. Oscar dos Santos offereceram-lhe um almoço, por motivo da sua nomeação para o cargo de representante do ministério publico no Tribunal de Contas. Esse ágape decorreu na maior cordialidade.

NÃO teve consequencias maiores, aquella surpreza desagradavel experimentada por *madame* ao ser encontrada pelo marido em um cinema da cidade, sentada ao lado de um rapaz elegante, que ha muito goza do privilegio da sua intimidade.

O marido fez entrada de leão, mas, depois de ligeira troca de palavras, sahiu manso como cordeiro..

Madame repelliu a insinuação de que estivesse com um conhecido ao lado, mostrando-se offendida pela infamia, pois, não podia prohibir que um rapaz occupasse um logar ao seu lado, no cinema, no bonde, etc..

O facto é que não tinha sido pilhada conversando; por isso *madame* poude repellir com energia o marido. E, para maior castigo, inverteu o papel, accusando-o de frequentar cinemas em horas de trabalho, certamente para as suas costumadas *piraterias*...

Elle quiz tentar uma defesa, mas, foi debalde, porque *madame* ameaçou céos e terra, aproveitando-se da situação para della tirar o melhor partido.

A nuvem passou e, provavelmente, *madame*, quando fôr novamente pilhada com o rapaz ao lado, terá de inventar outro recurso de defesa, porque o seu marido não é tão ingenuo quanto parece...

O logar não é proprio para encontros, porém, temos notado que é muito procurado.

Talvez os que alli trocam rapidas palavras, ajustando contas, acertando *a escripta*, pensem de modo contrario, isto é, que aquelle cantinho, protegido pela fachada escura da velha egreja, offerece solidas garantias para a solução de casos complicados...

Ainda o outro dia, lá estava uma criatura loira, forte de corpo, com o rapaz de branco. Ella, um tanto zangadinha, exigindo explicações; elle, em attitude humilde, parecendo não saber como encontrar desculpas para sahir da enrascada.

Na mão da loira, luzia uma alliança; na do rapaz não havia vestigio de que, tivesse renunciado á sua condição de solteiro.

Mas, evidentemente, elle era uma presa nas mãos da criatura loira, que o chamava a contas, ali naquella esquina de rua, mui proxima da Avenida, ponto que não reputamos estratégico, porque está a descoberto das vistas curiosas, ao alcance das linguas viperinas...

PINTURA BRASILEIRA

MANOEL Santiago, o illustre pintor brasileiro, premio de viagem do nosso «Salon», expoz, no «Salon de Paris, esta «Tatuagem», que é um quadro bem brasileiro, porque fixa um aspecto da selva amazonica, com os seus indios ainda distanciados da civilização. Manoel Santiago encontra-se em Paris, acompanhado de sua exma. esposa, d. Hayden Santiago, que é, tambem, uma representante victoriosa da grande arte da pintura.

A parada militar do dia da Independencia ficou marcada com uma pedra branca — assim disse o garboso official, falando a um grupo de amigos.

Destacado para *fazer alto* ali pelos fundos do Cattete, onde aguardou o momento do desfile, elle teve a sua attenção volta da para uma linda mulher, cujos olhos insistentemente procuravam os seus.

Era preciso não perder a partida, pensou elle; e, sahindo de fórma, logrou obter da linda mulher os informes de que necessitava para uma *carga de baionetas*.

Rua e numero de residencia, telephone, etc. e no mesmo dia lá estava elle gritando: *Independencia ou morte!*...

E, como o official é decidido e audacioso por temperamento, conquistou a praça, installando-se como principe.

Até quando vae durar o *romance*, não sabemos, pois ella tem um temperamento voluvel, muito propenso a fantasias.

Naturalmente, na proxima formatura do futuro Sete de Setembro, elle estará disponivel para outra coisa parecida, pois o nosso official é muito joven para aspirar o posto de coronel...

A formosa morena, de olhos redondos, e rosto de anjo, está intrigada com o que tem lido nestas *Trepações*. O que se escreve, a proposito de "morena bonita", deve ser com ella — é o que pensa. Não diremos que sim, nem que não.

Afinal de contas, bem póde ser que ella tenha inspirado paixões discretas e silenciosas, uma vez que é morena, é intelligente e bonita.

E' verdade que ha muitas nas suas condições.

Mas a carapuça tambem lhe póde servir maravilhosamente.

Por que tanta curiosidade? Ella, a morena, nada soffre com inspirar uma paixão discreta e recalcada. Quem soffre é o tolo do cavalheiro que se leixa mebalar por qualquer palminho bonito de cara.

Que ella agora pergunte como a dama do soneto d'Arvers: "Quelle est donc cette femme?"

ADÃO & EVA

As Tres Mendigas

ELLAS eram tres velhinhas emmurchecidas e cansadas, que se reuniam todas as manhãs, involuntariamente, sob o portico da egreja de Nossa Senhora do Parto, a pedir esmola. A mais antiga a mendigar alli não viu chegar com bons olhos as duas novas "freguezas"; mas, afinal, o habito de se encontrarem diariamente acabou por estabelecer uma certa amizade entre ellas. Tinham o seu codigo de direitos e deveres reciprocos. Cada domingo era uma que se collocava mais ao pé da porta para pedir esmolas aos que sahiam; haviam notado que, ao esvaziar-se a egreja, as dadivas eram mais abundantes e generosas do que á entrada. Possivelmente porque na chegada cada qual vem só ou em pequenos grupos, e no fim se escôam todos juntos; a caridade é mais notada. E não ha mal nenhum em que aproveite desde logo na terra o que vae render no céo, mais tarde. Depois é tambem que o officio commove, dá idéas espirituaes. Sermões, então, existem que fazem maravilha nesse sentido. Nesses domingos as bôas velhinhas costumavam até se cotizar e mandar dizer uma missa — num altar pobre, já se vê — por alma dos que haviam amado outr'ora.

Assim foi que, certa manhã chuvosa, em que a grande nave sonora e semi-escura dormitava quasi deserta, as tres velhinhas, tendo acabado de ouvir o officio que haviam encommendado, se atardaram num canto da egreja e se puzeram a conversar.

Talvez influencia da atmosphera infinitamente dolorida, velada pelo interminо escorrer dos filetes humidos, uma dellas havia sentido seus olhos nublados d'agua, durante as orações. Tendo-o dito ás companheiras, a emoção as contagiou e as tres se puzeram a chorar... ellas que o não faziam havia tantos, tantos annos...

Ainda alquebradas pelo irromper das recordações, as tres velhinhas da egreja de Nossa Senhora do Parto se puzeram a falar das coisas do passado.

— Eu, disse a mais antiga naquelle posto, — fui a mais infeliz das criaturas. Maltratada por meus paes — que Deus os perdôe e os tenha em sua santa gloria — era uma rapariguinha bisonha, desconfiada. E sempre fui muito feia. Os rapazes riam-se de mim e eu fugia delles. Nunca fui amada... creio que nem siquer desejada, e não soube por mim mesma procurar quem me quizesse. Porque, afinal, quem pede sempre alcança, disse Jesus. Nunca fui amada e nem amei. Fui a mais desgraçada das mulheres.

— Eu, — disse a segunda velhinha — ainda fui mais infeliz. Você nunca amou. Só isso é uma sorte: bate na bocca e não fale della. Eu — pobre de mim! — fui creada com tanto carinho por meus paes, que eram pobres, é verdade, mas tão bôas criaturas, que si ha santos lá no céo, elles devem ser do numero. Bem creança ainda, casei-me, e depois de alguns annos de felicidade, o meu martyrio começou; foi um verdadeiro calvario sem querer offender a Nosso Senhor crucificado. Amava a meu marido como se póde adorar um anjo. Mas tambem não era muito bonita embora feia não fosse, talvez. Elle fugiu com outra e me deixou dois filhinhos. O que lutei e pensei não sei mais dizer. Faz tanto tempo.. Deus levou meus filhinhos... Fez bem. O mundo é tão máo! E eu fiquei por ahi a arrastar estes ossos velhos... Então a terceira, das velhinhas falou:

— Vocês se queixam... Que ficará para a desgraçada de mim? Vocês, si foram infelizes, não foi por culpa propria... Uma não conheceu o amor... outra o conheceu no que elle tem de santo e de puro... Mas eu... Fui bonita... Diziam que era linda. E essa foi a minha perdição. Na idade em que as outras têm sonhos e esperanças, eu já não era mais que um trapo... Que Nosso Senhor me perdôe, meu Deus do Céo... Fui amada... mas tambem nunca amei... nunca! Os homens não o merecem, pensava. E si é triste a gente viver só; e si é horrivel uma criatura soffrer porque ama, ainda peor é a solidão acompanhada, ainda mais cruel é errar, estragar a vida inteira sem amor. Ah! Como eu desejava ter conhecido a doçura de um carinho nem que fosse por um anno apenas!... Nem que depois tivesse de pagar esse tempo com a amargura de toda uma existencia. Ou então Deus me tivesse feito bem feia e houvesse afastado assim os homens do meu caminho. E as tres velhinhas se calaram, acabrunhadas. Do lado de fóra, as lagrimas longas e incessantes da chuva continuavam a escorrer monotonamente. Na grande nave erma e semi-escura errava, modorrento, o bafejo humido do dia chuvoso. Os passos do sacristão, que apagava as luzes e arrumava o altar, resoavam num éco profundo e sonoro. As tres velhinhas, encolhidas, cabisbaixas pareciam tres feiticeiras encarquilhadas. A que fôra sempre feia... a que fôra sympathica apenas... a que tivera uma belleza invulgar... que differença faziam mais? Fôra impossivel se lhes determinar nos rostos engelhados, deformados pelas enfermidades, nos olhos sem pestanas, nas boccas desdentadas, nas frontes quasi calvas, o mais leve traço de encantos bem mortos. Haviam sido feias? Haviam sido bellas? Já não eram mais que tres carcassas humanas. Eram tres velhas apenas.

Entretanto, no domingo seguinte, como, ao se encontrarem no posto habitual, surgisse entre ellas uma discussão sobre a escolha dos respectivos logares, a mais antiga dentre ellas, a que nunca fôra amada virou-se para a que fôra uma linda rapariga e tartamudeou, com despeito:

— Vê lá si pensa que é melhor do que nós porque foi bonita.

E logo a esposa abandonada, mastigou, invejosa:

— E si quer roubar o nosso logar como roubou o marido das outras... Desde então, nunca mais houve paz entre as tres velhinhas da egreja de Nossa Senhora do Parto.

PETITE SOURCE.

:: Painel de Azulejos ::

O dr. Cicero Nobre Machado é o actual secretario geral da Policia Civil. Moço, espirito culto, reunindo em si brilhantes qualidades que tanto o nobilitam aos olhos de todos os que o conhecem, o dr. Cicero Machado estava indicado, por todos os titulos, para o cargo de que acaba de ser investido. Os seus admiradores e amigos, aproveitando o motivo de sua nomeação, preparam-lhe uma carinhosa manifestação de apreço, que será opportunamente levada a effeito.

AS ARVORES E AS CIDADES

Guschtosp, o grande soberano da Persia antiga, cantado em versos de oiro pelo poeta Firdusi, quando ergueu o maravilhoso templo do Fogo, recebeu das mãos do propheta Zoroastro um galho de um cypreste do Paraiso. Plantou-o deante do alto e solemne portico do edificio.

Todos os principes e todos os reis da Asia reuniram-se, então, em volta do tronco sagrado, ouvindo os claros ensinamentos dos sabios e dos magos, á sombra da ramaria resoante de cantos de passaros. E, assim, nasceu alli a resplandecente cidade de Kischmer.

Quantas vezes não se tem realizado esse milagre em todas as regiões do mundo? Quantas vezes ao pé das arvores amigas e hospitaleiras a demora dos acampamentos nómades tem gerado cidades! Lancemos os olhos sobre o mappa do Brasil e veremos repetido a cada canto o milagre de Kischmer, desafiando o estro dos poetas nacionaes.

Cajazeiras, Umburanas, Ingazeira, Jatobá, Mulungú, Gamelleira, Timbaúba, Cannafistula, Angico, Ombú, Joazeiro, são hoje cidades e foram antigamente arvores a cuja sombra e frescura se acolhiam boiadeiros e vaqueiros, tropeiros e mascates, accendendo as fogueiras — almenáras das noites silenciosas e espantalho dos jaguares famintos — e povoando o deserto com a agreste e saudosa poesia das violas.

O mais poderoso desses exemplos é o acontecido na localidade nordestina de Páu dos Ferros. Um vaqueiro solitario grava na casca dum tronco as marcas das rezes desconhecidas que encontrou perambulando pelas caatingas. Outro campeiro alli colhe informações e traça novos ferros. Outros o imitam. Créa-se com o tempo o habito de ter as noticias dos gados tresmalhados e sumidos naquelle livro aberto e vivo do sertão. Um negociante estabelece alli uma venda, para aproveitar os visitantes. Nascem-lhe casas em torno. Constróe-se a igreja. E surge do solo o povoado como em derredor do cypreste persa nascêra a cidade.

Os symbolos e as lendas são muito mais verdadeiros do que se pensa.

PROSA E VERSO

SUR UN BUSTE DE PSYCHE'

(Soneto de José Maria de Heredia que não foi publicado nas edições communs de sua obra poética).

An fond du parc désert d'un palais [trés lointain
Ou, seul un viseau et l'abeille [latine,
Le buste, ilans sa grace, helléne [ou florentine,
Fleur de marbre fleurit un put [de serpentin.

De l'églantier qui l'enguirlande [au frais matin
A la rosée, a peine éclose, une [églantine
E'panouit sa rose á la lèvre en- [enfantine,
Dont l'invincible chant semble un [rise argentin.

Faisant poudroyer l'or des éta- [mines frêles
Sous le frémissement azuré de ces [ailes,
Voici qu'un papillon s'y pose et [boit le miel;

Et j'ai cru voir mélant en un [rêve d'Attique
La beauté de la terre et l'ivrene [du ciel,
Sur ta bouche, ó Psyché, palpitei [l'ame antique.

CARICIA AZUL

Daquella alta janella, o meu olhar descortinava o panorama maravilhoso da bahia. Raras luzes estrellejavam as curvas femininas das longas avenidas e no ar boiava o perfume da tarde moribunda. Uma poeira azul cobria toda a paisagem, tornando irreal-fantastica, de uma suavidade maravilhosa e representa ao mesmo tempo que fazia meditar e murmurar baixinho palavras de saudade.

Que azul dôce e perturbador como uma caricia de mulher, dôce e perturbador como aquellas caricias que Alguem sabe fazer! .

Não é verdade, querida, que tuas caricias têm côr, que tuas caricias são azúes como esse lento morrer da tarde?...

COSTUREIRA DE AMOR

Coses
na luz da varanda verde
que as verdes fôlhas enfloram
e ao vento cantam e choram,
coses...
Nem um movimento perde
a sombra que te espia
os gestos rápidos, finos.
Olho a linha que vae,
vem, levanta-se e cáe...
E me parece, querida,
a linha de nossos destinos
cosendo a minha vida
na tua vida,
cosendo a tua vida
na minha vida... — *D. Jayme.*

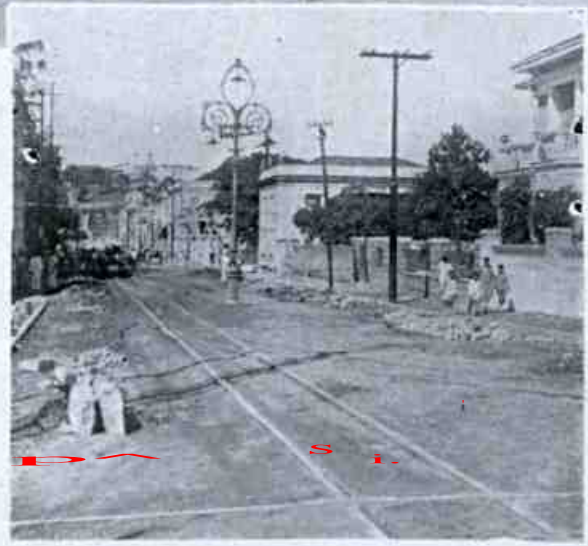
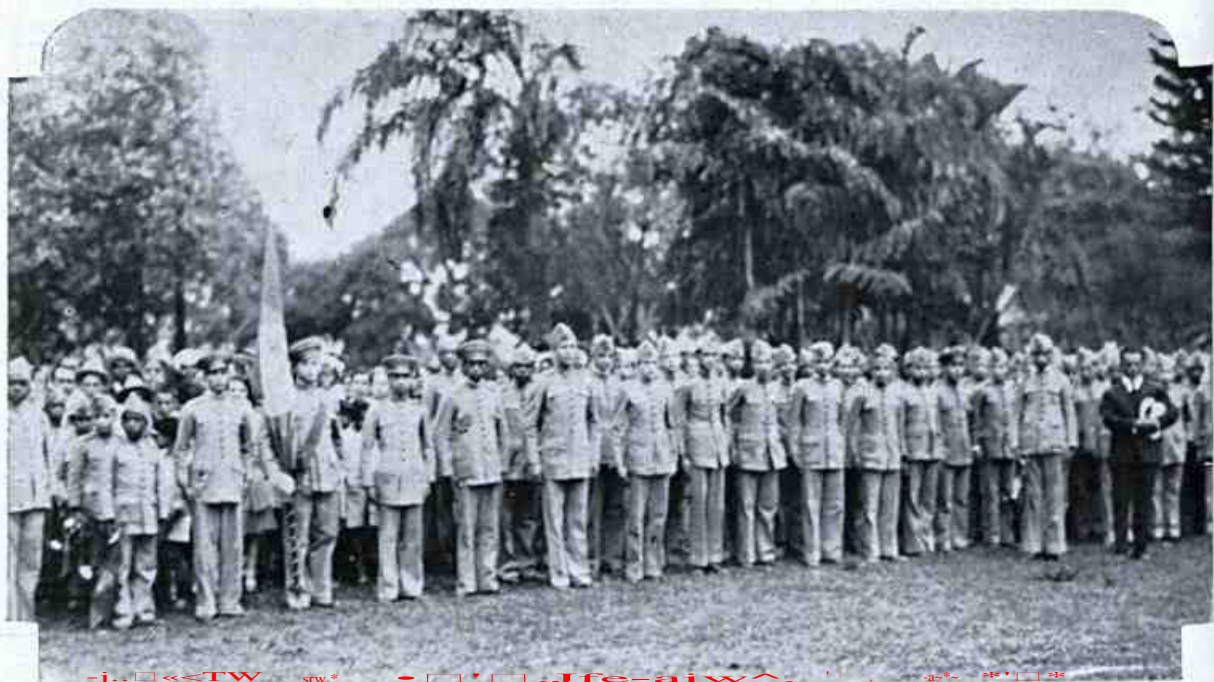
Walter Pompeu, jovem escriptor e historiador cearense, que acaba de publicar em Fortaleza o seu bello livro «Ceará Colonia», em que estuda sua terra natal desde o periodo pre-colombiano até a Independencia.

Espirito Santo de hoje

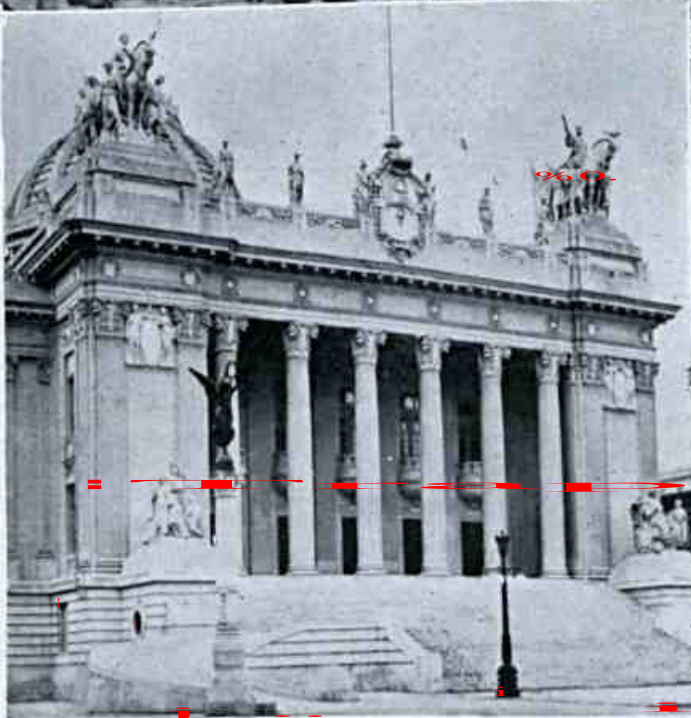
AINDA no numero passado do FON-FON teve occasião de fazer interessante reportagem sobre alguns aspectos do vertiginoso progresso espiritosantense na administração Aristeu de Aguiar. Hoje, damos novos e suggestivos aspectos da brilhante obra de governo que vem realizando, alli, aquelle jovem e illustre homem de Estado.

O dr. Aristeu de Aguiar, presidente do Espirito Santo, é um dos mais illustres estadistas do scenario politico do nosso paiz. Muito moço ainda, isso não o impede de ser um administrador experimentado e prudente, que vem guiando o Espirito Santo para os seus altos destinos de riqueza e de bem estar. O seu primeiro anno de administração naquella prospera unidade administrativa foi fecundo de beneficios para a terra que o elegeu para o seu mais alto posto de magistratura. As mais importantes questões da vida capichaba foram encaradas com intelligencia e energia pelo moço estadista, encaminhando-se, todas, para sua solução feliz e definitiva. O governo Aristeu de Aguiar é uma affirmação de intelligencia, de honestidade e de patriotismo.

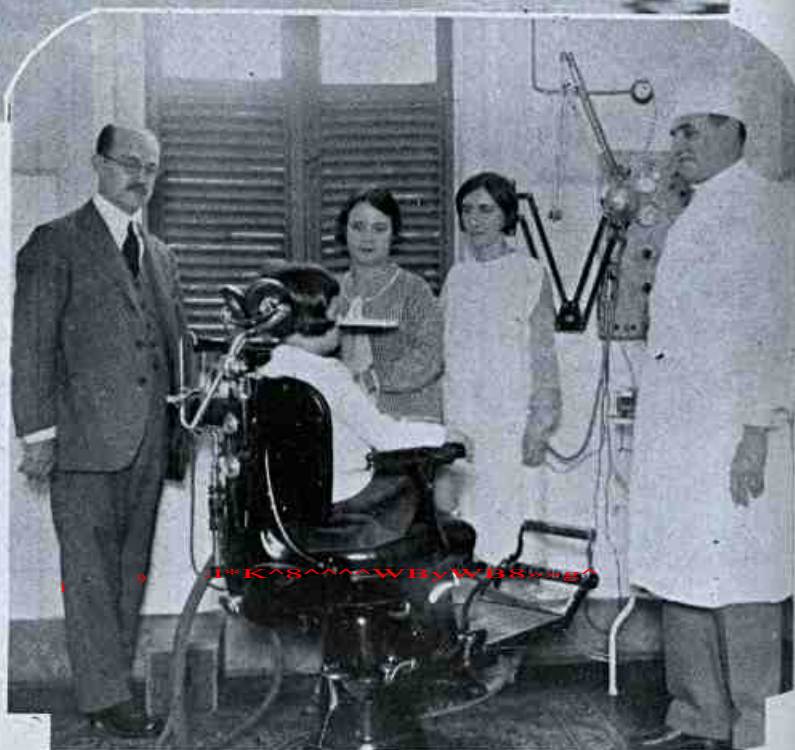
NA sessão do Congresso Legislativo de 7 do corrente, o dr. Aristeu Borges de Aguiar, presidente do Espirito Santo, leu a mensagem relativa ao primeiro anno de sua administração naquella prospera unidade federativa. Documento de alta valia civica, a mensagem do presidente Aristeu de Aguiar revela um estadista moderno, cheio de nobres e fecundas idéas de progresso e de civilização, as quaes sabe pôr em pratica com rara efficiencia e fecunda energia. A administração Aristeu de Aguiar tem sido das mais prodigas em beneficios para a terra capichaba, repartindo-se pelos mais variados problemas e attendendo a todos, dentro dos recursos orçamentarios exclusivos. A construcção de 3 grandes rodovias, a da estrada de ferro do littoral, a modernização de Victoria, a ampliação dos recursos de instrucção em todo o Estado, o estimulo e o amparo á lavoura cafeeira e a outras fontes de producção do Estado, a construcção do porto da capital, são, entre outras, affirmações magnificas dessa rara operosidade governamental. A gravura abaixo representa um trecho da nova e excellente estrada da Praia Comprida, quando ainda em construcção.

A situação financeira do Espirito Santo é das mais auspiciosas que se registam em nossas unidades federativas, attestando as directrizes patrioticas, intelligentes e exemplares da administração Aristeu de Aguiar. O seu orçamento annual aproxima-se de 40.000 contos. A lavoura cafeeira é a grande riqueza do Estado, cujos ferteis e admiraveis valles se prestam, ainda, ás mais variadas culturas agricolas. Excellentes estradas de rodagem e boas vias ferreas permittem a rapida expansão desses productos. Todas as grandes obras da actual administração foram custeadas com os recursos normaes do Estado, sem necessidade de emprestimos externos. Uma rigorosa economia, a captação exacta das rendas publicas, a mais severa disciplina na applicação dos dinheiros publicos tornam a administração Aristeu de Aguiar digna do exemplo e da admiração dos nossos compatricios. A gravura ao lado representa o aspecto de uma rua de Victoria em obras. O governo actual está reconstruindo a cidade em sua maior parte, abrindo avenidas amplas e ruas magnificas, excellentemente calçadas. O porto de Victoria, em construcção, será um dos mais confortaveis do Brasil, dispondo de amplos e modernos armazens. A Bolsa de Café de Victoria, inaugurada a 30 de Junho ultimo, é uma das mais brilhantes realizações do governo Aguiar e vem attender a velhas aspirações dos agricultores e commerciantes capichabas.

A «Festa da Arvore» teve, este anno, em Nictheroy, uma commemoração altamente significativa e brilhante. Com a entrada da Primavera, sob os auspicios da Renascença Fluminense, a tocante e symbolica cerimonia realizou-se, ali, em varios logares, despertando o mais legitimo e justo enthusiasmo. No Campo de S. Bento, ás 4 1|2 horas da tarde de 22 do corrente, presentes centenas de creanças das escolas de Nictheroy, autoridades e pessoas gradas, o eminente chefe do Estado, presidente Manoel Duarte, plantou uma arvore ao som do «Hymno á Arvore», entoado pelos collegiaes em festa, tendo o

dr. Ramos Alonso produzido linda oração allusiva ao acto. Antes, ás 8 1|2 horas da manhã, o dr. Ribeiro de Almeida, prefeito da linda capital fluminense, tambem realizava a tradicional cerimonia plantando uma arvore no jardim Pinto Lima. Em outros jardins e praças de Nictheroy, entre hymnos e orações allusivas ao acto, o culto symbolico da arvore, tão profundamente tocante e expressivo, na sua singeleza, revestiu-se do mesmo sadio espirito de religiosidade, de veneração e de elevado patriotismo. As gravuras que illustram estas paginas focalizam vários aspectos das cerimonias presididas pelo illustre presidente do Estado do Rio e pelo prefeito da capital fluminense.

ASPECTOS da manifestação ao presidente Antonio Carlos, por occasião de sua chegada a esta capital. O chefe da Alliança Liberal, na praça da Republica e na avenida Rio Branco, é acclamado pelo povo, que o foi receber na estação D. Pedro II. Em baixo, s. ex., ladeado pelo dr. Mello Vianna, vice-presidente da Republica, pelos deputados Neves da Fontoura e Flores da Cunha e pelo intendente carioca dr. J. J. Seabra, ouve, na Avenida, um dos oradores da Alliança.

A CONVENÇÃO LIBERAL

No Palacio da Camara dos Deputados, realizou-se, na noite da penultima sexta-feira, a annunciada assembléa da Convenção Liberal, que proclamou os drs. Getulio Vargas e João Pessôa candidatos, respectivamente, á presidencia e á vice-presidencia da Republica. Presidiu á reunião, na qual foi lido o manifesto dos liberaes, o presidente do Estado de Minas Geraes, dr. Antonio Carlos, que veiu ao Rio especialmente para esse fim. Houve varios oradores, entre elles, o presidente Antonio Carlos e o deputado Simões Lopes, pela Alliança Liberal. As photographias desta pagina fixam alguns detalhes dessa assembléa politica. Em cima: á esquerda, o presidente Antonio Carlos quando ingressava no salão da Convenção Liberal, ladeado por varios «leaders» dessa corrente politica; á direita, s. ex. lendo seu discurso, na mesa da Convenção, presidida pelo dr. Simões Lopes e secretariada pelos drs. Odilon Braga e Ariosto Pinto. Ao centro: o dr. Antonio Carlos, ao entrar no edificio da Camara dos Deputados, para presidir á Convenção Liberal, recebe as primeiras saudações. Em baixo: o palacio Tiradentes, onde se realizou a reunião dos convencionaes.

PHOTOGRAPHIAS tomadas por occasião da cerimonia inaugural do novo gabinete dentario da Escola General Mitre. Na de cima apparecem os alumnos daquelle estabelecimento symbolizando todos os accidentes da bahia de Guanabara. A outra mostra um aspecto do gabinete recem-inaugurado, vendo-se o professor Frederico Eyer, que assistiu á cerimonia; a directora da Escola General Mitre, d. Sára Regadas, e o dentista escolar dr. Heitor Correia.

VILY C. Gomes, filho do sr. Edmundo Pereira Gomes e de d. Myrthes Marinho Gomes.

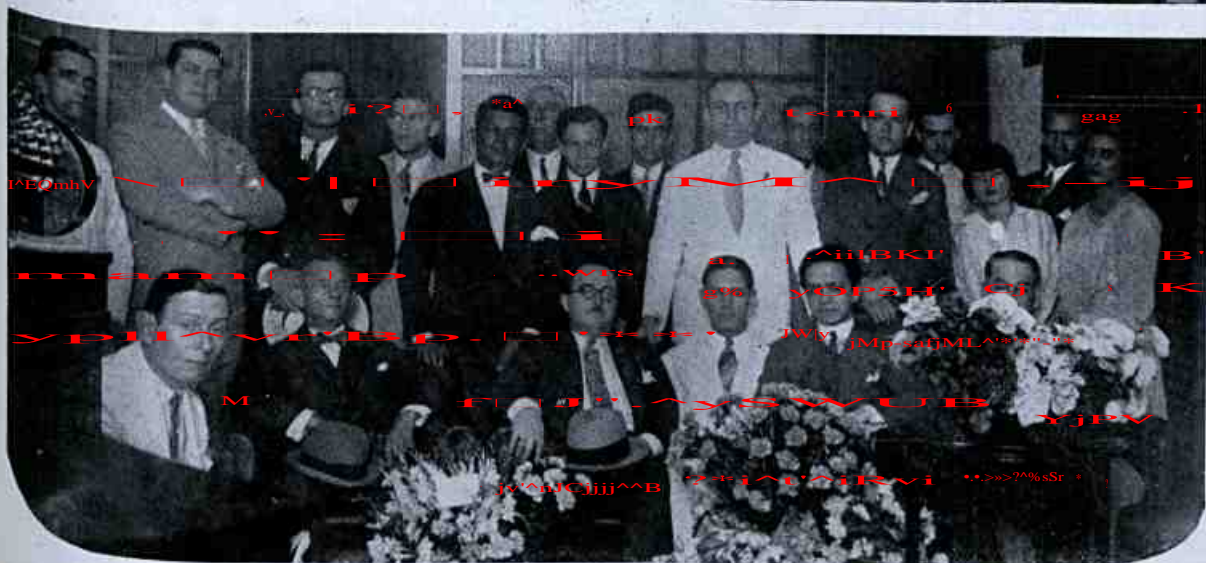
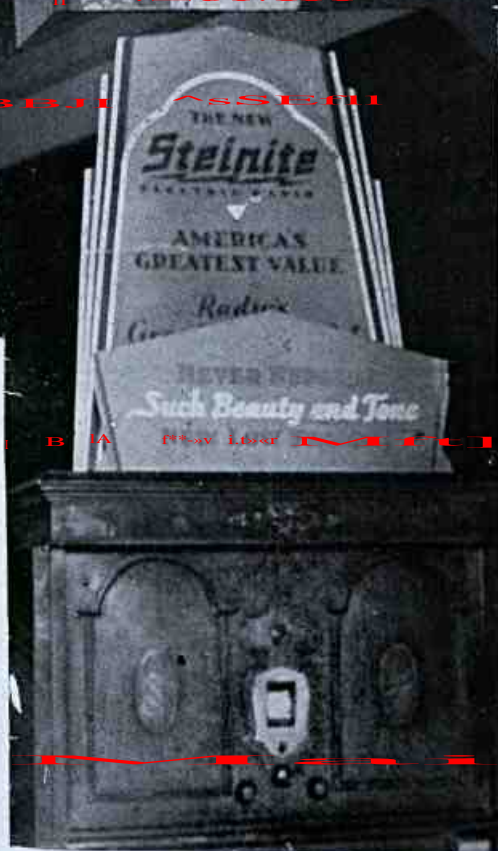
FILIGRANAS

Paga-se o bem com o mal. Nada mais certo. Ha disso um exemplo recentissimo. Em Nictheroy, uma senhora caridosa, ao dar uma prata a um preto que pedia esmolas, recebeu delle um bofetão. O homem foi preso e pintou o diabo na delegacia, á qual compareceu sua esposa, que affirmou tratar-se de um louco.

Pois bem, esse louco repetiu o gesto que muita gente faz moralmente, quando o não póde praticar materialmente: esbofetear o seu bemfeitor. A ingratidão, com effeito, na vida, não é virtude privativa dos alienados e sim daquelles que se julgam possuidores de perfeito juizo.

O bem se paga com o mal — ensina a historia dos homens.

José Ricardo, filho do sr. Ricardo de Albuquerque.

DESDE o dia 21 do corrente, acha-se o Rio dotado de mais um estabelecimento commercial, luxuosamente installado á rua Gonçalves Dias, n.º 64. Este modelar estabelecimento, cujo proprietario, sr. L. Mendes, não mediu esforços nem sacrificios, afim de apresental-o de accordo com as exigencias modernas, está destinado a revender todos os productos graphonologicos, de diversos fabricantes, sendo de salientar-se os da marca «Steinite», dos quaes é o unico distribuidor nesta cidade. Os citados apparelhos, duja belleza de acabamento e maviosidade de seus sons, estão muito além da critica, são o fructo de um prolongado estudo technico que a «Steinite Laboratories Co., de Chicago, acaba de lançar no mercado mundial por intermedio dos seus innumeros representantes. Os nossos clichés photographicos representam: 1.º Aspecto da inauguração do estabelecimento, o qual foi designado «Casa Steinite». 2.º Pessoas presentes no salão de exhibição. 3.º Apparelho «Steine» modelo 102 — radio e phonographo electrico combinado.

Frio nas Mãos...

por
ALICE MORRIS

ELLAS se conhecêram numa tarde nebulosa, opaca e fria, e nunca mais se separaram. Clarisse era subtilissima, branca. Soffrêra muito, e tinha uns olhos que pareciam duas petalas escuras, brilhantes de orvalho. Bonita, pequena, serena, pallida. Suas mãos, bellissimas como nunca vi, um pouco cerosas, com dedos longos, finos e unhas côr de rosa, quasi sempre cansadas, pareciam feitas de lyrios e de lua. Amava a chuva tenue, os anoitecerеs serenos, as canções dolentes...

Stella era inquieta, vibrante, sedenta de loucuras. Os olhos, grandes e formosos. A bocca, vermelha e humida. De corpo fino. Só na vida, sua alma era como uma desconcertante tempestade de risos, de lagrimas, de ternuras, de gritos, de murmurios. Suas mãos, sempre inquietas, iam morrendo de sêde de caricias e de violencias. Chorava sempre e sempre ria.

E assim, tão differentes, uma do céo outra da terra, uma fogo e outra resplandor, plasmaram de tal fórma seus espiritos, que nunca estavam separadas. E, desde aquelle inverno longinquo, suas mãos se enlaçaram, seu affecto creou raizes profundas e fortes, e ellas foram como duas irmãs, defendendo-se, amparando-se, protegendo-se. Clarisse, sempre triste. Stella, sempre inquieta. Ambas com uma ansiedade identica e com um identico sonho: o amor. E sonhavam mil cousas, e se diziam mutuamente: "Quando tu amares..." E vinha, depois um silencio, e mais do que nunca as mãos se estreitavam na espera. As mãos dellas, cujos movimentos eram palavras. As mãos dellas cujos movimentos eram outras como fogo e azas. As mãos que entre si procuravam o refugio amigo, e se aqueciam, e se enlaçavam, e se uniam. Oh, magnifico enlaçar das mãos irmãs, nos entardeceres opacos em que as almas esperavam, febris e inquietas!

E numa noite chegou a ellas outra voz, estranha, voz de metal, grave, serena, placida, voz intima e profunda, voz de noite, de vento surdo, que parecia como o som de um sino morto, e depois, os olhos azúes, de um azul quasi negro, côr de céo sombrio, com chammas frias, com resplandores tépidos. Olhos adormecidos, com serenidade de agua estancada, com iris como estrellas escuras, e que penetravam nos outros olhos, serenos, fixos, profundos. E depois, as mãos, mãos pallidas, um pouco immoveis, mãos angulosas de homem forte, com veias firmes e largas, com dedos finos e elasticos. E todo elle, todo o homem, chegava como o chamado angustioso das irmãs, como o grito das amigas, grito surdo, dolente, fatigado, grito que se extendia nas noites e nos amanheceres, e que era sorriso e era lagrima: porque era esperança e era medo! E ao ouvir a voz e ao olhar os

olhos e sentir as mãos, se estreitaram mais do que nunca. E assim, quietas, pequenas, disse uma: "Tu!", e como um éco respondeu a outra: "Tu!"... Mas as duas sentiam o prodigio da presença estranha, e na solidão de suas noites, cada uma em sua alcova, estavam como cravadas na recordação do intruso, do intruso de olhos serenos, fixos, profundos, que se plantava deante dellas como uma interrogação, que se plantava deante do grito dellas, desconcertando-as, com as mãos immoveis e a voz opaca.

Depois, foram as tardes e os crepusculos, em que caminhavam os tres sem rumo, sob as arvores, junto ás fontes, sobre as hervas frescas. Ellas, com os dedos trançados. Elle, com os labios em sorriso. Entardeceres longos, cheios de palavras e silencios, em que vagavam com a alma suspensa, até que a noite cahia, e as estrellas tremulas iam nascendo douradas, luminosas, como pupillas immensas que só fossem luz. Maravilhosas tardes em que a triste, a inquieta e o intruso uniam suas almas diversas e as faziam iguaes num mesmo ramo de esperanças, e de melancolias e de ansias.

As duas cantavam e riam. E ao olhar-se, com os dedos trançados, suavemente dizia Clarisse: "Tu!", e Stella, vibrante, respondia: "Tu! tu!". E seus olhos grandes, formosos, negros, tinham as mesmas claridades do orvalho sobre as petalas escuras. As duas, ardentes de amor, offerecendo-se dolentes e magnificas, o calice da felicidade...

Depois, já nas ultimas tardes do estio, quando o crepusculo é todo reflexos de fogo e o céo é mais escuro, e ha nas folhas estremecimentos de frio e tremor de agonia e nas frondes uma como loucura de trinados e de sombras, iam os tres sem rumo, sob as arvores, junto ás pontes, sobre a herva fresca. Ella e Elle, com os dedos trançados, os labios em sorriso, cheios de palavras e de silencios. E a outra irmã, ainda mais lenta, como que um pouco cansada, as pupillas longinquas, longinquas, dizendo em voz baixa, tão baixa que era menos que um suspiro, que era quasi silencio no silencio: "Frio nas mãos... frios nas mãos..."

LLOYD BRASILEIRO

SERVIÇO DE PASSAGEIROS

PROXIMAS SAHIDAS DO RIO DE JANEIRO

EUROPA

Navio	Data
Alte. Alexandrino	30 Setemb.
Bagé	15 Outubro
Raul Soares	30 Outubro
Ruy Barbosa	15 Novemb.
Cant. Guimarães	30 Novemb.
Cuyabá	15 Dezemb.
Alte. Alexandrino	30 Dezemb.
Bagé	15 Janeiro
Raul Soares	30 Janeiro
Ruy Barbosa	15 Fevereiro
Cant. Guimarães	28 Fevereiro
Cuyabá	15 Março
Alte. Alexandrino	30 Março

NORTE

LINHA RIO - BELEM

Navio	Data
Pará	1 Outubro
Cte. Ripper	11 Outubro
Pedro I	18 Outubro
Manáos	25 Outubro
Pará	1 Novemb.
João Alfredo	8 Novemb.
Cte. Ripper	15 Novemb.
Pedro I	22 Novemb.
Manáos	29 Novemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Data
Campos Salles	10 Outubro
Affonso Penna	25 Outubro

LINHA MANÁOS - B. AIRES

Navio	Data
Rodrigues Alves	10 Novemb.
Duque de Caxias	20 Novemb.
Baependy	30 Novemb.

LINHA RIO - RECIFE

Navio	Data
Cte. Vasconcellos	30 Setemb.
Cte. Vasconcellos	30 Outubro
Cte. Vasconcellos	30 Novemb.

SUL

LINHA RIO-PORTO ALEGRE

Navio	Data
Cte. Alcidio	3 Outubro
Cte. Alvim	10 Outubro
Cte. Capella	17 Outubro
Cte. Alcidio	24 Outubro
Cte. Alvim	31 Outubro
Cte. Capella	7 Novemb.
Cte. Alcidio	14 Novemb.
Cte. Alvim	21 Novemb.
Cte. Capella	28 Novemb.

LINHA MANÁOS-MONTEVIDEO

Navio	Data
Rodrigues Alves	11 Outubro
Duque de Caxias	26 Outubro
Baependy	4 Novemb.

LINHA MANÁOS - B. AIRES

Navio	Data
Alte. Jacequay	13 Novemb.
Campos Salles	23 Novemb.

LINHA RIO - LAGUNA

Navio	Data
Asp. Nascimento	30 Setemb.
Asp. Nascimento	15 Outubro
Asp. Nascimento	30 Outubro
Asp. Nascimneto	15 Novemb.
Asp. Nascimneto	30 Novemb.

A profissão de poeta

(por Alfredo Quebleen Tissieres)

DE quantas profissões conheço, a de poeta me parece a mais agradavel, ainda quando resulte a menos productiva.

Os profissionaes da rima, bons ou máos — eu me colloco humildemente entre os ultimos — não gozamos da felicidade e dos favores que nos são attribuidos pelos que nunca escreveram versos. Vivemos sobresaltados, em heroica e impiedosa luta com o alfaiate e o senhorio, personagens tanto mais antipathicos quanto não cessam em suas perseguições contra os que, por habito ou por necessidade, não têm a prudencia de estar em dia com elles.

Todo mundo suppõe, no emtanto, que a vida nos brinda com seus melhores bens, da mesma fórma que nós julgamos retribuir em máos versos tudo o que de bom nos proporcionam.

— E' invejavel a sorte de vocês — dizia-me, certa vez, um velho amigo. — Escrevem um soneto, por exemplo, e lhes abrem as portas das redacções, as mulheres os olham com inquietudes explosivas suppondo-os donos de uma sensibilidade esquisita, e os hom ns, até os de materialismo mais accentuado, não deixam de sentir o acicate da inveja e a febre do despeito ante os triumphos de indole diversa que vocês diariamente conseguem.

Esse juizo fórma o conceito — do montão anonymo, da maioria, desse grande publico suggestionavel e ingenuo que concede ao verso, bom ou máo, virtudes e propriedades maravilhosas.

No emtanto, a realidade é bem differente. Nas redacções dos jornaes se tem o perverso costume de *pelar* a quanto bicho vivente se lembre de subir o monte do Parnaso para pôr em rima uma idéa propria ou alheia. Em geral, se suppõe, com fundadas razões, que um poeta, quando se mette com as *musas*, ha de ser para repetir o que outros já disseram, porque os poetas, á força de ser honestos, se transformam em ladrões.

Dito isso, cabe affirmar que as mulheres já não se conquistam com sonetos. Os madrigaes e os acrosticos já passaram de moda, e si alguma trova innocente chega a enternecer um coração feminino, esse coração pertence sempre a uma solteirona de idade inconfessada. E já sabemos que as solteironas se enternecem ante uma copla com a mesma facilidade que ante um pontapé de um ligeiro ou um directo de um mal pugilista.

Creio, por outro lado, que antes tambem não se conquistavam corações com os fluidos magneticos da poesia. A penetração dos poetas no coração das mulheres, sómente nas novellas e nos contos se concebe.

Quando gorgeava em minha cabeça o passaro azul que entenebreceu as horas juvenis do triste e doce Guercin, acreditava nos milagres da palavra rimada. Outros mais habeis ou mais tolos que eu tomavam a seu cargo a tarefa de affirmar aquella convicção.

Com o cigarro nos labios e o chapéo negligentemente cahido costumava falar aos homens, e sobretudo ás mulheres. Umas e outras demonstravam admirar-me. Cheguei a julgar-me irresistivel suppondo que aquelles me temiam e estas me adoravam. Não sou, desde logo, o primeiro romantico que leva a sério as cousas que se lhe dizem. Conheci mais de um homem politico que, julgando-se privilegiado, falava de seus prestigios e de sua popularidade, mesmo que os não tivesse.

E' que, para enganar os outros, começamos por enganar-nos a nós mesmos.

Em certa opportunidade, quando derramava pelos jornaes e revistas os versos que escrevia, tive de recorrer ao credito de uma casa bancaria. Necessidades inadiaveis assim o exigiam.

Fui visitar o gerente, que me attendeu com uma bondosa cordialidade que profundamente me commoveu.

Conversámos longo tempo. Eu, com a intima complacencia que, supponho, sentirão os poetas quando falam com banqueiros, e elle, com o temor que, suspeito, sentirão os banqueiros quando estão em contacto com os versejadores. Porque os poetas têm o máo costume de esquecer as dividas sempre que se trata de pagal-as.

A conversação se prolongava muito. Formulei meu pedido, bruscamente, á queima-roupa, com premeditação e aleivosia. Então o gerente, bom e accessivel, que se expressava com esmagadora gentileza, se fez de desentendido, e, falando-me de generalidades, acabou fazendo-me esta prgunta:

— O senhor ainda escreve versos?

Julguei que se tratava de premiar com um bom credito meus esforços sentimentaes e minhas incursões pela literatura, e respondi, com a velocidade do raio:

— Sempre os escrevo. O verso é, para meu espirito, o que o arado é para os lavradores e a mentira para os politicos: um elemento essencial, indispensavel. Mas, a proposito de que vem sua pergunta?

E o homem de negocios, olhando-me por cima dos oculos, como si pronunciasse uma sentença condemnatoria, respondeu:

— Esse, meu amigo, é um máo antecedente para o banco.

Desde aquelle dia penso que a profissão de poeta poderá ser agradavel, tão agradavel como improductiva...

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Repara esta mulher: E' esplendida e formosa,
Tem do lyrio a pureza e a frescura da rosa,
E' alva como o cysne e bella como o sól!
Mas todo esse fulgor de vida e mocidade
Ella deve ao perfume, a doce suavidade,
As virtudes sem par, soberbas do EUCALOL.

Isaias Silva.

Rua Marques de Caxias 8 — Itapagipe — Bahia

VARINHA DE CONDÃO

QUARTO DE MOÇAS — Victor Marguerite, o autor do famigerado livro *La Garçonne*, crê no futuro da mulher moderna. O typo que descreveu no seu romance, diz elle, era real, mas foi um typo de transição destinado a desapparecer como já succedeu mais ou menos. Não habituada á liberdade, a mulher abusou della. Agora as coisas principiam a se equilibrar. A mulher começa a ter consciencia do seu novo papel, comprehender que a dignidade não é incompativel com a maxima independencia.

Em tudo que nos cerca se nota actualmente a distancia que separa o que foi do que é. Basta entrarmos em um quarto de moça moderna: o mobiliario transformado faz-nos meditar.

Os moveis frageis e rebuscados, faltos de conforto, comprados geralmente pelas mamães previdentes e economicas com o sub-entendido: "Servirá até seu casamento"", foram já postos de lado.

Sem duvida um quarto de moça deve sempre ser gracioso e feminino. A severidade do couro, o genero excessivamente esportivo e masculino são condemnaveis.

Fig. 4

Mas deve nelle reinar uma certa sobriedade de linhas, um conforto solido e espiritual que afaste o aborrecimento das longas horas de espera, monotonas e vazias.

A moça moderna não vive de espectativas nem de sonhos. E assim, o ambiente do seu quarto revela o corajoso preparo do futuro pelo estudo, pela cultura da saúde do corpo e do espirito.

Eis nas figs. 1 e 2 as photographias de um quarto de moça desenhado e executado por um dos mestres decoradores de Paris, Djo Bourgeois.

Os muros são inteiramente cobertos de um tecido rosa pallido unido, sem friso, sem barra. Esse forro feminilisa o aposento, dá-lhe um caracter intimo, de alta elegancia que não se obtem com papel algum, e muito mais doce que nenhuma pintura.

Nesse quadro encantador os moveis são de sycomoro envernizado. O sofá amplo que serve de leito conforme o exige o espirito pratico moderno, comporta de cada lado um pequeno movel com gavetas. No encosto, do tlcance da mão, lavanta-se uma pequena estante para os ultimos livros adquiridos. Um grande movel singelo e baixo substitue a antiga commoda. As pequenas mesas portateis formando bibliotheca, mesa para chá ou para fumante são de aluminio polido e de formas variadas.

As cadeiras muito confortaveis são forradas de velludo beije. Beije tambem é o tapete pesado

Fig. 1

Fig. 3

em todo o assoalho, sobre o qual se notam uns tapetes pequenos, modernos, com bandas alternadas de côres beije, cinza e rosa.

Fig. 5

Nas janellas apenas umas cortinas leves e transparentes, cahindo em dobras rectas e armadas em tuneis de sycomoro de forma rectangular.

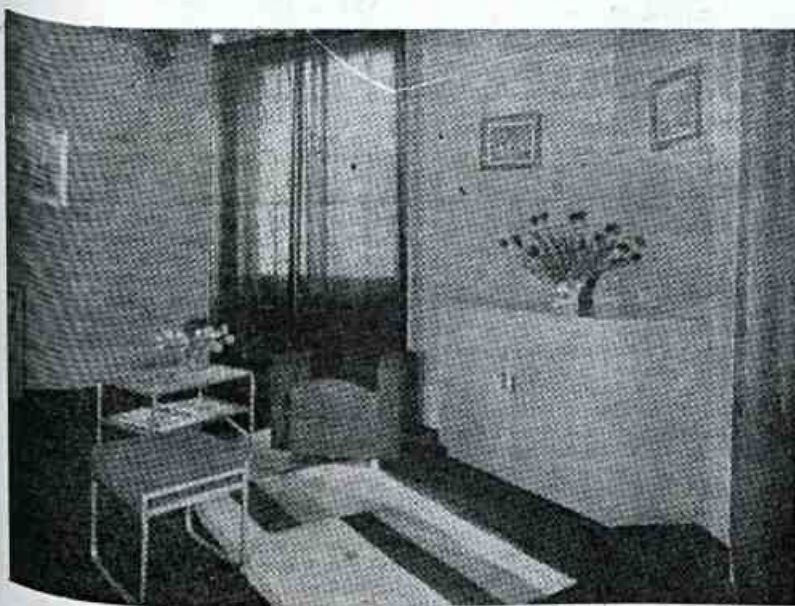



Fig. 2

A illuminação se compõe de dois tubos luminosos ladeando o espelho alongado, fixado á parede como um painel, e de pequeninas lampadas de aluminio e vidro fosco tal como se vê sobre a estante do sofá-leito.

ATE' OS PEIXES! — A ultima novidade em bolsas, são umas carteiras executadas por "Hermes" com pelle de peixe. Depois das cobras, os habitantes dos mares.

Toda a fauna ha de ir, não tem que ver! Nada escapará á vaidade feminina. Essa bolsa de pelle de peixe que vemos na fig. 3, é armada sobre um fecho de prata e traz um accendedor e uma carteirinha para cigarros de laca incrustada de prata.

Já esta outra de "Henry á la Pensée" (fig. 4) e de antilope negro, mas para se saber que é bem moderna basta ver que traz tambem uma carteira de cigarros e um accendedor. E, a mais, tem uma pequena concessão ao romanticismo de alguem que ainda saiba querer bem: um quadrinho para uma photographia. Tudo de esmalte negro, com delicados frisos de prata.

CHAPÉOS DE VERÃO — A moda feminina cada vez mais abandona a linha simples, quasi masculina que vinha adoptando ultimamente. Os chapéos deste verão estão longe da monotonia de formas e da escassez de ornamentos que demonstraram os do anno passado. Si é verdade que sempre uma certa sobriedade é de bom gosto, nota-se mais fantazia. A renda que já triumphou nos vestidos, reapparece nos chapéos. Já os leves véos de tulle a vinham annunciando.

Agora, esse chapéo de bangkok amarello, de Ascot, da fig. 5, é enfeitado por uma fita de faille amarrada adeante, a qual prende um babado de renda negra.

Fig. 6

A fig. 6, de Wanda, é de yantara negra, levantado na frente e guarnecido de tulle bordado.

BISCOITINHOS DE AVEIA — 170 grs. de assucar; 140 de manteiga; 140 de aveia. Derrete-se a manteiga com o assucar numa caçarola, junta-se em seguida a aveia de lata Quaker Oats. Mistura-se bem, deita-se num taboleiro de folha untada com manteiga, formando uma camada de meia pollegada de espessura. Leva-se ao forno bem quente, e deixa-se por cerca de 15 minutos. Antes de esfriar corta-se em pedacinhos quadrados.

C I N D E R E L A

A mentira castigada

Por Ulysses Galli

PARECE o titulo de um apologo, não é verdade? Pois bem: não é mais do que o titulo de um episodio veridico, de um facto real da vida do senhor Sachetti — facto occorrido faz apenas uns dois mezes e narrado pelo proprio protagonista a alguns amigos.

E' preciso notar antes de tudo, que o senhor Sachetti é um apaixonadissimo colleccionador de objectos de arte, notadamente de pinturas. E a essa sua paixão (quasi se poderia chamal-a *monomania*) teria o nosso homem sacrificado seu não pequeno patrimonio, si não tivesse um poderoso freio em sua mulher, sempre em guarda e sempre prompta a conter a desatinada carreira das *peregrinações artisticas* do marido.

Feitas essas explicações, entremos na materia do facto, dando a palavra ao proprio Sachetti, a um tem, po heróe e victima da aventura.

"Um dia, achando-me em Veado Torto, se me apresentou uma dessas pechinchas que apparecem raramente: tratava-se, nada mais, nada menos, que de adquirir um soberbo quadro de Delacroix — a *Noiva de Abydos* — por quasi nada, por um preço verdadeiramente ridiculo: quinze contos de réis.

"Naturalmente, eu não soube (como o poderia saber!) resistir á tentação, e fechei trato, sem pensar siquer no que diria minha mulher quando chegasse a seu conhecimento minha flamante acquisição, minha ultima *cabeçada*, para empregar o vocabulo com que ella qualificava, invariavelmente, minhas compras artisticas.

"Mas o terrivel pensamento assaltou-me ao regressar á casa.

"E só então se apresentou a meus olhos, com toda a sua intensidade, a tempestade conjugal a cujo encontro corria, e procurei, naturalmente, o pararaios mais seguro, que afastasse de minha cabeça os fataes descargas da indignação de minha esposa.

"Não vi sinão um: a mentira. "Occultarei" disse commigo — o verdadeiro preço do quadro."

"Pensei, primeiro, em rebaixal-o até os doze contos de réis. Pareceu-me, entretanto, ainda muito. Rebaixei-o depois até cinco contos e, por fim, me detive nos dois contos.

"Uma vez em presença de minha mulher, essa somma se me deparou ainda exorbitante, e fui baixando, baixando...

"Resultado: o estupendo quadro de Delacroix aos olhos de minha mulher, me havia custado a bagatela, a insignificancia de duzentos mil réis.

"E ainda assim ella o achou caro, carissimo, absurdamente caro, e eu tive de supportar pacientemente o seu desabafo.

"O quadro foi collocado no logar de honra do meu gabinete, e, dahi a dois dias, não se falou mais da compra.

"Tres semanas depois, tive que ausentar-me de casa por alguns dias, e parti só.

"No meu regresso, ante-hontem, uma tremenda surpresa me esperava. Entrei em meu gabinete e... céos! A "Noiva de Abydos" alli não estava.

"Immediatamente, corro á procura de minha senhora, e a interrogo, ansioso... Ella, sorridente, me responde com estas simples palavras:

— Durante tua ausencia, veiu aqui um cavalheiro que se interessava pelo quadro. Pedi-lhe trezentos mil réis, elle mos deu sem regatear e... levou o quadro. Como vês, um lindo negocio.

"Mordi os labios e sahi de minha casa resmungando, indignado:

" — Um lindo negocio!... Como não? Um lindo negocio!..."

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E. . . DETESTAVEL

IDYLLIOS TROPICAES

DA TIFFANY-STAHL (*Programma Serrador*)

Cinema GLORIA — Uma pellicula de emoções, resultantes de tres excellentes factores: o desenvolvimento do argumento, a sinceridade da interpretação e a bôa, firme e admiravel technica. O enredo tem uma sequencia logica e cuidada, com duas ou tres situações que commovam: os interpretes, nomeadamente Malcolm Mac Gregor, mantiveram, deante da objectiva, durante o desenvolvimento da pellicula, a mesma energia e segurança; a direcção aproveitou bem as situações e o ambiente; e a technica, se bem não nos tivesse dado cousas originaes (tem-se visto trabalhos soberbos do genero) é, no emtanto, d'um grande valor. Em resumo, porque para mais não temos espaço, trata-se d'um film que obteve pleno agrado por parte do publico, o que bem merece.

Cotação — BOM

MARCHA NUPCIAL

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Estamos em frente d'uma ensecenação maravilhosa, d'um recorte nitido, preciso e forte de dois ou tres caracteres d'uma interpretação que na generalidade, é acceitavel. Tudo isto servindo um enredo mediocre. A parte technica é valiosa, comquanto o pormenor das flôres de macieira esteja um tanto exagerado. A direcção que pertence ao principal

interprete, é sempre bôa no sentido de nos dar, veladas, as scenas mais escabrosas. Mas perguntamos, ainda que pareça ingenuidade: por que antes de berliques e berloques, antes da guerra, isto é antes da invasão da Europa pelo "jazz". aquelle "cabaret" nos apparece com todo o seu caracteristico moderno? Não. Desta vez o homem das *Esposas solteiras* cochilou. Bôa a synchronização.

Cotação — BOM

VER PARA CRER

Da First

Cinema ODEON — Uma espirituosa e modernissima comedia em que, envolvendo um enredo de objectivo moral, se não apresentam scenas de fazer franzir a testa do sr. juiz de menores. Estamos certos que a grande corrente de publico que seguiu para o Odeon emquanto se exhibir esta pellicula não foi lá por causa da moral mas... do resto. O film é d'um enredo vulgar, tem uma enscenação animada e brilhante e Colleen Moore e Neil Halmiton obtem o agrado publico. Mas estes seus trabalhos não lhe acrescentaram cousa alguma á gloria do seu nome. E', emfim, um film que se vê com agrado, mas que amanhã já não lembrará a ninguem.

Cotação — BOM

VOLGA, VOLGA

Do Programma Defa

Cinema PHENIX — Estupenda obra de arte cinematographica é esta, em que se póde aquilatar até que ponto de elevação esthetica a sua realização póde chegar. Ha n'ella grandes artistas, mas maiores do que elles, por excellentes que sejam e são, estão o enredo, os caracteres, a direcção e sobretudo a technica soberba que faz de *Volga, Volga* um dos melhores trabalhos que tem vindo ao Brasil. Para desejar seria que todo o Rio que ama o cinema não perdesse esta pellicula, para vêr com os seus proprios olhos que o cinema não é só a futilidade banal das desenfreadas beijocas, com que se entretem o gosto pervertido de muita menina romanticamente enferma. *Volga, Volga* é, como obra de arte, alguma cousa de monumental e soberbo.

Cotação — OPTIMO

S. O. S.

Da Ufa

Cinema RIALTO — Este film surgiu tambem com o titulo *Naufragos da vida*. Aquellas tres letras que encimam esta nota são mais expressivas, estão mais dentro do facto primordial do enredo d'esta pellicula. E esse facto vem a ser o terrivel naufragio do *Vittorio*, que é na verdade, um admiravel documento technico, que só por si valorizou o film. O argumento tem, em certos pontos, o quer que seja de inverosimil. Fryland, descontando certos exageros (talvez porque interpretava um italiano) foi o artista de magnificos recursos que já em anteriores trabalhos se firmou. A technica obedece ao criterio germanico, em que os meios tons produzem effeitos que mal se adivinham mas que são de profundo poder impressionista.

Cotação — BOM

a Eclectica
EMPREZA DE PUBLICIDADE
BRASIL
ANNUNCIOS DESENHOS - ORÇAMENTOS - IDEIAS
Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras
AV. RIO BRANCO 137 - 1º (EDIF GUINLE)
TELEPHONE N. 2356

Febus
PORTRAITS D'ART
Rio
A Photographia da Elite
RUA SANTO ANTONIO 6
(Elevador) TEL. C. 4745

Como um raio de luz!
... o disco "Odeon" leva alegria aos nossos lares, deliciando ainda mais as nossas horas de lazer. Qualquer genero de musica encontra-se em seu repertorio e continuamente apparecem as ultimas novidades dos maiores artistas nacionaes e estrangeiros.
A procura sempre crescente, dos discos brasileiros "Odeon" é a melhor prova de sua alta qualidade
DISTRIBUIDORES:
CASA EDISON
7 SETEMBRO 90 OUVIDOR 135
RIO DE JANEIRO
CASA ODEON LTDA
RUA SÃO BENTO 54
SÃO PAULO
GRAVAÇÃO ELECTRICA SEM CHIADO
ODEON

GLYCÉROPHOSPHATO
ROBIN
Lactação
Gravidez
Crescença
das creanças
Laboratorios M. ROBIN, 13, rue de Poissy, PARIS
Representante exclusivo e responsavel : R. AUBERTEL, Caixa 1344, RIO DE JANEIRO

O POÇO

Os Valadiers eram gente honrada, a quem todo o mundo estimava em Ccuiobres, mas que não comprehendiam nada da pratica da vida. O homem, principalmente, um typo gordo, corado, era visto em grandes apuros em sua profissão de corrector de vinhos. Nos dias de abundancia elle se vestia como um "lord" e não viajava pelos suburbios sinão em carro de dois cavallos. Nos dias de escassez, caminhava a pé e alimentava-se com sopas de alho e caracóes.

Sua esposa, a alta e secca Melania, podia esmagal-o de reprovações, que elle repetia sempre, sem alteral-os, os seus habitos. Para poder trabalhar bem, elle necessitava de alegria, como as arvores, para viver, precisavam de bom sol.

Um anno, em que a fortuna pareceu sorrir-lhes, resolveram edificar, perto do arrabalde da estação, uma linda casa, com um jardim onde haviam de vir cantar os passarinhos.

Mas, de repente, o dinheiro se deteve em seu manancial. O constructor viu-se obrigado a interromper o trabalho. Os Valadiers installaram-se, pois, com seus velhos moveis, na casa ainda por acabar, a qual, apesar de tudo, fresca e branca como uma noiva, sorria á primavera. Mas, não havia agua. Assim, foi preciso cavar um poço.

Valadier, sob a vigilancia de Melania, esteve quieto bastante tempo. Mas, um sabbado, declarou que tinha que comparecer, em Beziers, no dia seguinte, com alguns amigos, a um Congresso viticolo. Melania fez uma careta.

No dia seguinte, Valadier preparou seu carro para sahir ás quatro horas. Melania mostrou-se muito suave e terna e acolheu de bom modo suas lisonjas. Assim por volta das duas, disse-lhe tranquillamente:

— Valadier: os operarios fizeram pouco na obra. Devia ir até o poço para te certificares do trabalho que fizeram.

— Descer eu ao poço um dia de domingo! Com meu terno novo! Não! Amanhã.

— Sempre amanhã!... Si, por qualquer motivo, tiveres de ficar em Beziers, os operarios continuarão trabalhando mal e perderemos ainda mais dinheiro.

— Ficar em Beziers por qualquer motivo... Sim é possivel. Não voltarei provavelmente esta noite. Onde está a escada?

Retirou a escada da parede, onde Melania a tinha collocado. Fêl-a resvalar com cuidado até o fundo do poço, e a assegurou solidamente sobre seus pés.

— Si eu tirasse o paletó? — perguntou.

— Não, que te resfriarias. Toma meu lenço.

— Como queiras.

Valadier envolveu o pescoço com o lenço vermelho de Melania, e, rapido como um macaco, desceu os degráos flexiveis. Melania, sentada á beira do poço, seguia-lhe os movimentos com olho activo.

— Chegaste? — gritou-lhe.

— Sim, querida. Estou verificando a obra. Os operarios não trabalharam tão mal.

— Tanto melhor, então!... Vamos, já estás? Pois bem: agora fica ahi.

Com toda rapidez Melania levantou a escada e a levou com suas robustas mãos até o centro do jardim. Entretanto, no fundo do poço, Valadier ficou tão idiotizado, que não teve primeiramente forças para protestar. Receiando houvesse succedido alguma desgraça, Melania inclinou-se avidamente sobre o poço, para ver o marido. Elle, então, percebeu, no resplandro do céo, seu rosto claro e seu bonet

UM CONTO DE

JORGE BEAUME

branco com as barbichas flabelando e lhe extendeu os braços supplicantes:

— Pensas deixar-me muito tempo aqui, bem-zinho?

— O tempo sufficiente para que não possas ir a Beziers desperdiçar o dinheiro que nos resta.

— Queres, então, matar-me?... Alcança-me a escada, Melania.

— Não!

— Neste caso, te denunciarei á policia.

— Acalma-te, meu amigo. Além disso, é inutil que grites, porque ninguem te poderia ouvir. Adeus! Até logo!...

Melania foi, negligentemente, dar uma volta. Deante da terraço de um café, se encontrou com os companheiros de seu companheiro, que a interrogaram ironicamente:

— Onde está teu Valadier?

— Meu Valadier já foi.

— Já... Que pressa!... Vaes divertir-te bem esta noite...

— Assim o farei.

A' noite, quando a escuridão invadiu a cidade ella voltou para casa. Immediatamente tomou a escada e a deixou cahir devagarinho dentro do poço completamente negro. Valadier, naturalmente, ia subir furioso para pegal-a e bater-lhe. Então fugiu pelo caminho largo até o arrabalde opposto ao da estação. Ali, jantou e dormiu em uma estalagem.

No dia seguinte, muito cêdo, quando se ouvia a musica dos primeiros vendedores, ella se insinuou em seu jardim. Os operarios não haviam chegado ainda. A escada, fóra do poço, apoiava contra a parede seus braços humidos de orvalho. Melania olhou um momento as cousas agradaveis de seu pequeno dominio. Seu coração se commoveu como uma folha á beira de uma corrente.

A porta da casa não estava fechada a chave. Valadier, qual um nobre senhor, não temia os vagabundes. Melania subiu sem fazer barulho até seu quarto e bateu com um toc-toc discreto.

— Entre — responde a voz grossa de Valadier, que tendo terminado sua "toilette", procurava seu chapéo.

Melania entrou muito humilde e já submissa para receber justas represalias. Mas Valadier se poz a rir, sempre bonanchão e pueril, agora que seu desejo de farrear se havia dissipado.

— Aproxima-te — disse-lhe elle; — não tenhas medo. Sabes que hontem não jantei. Mas, em compensação dormi muito bem.

— Não tens raiva de mim?

— Não. Sabe alguem que me aprisionaste naquelle poço como um imbecil?

— Não. Ninguem o sabe.

— Então, já não tenho raiva de ti. Não é nada... Olha! De qualquer maneira eu teria devorado todo o nosso dinheiro em Beziers e hoje não teriamos talvez com que comprar o almoço. E's astuta, hein?... Vem...

Apertou-a ternamente em seus braços.

Apesar de tudo, Melania desconfiava e não se atrevia a levantar os olhos.

— Não tenhas medo, bôba. Déste-me uma optima lição.

— Assim o espero. Dize-me: soffreste muito dentro do poço?

— Bem pódes imaginal-o!

— Tanto melhor então, agora que tudo passou. As privações e o soffrimento proporcionam espirito. Como vês...

ESPIRITO ALHEIO

ALLIVIO

O vagabundo. — Quer que lhe côrte lenha, senhora?

A senhora. — Não. Obrigada.

O vagabundo. — Que lhe sacuda os tapetes?

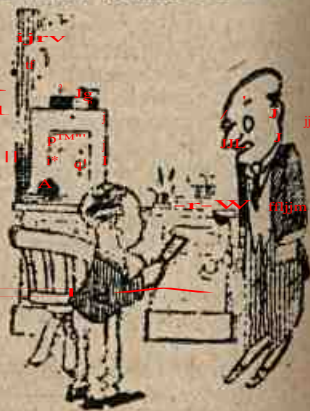
A senhora. — Tambem não.

O vagabundo. — Que lhe prepare o jardim, ou faça outros serviços?

A senhora. — Obrigada. Não precisamos de nada.

O vagabundo (*suspirando, alliviado*). Poderia, então, dar-me uma esmola?...

IMPONENTE

O carregador (*cujos serviços foram recusados*). — Levar-lhe-ei a valise por quinhentos réis... E por mil réis levarei o senhor e a valise.

— Escute, menino: vá dizer á mamãe que um admirador quer fallar com ella.

— Não vale a pena, seu moço. Agora mesmo venho de lá da parte do dentista e ella me disse: "Si fôr o dr. ..., diga-lhe que não estou em casa".

— Quero que me côrte o cabello.
— Sim, senhor. Mas, qual delles?

A adivinha. — Seu esposo será rico, generoso, elegante e bom...

A cliente. — Oh, que felicidade! Agora, quero que me diga como me desfaço do que tenho...

a tentação da sua belleza merecia...

Luciola ficára viuva de um general do Exercito e via-se agora, um anno depois, completamente só, com o filho, uma enorme fortuna e uma grande vontade de viver...

A resistencia era impossivel. E lá se foi o ajuizado senhor Eustorgio Dias dos Santos, de cambulhada com todas as theorias honestissimas de Itanhaé...

O nosso romance durou quasi um anno. Um anno em que amei doidamente. Um anno em que

O CONTO BRASILEIRO

(Conclusão)

me vi em apuros com as visitas paternas, sem saber como guardar os retratos indiscretos de Luciola, e muito menos, como guardar a devida compostura...

Mas um bello dia, tudo acabou: ella me escreveu dizendo calma e unicamente que nunca mais a fosse ver. Com a mesma facilidade com que nos havia unido, a sua sensibilidade esquisita, mysteriosa, nos separava. Não deu a menor explicação.

Corri á sua casa. Estava fechada. E o jardineiro, unica pessoa que ficára, informou sorridente que madame havia subido para Petropolis...

Dias depois, no Jornal do Commercio, vi o annuncio do leilão do palacete de Luciola.

Fui lá pela ultima vez. Trouxe um "abat-jour" lilaz da sua alcova... Mas não a vi. Nunca mais...

Mas ella ficou vivendo na lembrança desta aventura doida...

E' que Luciola foi a mulher revelação que todos nós encontramos na vida..."

TOSSES
BRONCHITES
ROUQUIDÃO

É conveniente pôr nova vida nas lampadas de projecção

Não ha outras baterias que durem tanto, nem dêem luz tão brilhante ou sejam tão economicas como as pilhas Eveready Unit Cell.

Deve insistir-se sempre em adquirir as pilhas Eveready— as melhores para lampadas de projecção em todo o mundo.

A venda em todos os estabelecimentos de primeira ordem.

Insista-se em adquirir
as melhores pilhas do mundo para lampadas de projecção

EVEREADY
Trade Mark
UNIT CELL

Representante da fabrica:
MITCHELL S. SCHLESINGER
Rua Quitanda 28, Rio de Janeiro

7146

30 ANNOS DE USO CONSAGRADO!
CREME DO HAREM
CONTRA ESPINHAS, RUGAS, MANCHAS, PANNOS E ERUPÇÕES DA PELLE

CAPSULAS
de
GOUTTES LIVONIENNES
de TROUETTE-PERRET
Creosote-Alcatrão - Balsamo de Tolu
Encontra-se em todas Drogarias e Pharmacias
Appr. D.G.S.P. sob o Nº 50 em 5-2-1887

RUBINAT LLORACH
A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL PURGATIVA
ACAUTELAR-SE DAS CONTRAFACÇÕES NACIONAES ou ESTRANGEIRAS

A carta que não se deve escrever

DE LÓPEZ MOLINA

ELLE tinha, apenas, cinco ou seis annos mais que ella. Mas, qualquer pessoa diria que era muito mais velho, pois o excesso de trabalho o envelhecêra prematuramente, pondo rugas em seu rosto e cinza em seus cabellos. Luisa era mulher que só via em seu esposo uma machina de fabricar dinheiro. Quando Hugo lh'o dava, ella não se cansava de dizer que elle era o *maridinho melhor do mundo*. Mas, si lh'o negava, então era o mais odioso e miseravel dos homens que vivem sob o céo do Brasil.

Mal Hugo lhe censurava seu pouco sentido da economia, já estava ella feita um mar de lagrimas, e as reprovações violentas começavam:

— Vivo quasi sem roupa! Qualquer mulher, a esposa de um engraxate, por exemplo, anda melhor vestida que eu, que sou a esposa de um rico industrial... Mas de que me serve ter-me casado com um homem de situação desafogada? Estou como si fosse a esposa de um empregadinho de duzentos mil réis!... Miseravel!

Hugo soffria com stoicismo aquella reprimenda. Não podia se acostumar áquellas injustas reprovações, mas sua paciencia crescia para supportal-o. Depois sabia que Luisa se desfazia em lagrimas e se encerrava no quarto até que elle, cansado e triste, fosse ao club, para esquecer a sua infelicidade conjugal.

Naquella tarde, occorêra uma dessas scenas lamentaveis. Luisa pediu a seu marido que lhe comprasse um vestido de baile, de que, segundo ella, precisava com urgencia. Hugo respondeu-lhe que não fazia ainda quinze dias ella adquirira outro, que lhe custára bom dinheiro. Antes não o houvesse dito, porque Luisa se exaltou de tal maneira, que parecia ter enlouquecido. Os gritos que deu chamou a attenção de todos o vizinhos, e não faltou agum delles que dissesse:

— Já está aquelle barbaro batendo em sua mulher!...

— E' um monstro! — exclamára uma vizinha, que trazia o esposo sob o sapato.

Hugo, ao vel-a assim, mais exaltada que nunca, lhe dirigiu apenas estas palavras, antes de sahir:

Não posso dar-te mais um real para trapos! Bôa noite!

II

AQUELLA negativa de Hugo enfurecêra enormemente sua irascivel esposa, que começou a forjar um plano de vingança contra elle. Que fazer para feril-o no que elle mais sentisse? Que vingança seria a sua? Estendeu-se na cama, depois se levantou nervosamente, como quem encontra a idéa afanosamente procurada, e chamou o criada.

— Quando chegar o patrão, entregue-lhe esta carta e diga-lhe que eu sahi com minha bagagem, sem que dissesse para onde.

— Sim, senhora.

— Mas eu não sahirei de casa, comprehende?

— Não, senhora... Não comprehendo...

— E's uma ignorante! Não comprehendes que quero fazer crer ao patrão que fui viajar, sem que dissesse para onde ia?

— Ah!, sim, senhora! Agora comprehendo.

— Muito cuidado! Não vás dizer-lhe que estou em teu quarto. Alli passarei toda a noite e, possivelmente, o dia seguinte... Comprehendes?

— Sim, senhora. Póde ficar tranquilla.

— Bem pódes retirar-te.

Um sorriso perverso se estendeu pelo rosto da mulher, quando se viu só, imaginando a angustia de seu esposo quando lêsse a carta em que lhe dizia que ia para sempre muito longe delle, porque não podia continuar vivendo ao lado de um homem que não sabia trazêl-a como merecia ella e podia fazêl-o. Sabe que o golpe seria terrivel, pois não ignorava o amor que Hugo sentia por ella. Fal-o-ia soffrer horrivelmente, e depois de vêl-o presa dos remorsos, appareceria em scena para atirar-se-lhe aos braços, e beijal-o, e rir a gargalhadas da pallidez e da afflicção que ostentaria o rosto de seu marido.

— Has de pagar-me tudo! — exclamou, em voz alta, brilhando em seus olhos de gata a chispa do prazer da vingança.

III

HUGO ganhára muito dinheiro durante sua incessante vida de trabalho. Pensou em retirar-se cêdo dos negocios e viver para sua mulherzinha, cobrindo-a do mais invejavel bem estar. Mas, com profundo desencanto, viu que Luisa, longe de conservar a fortuna que, afanosamente, elle vinha accumulando, parecia empenhar-se em atiral-a pela janella.

Então Hugo, para esquecer os aborrecimentos conjugaes, que o collocavam á beira da neurasthenia, e desanimado de retirar-se das actividades dos negocios, como sonhára um dia, e deu a jogar no club. Primeiro, escassas importancias, que foram crescendo sem que elle quasi o notasse, e, por fim, já envolto na voragem do jogo, sommas crescidas, dessas que fazem empallidecer de emoção aos mais inveterados jogadores.

E perdia sem remedio. Esperando a bôa-sorte, jogava noite após noite, até que chegou o momento em que sua fortuna como já occorrêra com sua illusão havia quasi evaporado, assim como já occorrêra com sua illusão de retirar-se dos negocios e viver apenas para sua mulherzinha, longe da áspera luta onde se debatem os homens que só sabem de numeros e de machinas.

Mais nervoso que nunca voltava do club aquella madrugada, pois as perdas haviam sido importantes, que eram capazes de sacudir o temperamento mais sereno. Entrou em sua casa e se dirigiu ao quarto de dormir. Estava em desordem por dentro e por fóra. Queria mergulhar no abysmo do somno, esquecer-se de que existia...

— Patrão, patrão...

— Que ha? — perguntou Hugo, extranhando que ás tres e meia da madrugada ainda estivesse acordada a criada.

— A patrôa recommendou-me que não me deitasse sem antes entregar-lhe esta carta ao senhor.

Pensou Hugo que talvez fosse um pedido de perdão pelos aborrecimentos que o fizéra passar esse dia. Luisa tinha dessas coisas: escrevia uma cartinha muito meiga para que fizessem as pazes... até o dia em que tornasse a pedir dinheiro...

Teve que se apoiar em um movel, para não cahir.

— Foi-se para sempre! — exclamou, mettendo os dedos no cabello e respirando com fadiga.

Viu sua vida terminada, aniquilada sem remedio. O amor e a fortuna, esses dois passaros irrequietos, haviam batido azas para sempre. Para que continuar vivendo?

E assim, quando Luisa se preparava para entrar no quarto, para rir da cara do marido, uma detonação a alarmou: Hugo acabava de metter uma bala no coração.

M. C.

AMOR TELEPHONICO

De J. B. SEGURA

No vigesimo setimo dia exacto de amor telephonico, Adelina Dallatela e Christovão Salchichelli combinaram trocar os retratos.

— Você me manda o seu aqui, ao escriptorio, em enveloppe fechado — disse-lhe ella, pelo telephone, — e eu lhe remetterei o meu, para ahi, tambem em envelopppe fechado. Está combinado?

— Perfeitamente, minha querida Adelina.

No dia seguinte, os dois namorados tiveram a satisfação de receber os retratos que haviam promettido trocar. Adelina, contemplando o de Christovão, lançou um longo suspiro. Em seguida, apertando-o contra o peito, exclamou:

— Que encantador! E' como eu imaginava!

Christovão, no mesmo instante, como que obedecendo a uma poderosa força telepathica, fazia exactamente o mesmo com o retrato de Adelina.

— Que encantadora! E' como eu a imaginava!

E ambos, sem se conhecer pessoalmente, se sentiam mutuamente attrahidos por uma força insencivel. Desde que trocaram a primeira palavra de amor, seus corações deram em palpitar com a só alegria dos bemaventurados. Ella era telephonista e elle escrevente de um advogado colerico, que se exasperava por tudo. A' força de pedir elle numeros e ella repetil-os, suas vozes se foram tornando familiares. E não teriam chegado a ser namorados si a casualidade não sáe em seu auxilio. Uma tarde, Christovão pediu uma ligação, e embora ella, com sua voz contralto, repetisse o numero, acabou dando-lhe um engano. Ao fazer a rectificação, Christovão, inconscientemente, lhe disse:

— Mas, filhinha! Que tem você? Em vez de 30307, me deu o 30308.

— No emtanto, não andei longe, não é verdade, filhinho?

— Está falando sério com esse filhinho, senhorita?

— Muito sério. Então, você não disse por pilheria?

— Que esperança! Tão sério como poderia dizel-o meu patrão, que não gosta de pilherias.

Foi esse o ponto inicial de suas relações amorosas. Depois de uma galanteria, veiu outra, e depois outra, e no vigesimo setimo dia trocaram os respectivos retratos, que traziam uma candente dedicatoria. "Amar-te-ei até a morte", havia escripto Christovão. E ella, para impressional-o, escrevêra com sua letra vacillante: "Meu amor puro, vulcanico, será eterno: eterno como o dia polar."

Todas as tardes, Adelina Dellatéla cumprimentava seu galã, perguntando-lhe por sua saúe, pela de sua familia, e até pela de seu *bulldog*. E Christovão respondia invariavelmente:

— Eu e minha familia, e meu *bull-dog* estamos bem. Muito obrigado por sua attenção. E como vão você e sua distincta mamãe?

— Admiravelmente bem! — respondia ella, mimosa.

E nesse ponto iniciavam seu dialogo amoroso, esquecendo-se elle de seu trabalho e ella de attender aos outros que necessitavam do telephone e que, agarrados a seus respectivos apparelhos, se desfaziam em improperios contra esse utilissimo objecto.

Uma tarde, ao formular Adelina sua eterna pergunta: "Como vão de saúde você, sua estimada familia e seu sympathico *bull-dog*?" — uma voz aguardentosa, terrivel, lhe respondeu:

— Que interesse tem você em sabel-o, hein?

Assustada, ella cortou a ligação. Quem seria aquelle grosseirão? E esteve impaciente toda a tarde esperando o chamado de Christovão. Mas Christovão não deu signal de vida. Afinal, minutos antes de se retirar, Adelina se aventurou a desafiar aquelle individuo de voz terrivel e aguardentosa.

— O senhor poderia ter a fineza de informar-me si está o senhor Christovão Salchichelli? — perguntou, tremula.

— Não, senhorita — respondeu outra voz, embora não tão dura e terrivel como a primeira. — Está enfermo.

— Enfermo?! — balbuciou Adelina. — E é muito grave o seu estado? E' de inspirar cuidados?

— Não poderia dizel-o, senhorita, porque não sei.

No dia seguinte, desejosa de saber algo concreto sobre a saúde de seu namorado, Adelina voltou a fazer a sua pergunta:

— Continúa enfermo o senhor Salchichelli?

E a mesma voz da vespera lhe respondeu:

— Sim, senhorita.

— E' grave o seu estado?

— Gravissimo! Não ha esperança de salval-o.

No outro dia, idem, idem: Adelina fazendo sua habitual pergunta, e a voz estranha que respondia:

— Continúa peor; muito peor.

No sexto dia, com uma franqueza esmagadora, rude, Adelina perguntou:

— Morreu já o senhor Salchichelli?

E Christovão Salchichelli, que não só não havia morrido, mas nem pensava em fazel-o dentro de muito tempo, foi quem attendeu ao telephone, precisamente quando punha o receptor ao ouvido, para conversar com sua bem amada. Mas, ao ouvir aquella terrivel pergunta, demudado, ferido de morte em seu amor, com uma voz melodramatica, que não era a sua, respondeu:

— Sim, senhorita! Já morreu.

E ouviu então que Adelina deixava escapar um longo suspiro e dizia a alguem, que devia estar a seu lado e que talvez esperasse aquella resposta:

— Morreu, afinal, meu bem! Agora não poderás ter ciume...

ARTIGOS ESPECIAES
D'ALGODÃO, LINHO E SEDA
PARA TRABALHOS DE SENHORA

ALGODÕES PARA BORDAR D·M·C. ALGODÕES PERLÉS . . . D·M·C
LINHAS PARA COSER . . . D·M·C. ALGODÕES PARA TRICOT . D·M·C
ALGODÕES PARA PASSAJAR D·M·C. CORDONNETS . . . . . D·M·C
SEDA PARA BORDAR . . . D·M·C. FIOS DE LINHO . . . . D·M·C
TRANÇAS D'ALGODÃO D·M·C

DOLLFUS-MIEG & Cie, SOC AN.
MULHOUSE · BELFORT · PARIS

Os productos da marca D·M·C vendem-se em todas as casas de retrozeiro e trabalhos de senhora

OS SEUS
ACCENTOS
CAPTIVAM

Com o Decca pode-se ouvir a melhor musica como a interpretam os mestres da arte. Por isso é o portatil que maior popularidade tem no mundo inteiro.

O Decca é o apparelho mais elegante — mas nunca o Sr. julgue um phonographo pelas apparencias — o principal é o seu timbre, que é precisamente em que se reconhece um Decca emquanto se está ouvindo.

O PHONOGRAPHO PORTATIL

Informações para o commercio:

CARLOS HAERING

Rua Primeiro de Março, 28 — RIO DE JANEIRO

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto. FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922: *Hors Concours.*

A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados.

FABRICA
FERREIRA SOUTO & C.
RUA FONSECA TELLES, 18 a 30.
RIO DE JANEIRO

O homem que encontrou uma carteira

NÃO é que Justo Feliciano, o negociante em grãos de X. X. fosse precisamente um avaro. Mas defendia seu dinheiro e não gostava de gastál-o inutilmente.

Assim, ás quintas-feiras ia ao mercado proximo para comprar ou vender grãos em vez de ir gastar dez ou vinte mil réis no hotel da *Sala Verde* com seus collegas Margarino, Boudiola e Chonillino. S e n t a v a-se tranquillamente em um banco da praça, tirava do bolso um pedaço de pão e um pedaço de carne, e satisfazia tão bem a seu appetite como si houvesse saboreado o menú de um hotel afamado.

Mas, aconteceu, uma quinta-feira, que, ao sentar-se no costumado banco e ao tirar do bolso um pedaço de presunto e pão, viu a seus pés uma carteira velha de couro amarello, que parecia repleta. Depois de dirigir um olhar á direita e á esquerda para vêr si alguem o observava, recolheu a carteira e a metteu no bolso, deixando para outra occasião o verificar o que ella continha. Começou seu frugal almoço, mas a carteira lhe queimava o bolso. Impacientando-o, e essa impaciencia até lhe cortava o apetite. Envolveu de novo o presunto e o pão, levantou-se e dirigiu-se para a beira do rio, que era um logar deserto, onde não se corre o risco de ser surprehendido.

Quando se viu sob as arvores que se erguem á beira da corrente, tirou a carteira, abriu-a e poude verificar que encerrava vinte e duas lindas notas de quinhentos mil réis. Deante dessa pequena fortuna, Feliciano soffreu quasi uma syncope. Depois pensou:

— E' preciso ser muito imbecil para perder onze contos!

Nem por um instante lhe passou pelo cerebro a idéa de entregar a carteira na delegacia. Pelo contrario: tirou as notas, collocou-as na sua, e, como a carteira achada estava muito usada, suja e não tinha valor algum, a confiou ás aguas do rio, que a um kilometro dali iam verter-se em outro maior. Feliz com seu achado, estimando que não havia perdido o tempo. Feliciano se dirigiu á estação para tomar o trem, de regresso á sua casa.

Encontrava-se na *gare* com Marino, Boudiola e Chonillino, quando um homem de cara avermelhada, vestindo uma blusa larga como as que usam os negociantes em gado, se precipitou para elle e lhe disse:

— Foi você quem encontrou minha carteira debaixo de um banco da praça.

Feliciano não se trahiu, e respondeu:

— Eu?! Mas, o senhor está louco?!

— Viram-no apanhál-a. A carteira continha onze contos de réis. Devolva-mos!

— Eu? Si a houvesse encontrado... Mas o senhor não sabe a quem se dirige. Pergunte a esses senhores si sou capaz de apoderar-me de um dinheiro que não é meu.

E designou Margarino, Boudiola e Chonillino, que juraram que Feliciano era incapaz disso e que para elle onze contos não significava nada, pois era homem rico.

O da blusa foi-se embora.

Chonillino disse, então, a Feliciano:

— E' claro! Si andas vestido como um vagabundo... Não me admiro que i n s p i r e s desconfiança.

Feliciano reconheceu a verdade dessas palavras. Assim, logo que chegou em sua casa, sem dar conta de seu achado a sua mulher, lhe disse:

— Tens que ir encommendar tres vestidos na casa da senhora Layasse. Nós não podemos continuar a andar assim. Eu tambem vou mandar fazer roupa para mim.

A mulher ficou com a bocca aberta.

— Quanto á comida — acrescentou o marido — pódes e x c e d e r - t e um pouco mais.

— Enlouqueceu, sem duvida! — pensou a esposa de Feliciano.

E mais espantada e alarmada ficou ao ver que todas as tardes o marido ia tomar o aperitivo com seus amigos e fumar grandes cigarros.

P o r ter encontrado onze contos, apropriando-se delles indevidamente, Feliciano julgou necessario, para não se tornar suspeito, atirar o dinheiro pela janella, ao ponto de ficar sem um vintem e desacreditado.

RODOLPHO BR[illegible]

Versos

Ballada á Mariposa

Mariposa, o céo é aberto,
Por que não vôas além?!
A luz te tenta, decerto,
Mas és culpada tambem.

Quando cáes toda queimada
No rodopio da morte,
Ha gente que diz: — "Coitada!
Que crueldade de sorte!".

Entretanto, Mariposa,
Como a mulher, és culpada:
— Si a sorte não te é ditosa,
E' por ti mesmo arranjada.

. . . .

Mulher, — linda mariposa,
Si o amor lhe fecha os sentidos,
Abrindo-lhe o coração,
O homem tem sempre a culpa
Dos dias que diz perdidos,
De ter queimadas a azas
Ao fogo de uma illusão...

RENATO FERREIRA.